

***Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História***

***Planos, Ações e Experiências na transformação da
“pacata” Florianópolis em capital turística***

Leonora Portela de Assis

***Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História do
Departamento de História da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito
parcial para obtenção do título de mestre
em História Cultural***

***Orientadora: Prof^{ca} Dr^a Cristina Scheibe
Wolff.***

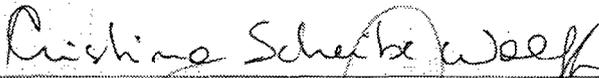
***Florianópolis
novembro de 2000***

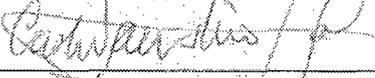
PLANOS, AÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA TRANSFORMAÇÃO DA
"PACATA" FLORIANÓPOLIS EM CAPITAL TURÍSTICA

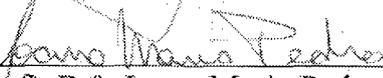
LEONORA PORTELA DE ASSIS

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª. Dr.^ª. Cristina Scheibe Wolff (Orientadora/UFSC)


Prof. Dr. Carlos Walter Porto Gonçalves (UFF)


Prof.^ª. Dr.^ª. Joana Maria Pedro (UFSC)

Prof. Dr. Sérgio Schmitz (UFSC)

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 24 de novembro de 2000.

*Ao Maurício,
pelo apoio inabalável e
por reconhecer o valor da pesquisa acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

O agradecimento inicial é para minha orientadora Cristina Scheibe Wolff, que aceitou acompanhar esta pesquisa. Senti-me constantemente desafiada por seus comentários tão pertinentes que me fizeram refletir, reorientando, por suas preciosas indicações, os caminhos que havia escolhido. Ela aplica, no mais verdadeiro sentido, a palavra orientação, pois, além de estar atenta aos perigos da concepção e da redação, mostrou-se inabalavelmente solícita às constantes leituras que lhe encaminhei nos últimos meses, inclusive nos dias que se seguiram ao nascimento de sua pequena Luiza.

A forma final deve-se também às professoras do Departamento de História da UFSC, Cynthia Machado Campos e Joana Maria Pedro, que no momento da pré-banca, sugeriram uma nova roupagem ao texto. Outro desafio que busquei enfrentar e cujo resultado me agradou.

Ao CNPq, que financiou, durante um ano, esta pesquisa por meio de uma bolsa.

À colega de graduação e amiga Elaine Cristina Vicente pela ajuda na difícil transcrição das entrevistas que exigiram muitas “traduções”.

Às companheiras de mestrado Valdete e Leninha com quem pude trocar experiências, fazendo com que essa caminhada não parecesse tão solitária.

Às bibliotecárias da Biblioteca Central da UFSC – setor Santa Catarina; da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – setor Santa Catarina; da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes e da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Florianópolis, pela solicitude.

Ao Senhor Doralécio Soares, ao Vilson, à Dadinha, ao Jojoca, ao Sílvio e à Teresinha por receberem-me em suas casas e por abrirem-me suas memórias, sem as quais este trabalho não revelaria um outro cenário da transformação de Florianópolis.

Ao Cândido, do IPUF, e ao professor Odair, do Departamento de Geografia da UFSC, pelas explicações e pelo empréstimo do material.

Aos funcionários, principalmente à Nazaré, e aos outros professores do Programa de Pós-graduação em História da UFSC, que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização da pesquisa.

À Zira, mestra de outros tempos, que, com carinho, aceitou revisar a versão final, assim como a amiga Estera, professora da biblioteconomia da UFSC, que corrigiu as notas e referências bibliográficas.

À amiga Cristina Doneda, que entreteve, com freqüência, minha filha junto à sua, fazendo com que as necessárias ausências maternas não se tornassem um problema.

Ao Mauricio e à Cristiana, que souberam entender esses momentos de ausência familiar, sobretudo na fase final, apoiando-me, criando condições favoráveis à concentração que a redação exigiu; e ao Felipe, que, com de seus inúmeros movimentos, fez-se constantemente presente em meu ventre, sendo minha companhia mais próxima, fazendo com que não me sentisse sozinha nas longas horas em que todos se recolhiam ao repouso.

“A história do tempo presente é antes de tudo história”¹

¹ BERNSTEIN, Serge, MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, Agnès. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.127.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

p.01

CAPÍTULO 1

UM ELO ENTRE O DISCURSO ECOLÓGICO E A “VOCAÇÃO” TURÍSTICA DE FLORIANÓPOLIS

p.23

Aspectos do pensamento e da prática ecológica no Brasil: os anos 70 e 80

p.28

Visualizando uma transformação: o turismo chega à cidade

P.39

Turismo e natureza na ilha: breves conseqüências dessa união

P.46

CAPÍTULO 2

DISCURSO POLÍTICO E POLÍTICAS PÚBLICAS: CONSTRUINDO A “FLORIANÓPOLIS CAPITAL TURÍSTICA”, UMA UTOPIA URBANA ENTRE OS ANOS 60 E 80.

P.55

Desenvolvimento e modernização: novos ares para a pacata Florianópolis

P.66

Pontes, avenidas e forasteiros: um projeto urbano em fase de concretização

P.73

Crescimento e transformação: a institucionalização do planejamento

p.76

Planejar para preservar: planejar é impedir o erro?

p.80

Palavra de ordem na posse da municipalidade: conter a poluição das águas

p.83

Sofisticando uma idéia: indícios de um novo projeto de cidade

p.86

CAPÍTULO 3

p.92

A DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

p.115

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

p.119

Entrevistas

Documentos oficiais

Bibliografia citada

Bibliografia consultada

RESUMO

ASSIS, Leonora Portela de. Planos, Ações e Experiências na transformação da pacata Florianópolis em capital turística. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, 2000.

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, experiência, discurso político, utopia urbana, urbanização, discurso ecológico, Florianópolis.

A Ilha de Santa Catarina é, na atualidade, sinônimo de paraíso turístico devido às suas belezas naturais. Essa imagem foi sacralizada pelos discursos que circulam sobre a cidade. A construção da “Florianópolis Capital Turística” faz parte de um claro projeto político das décadas de 60, 70 e 80. Naquele momento, a pacata capital, cuja dinâmica girava em torno do funcionalismo público e em torno de atividades artesanais – como a pesca – viu seu status ameaçado pelo crescimento econômico de outros municípios industrializados do Estado.

Para não perder sua posição, Florianópolis insere-se, rapidamente, numa lógica presente por todo o país: a febre do desenvolvimentismo. Os traçados da Ilha foram sendo refeitos, ganha uma nova ponte, assim como muitos aterros. O objetivo era enterrar, literalmente, muito de seu aspecto provinciano. A cidade verticalizou-se numa rapidez assustadora. Além do desejo de torná-la cosmopolita, por modernos traçados urbanos que marcavam um certo progresso, o discurso político elege a atividade turística como um caminho possível para engordar os cofres públicos.

Aos poucos, o discurso ecológico, que iniciava sua “infiltração” por inúmeros setores da sociedade brasileira, chega à cidade. A apropriação de idéias ecológicas incrementou esse “sonho” de modernização da Ilha e se faz cada vez mais nítido nos discursos políticos.

Toda essa movimentação em torno da transformação da Ilha, baseada no fomento ao turismo, é vivida intensamente por grande parte da população de recantos como a Lagoa da Conceição. A experiência, nesse contexto, apresenta-se como uma outra importante faceta da metamorfose urbana de Florianópolis : ela constitui sujeitos e dá visibilidade aos atores que não têm voz na documentação oficial.

ABSTRACT

ASSIS, Leonora Portela de. Plans, Actions and Experience in the Changing of Florianópolis into a tourist capital. Florianópolis, 2000. Master Thesis in History – Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, 2000.

Key Words: tourism, environment, experience, political discourse, urban utopia, urbanization, ecological discourse, Florianópolis.

Nowadays the Island of Santa Catarina is recognized as a tourist paradise due to its natural beauties. This image was perpetuated by some discourses surrounding Florianópolis. The establishment of the city as a tourist capital was part of a sharp political project implemented during the 60's, 70's and 80's. In those decades, the tranquil Florianópolis witnessed its economy, based on civil servant and handmade activities like fishing, being threatened by the economic growth of other industrialized cities in the State of Santa Catarina.

In order not to lose its importance, Florianópolis followed a tendency visible in the whole country: the “developmentism” trend. The Island was reshaped, it gained a new bridge and several sea embankments. The purpose was literally to bury much of its provincial aspects. The city thus suffered a fast “verticalization”. Besides this attempt to turn Florianópolis into a cosmopolitan city, through modern urban changes that depicted a certain progress, the political discourse elected the tourist activity as a possible way to increase the public funds.

Gradually, the ecological discourse, which was pervading many segments of the Brazilian society, started to domain Florianópolis. Such ecological discourse was appropriated by the political discourse, which used the ecology as an increment for the modernization “dream” of the Island.

All these movements concerning the tourism-based changes in Florianópolis were intensely lived by a major part of the population, especially in sites like Conceição Lagoon. Such experience is another important characteristic of Florianópolis' urban metamorphosis: it constitutes subjects and focuses on the actors who do not have voice in the official records.

INTRODUÇÃO

“O predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma precondição básica da história humana. A forma como ele racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante, que, nos últimos anos, recebeu bastante atenção por parte de filósofos, teólogos, geógrafos e críticos literários. O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas”¹.

A relação que a sociedade estabeleceu e estabelece com o mundo natural da Ilha de Santa Catarina é, por razões diversas, porém visíveis, vital e intensa. A busca por moluscos há alguns mil anos, a extinta pesca da baleia, o plantio exaustivo da mandioca até meados do século XX e a atualíssima maricultura são exemplos de algumas dessas relações ao longo da história da cidade. O meio ambiente tem sido um crescente objeto de estudo, circulando por incontáveis discursos das mais diversas áreas. Discursos que definem estilos de vida, permeando promessas políticas, criando hábitos e alertando para novas organizações do cotidiano – como, por exemplo, a reciclagem do lixo. Trata-se de um fenômeno de real abrangência.

A porção insular da cidade de Florianópolis² tem sua imagem intensamente explorada e divulgada no sentido de relacioná-la à natureza. A Ilha, neste fim de século XX, é sinônimo de destino turístico privilegiado, devido às suas belezas naturais – fenômeno

¹ THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural – mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 - 1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p.19.

²Para facilitar a escrita, algumas vezes, utilizarei Florianópolis para referir-me, exclusivamente, à porção insular da cidade que é o objeto desta pesquisa.

bem claro ao menos há duas décadas. Aliás, natureza aqui é chamariz ...

Esse fato fica explícito nos panfletos de divulgação sobre a cidade:

“A primeira impressão de quem visita Florianópolis é que está no paraíso. A beleza é tanta que entorpece os sentidos. O verde das montanhas, o mar, a fragância da natureza exuberante, ainda virgem. Florianópolis é ilha oceânica com 451 km², 42 praias, 280 mil habitantes. Capital de Santa Catarina, é ao mesmo tempo cosmopolita e provinciana. (...) Conheça Florianópolis, a Ilha Encantada dos viajantes de todos os tempos e de todas as estações”³.

Paradisiaca, exuberante e diversificada são algumas das “qualidades” que agradariam a uma grande maioria de viajantes do tempo histórico compreendido entre as últimas décadas do século XX e do início do século XXI. Assim, fica fácil entender por que é nacional e internacionalmente conhecida. Florianópolis é procurada como destino de férias por um número significativo de brasileiros e argentinos – conhecidos freqüentadores da Ilha – que desejam, em sua maioria, desfrutar da diversidade de seus 451km².

“Florianópolis é o melhor destino dos amantes do mar e suas praias. Enseadas de águas calmas, mornas, transparentes, emolduradas por morros cobertos pela Mata Atlântica. Praias de mar aberto, com grandes ondas quebrando nos costões. Balneários agitados, (...) vilas de pescadores à beira-mar, tranquilas e recatadas”⁴.

Se essa diversidade natural é inquestionável e corresponde a tantas expectativas – mar calmo, mar aberto, balneários agitados, vilarejos recatados – fato comprovado pelo súbito aumento da população nos meses de verão ⁵, questionáveis são os problemas de

³ EMBRATUR. Secretaria de Turismo de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis. *Ilha de todos os sonhos*. Florianópolis, s/d. Planfleto. Acervo pessoal..

⁴ Ibidem

⁵ Levantamentos do IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – falam em 900 mil pernites nos meses de janeiro e fevereiro de 1981, sem contar as estadias em casas de amigos e parentes. A população praticamente triplica. Acervo da Biblioteca do IPUF.

funcionamento da cidade no mesmo período: o abastecimento de água é insuficiente, sobretudo nos balneários mais freqüentados como Canasvieiras, Ingleses, entre outros; a falta de tratamento das águas servidas compromete a balneabilidade de muitas praias; e a circulação torna-se por vezes impraticável, devido à inadequação da cidade a um grande número de veículos, causando congestionamentos pouco vivenciados em outras épocas do ano. A precariedade dos empregos gerados pelo setor⁶, também não corresponde à imagem que se quer passar do turismo como captador de riquezas o ano inteiro. Essa é uma das facetas que comprovam que a atividade turística ainda não está tão sólida quanto se pretende e se divulga, nem é tampouco “ecologicamente correta”: inúmeras são as construções clandestinas – hotéis, pousadas e outras – em áreas de preservação, como dunas e costões.

Em Florianópolis, na atualidade, o discurso ecológico também está intimamente ligado ao turismo. Esse discurso tem sido apropriado e vivido por políticas públicas e por experiências de vida. Turismo e natureza estão tão associados na Ilha, e muitos discursos abordam o tema como “vocação natural” de Florianópolis, colocando essa atividade econômica num patamar de absoluto destaque. Não há nada de natural nesse fenômeno, ele se deve à emergência do discurso ecológico que instituiu e continua instituindo fazeres, construindo sujeitos, estabelecendo leis e práticas, até poucas décadas consideradas sem importância. Tais acontecimentos estão marcando a história da cidade. Assim sendo, o discurso que circula ao redor desse tema e dessa relação,

⁶ Sobre o assunto, ler OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à*

instituída e institucionalizada em Florianópolis, foi eleito objeto desta pesquisa, que tenta apresentar uma contribuição histórica sobre um olhar atual que a sociedade está destinando ao meio ambiente.

Assim como Keith Thomas – em sua envolvente obra *O Homem e o Mundo Natural*⁷ – tentarei persuadir os leitores de que os historiadores têm muito a oferecer, ao estudarem a transformação dos “olhares” e dos “fazerem” em face do mundo natural. O momento é oportuno, já que vivenciamos um período de ampla transformação cultural, ao questionarmos antigas estruturas sociais que não respondem mais às necessidades presentes, buscando construir novas práticas⁸, dentre elas, um novo relacionamento com a natureza. A influência do discurso ecológico é de tal significado na atualidade que aparece nos mais diversos segmentos da sociedade. Seu crescimento é espantoso, se considerarmos pouco mais de três décadas para sua ascensão.

Estamos, devido aos discursos sobre o meio ambiente, abdicando do papel de vilões e predadores – que sabemos perfeitamente executar – para assumirmos a nova função: a de protetores da natureza. Essa função está repleta de caminhos e possibilidades, começamos, apenas, a experimentá-los, por isso surgem conflitos e incoerências.

Nesse sentido, o discurso que formou a atual imagem sobre a Ilha de Santa Catarina aparece timidamente nos anos 50 e é apropriado pelos dirigentes políticos desde a década de 60. Nos anos 70, há um grande empenho para construir a “Florianópolis

indústria pós-moderna. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

⁷ Ibidem

⁸ Dentro desse amplo contexto de transformação cultural, cabe lembrar a militância feminista que nos fez rever tantas posturas.

Turística” – baseado em seus atrativos naturais – sufocando por definitivo a “Florianópolis Provinciana”. O objetivo primordial dessa transformação era a busca por visitantes para engordar as finanças do município. Em tempos de crescimento do pensamento ecológico, falar em natureza, mostrou-se como um excelente negócio, contribuindo para a rápida concretização deste projeto de cidade.

Entre outras características incutidas nessa imagem que se construiu sobre a Ilha, por receber muitos turistas “hermanos”, é que ela seria a capital turística do mercosul. *“Florianópolis recebe visitantes de todo Brasil e dos países vizinhos do Cone Sul, especialmente argentinos, uruguaios, paraguaios e chilenos. A cada dia que passa, consolida-se como Capital do Turismo do Mercosul. Em qualquer estação”*⁹. Elegeram-na como tal, porém quais foram os parâmetros utilizados? Quem votou?

Se discursos sobre a cidade, no final do século XX, a construíram como “Capital Turística”, “Ilha de todos os sonhos” e até “Ilha Encantada”, essas imagens não devem ser sacralizadas ou mesmo, naturalizadas. A Ilha não tem vocação natural para o turismo, foi a apropriação de alguns discursos – o ecológico e o turístico - que evidenciaram esse quadro. Uma das propostas desta pesquisa é trazer esses discursos à tona, inserindo-os em seu contexto histórico, relacionando-os e mostrando como estão sendo vividos pelas políticas públicas e pelas experiências de moradores locais.

A idéia central deste trabalho é perceber de que maneira Florianópolis foi ganhando uma nova roupagem após os anos 60, “adquirindo” o título de capital turística. Neste momento, apoiado no fomento ao turismo, instala-se na cidade um projeto político que visa acabar com seus ares provincianos. A construção dessa nova

identidade para a cidade concretiza-se, nitidamente, na década de 80. O crescimento do movimento ecológico impulsionou essa utopia urbana, pois, mesmo com toda a polêmica que suscita, vai ao encontro de demandas de moradores dos grandes centros urbanos nesta virada de século, desejosos de estar em contato com o mundo natural. O discurso ecológico foi amplamente apropriado pelos políticos, ao longo da construção dessa nova Florianópolis.

Assim sendo, para contar sobre a construção dessa utopia urbana, iniciada na década de 60 e concluída na década de 80, é preciso contextualizar o surgimento do discurso ecológico, concomitante com o discurso turístico – que é uma opção de crescimento econômico, para uma tão almejada transformação da cidade. Há uma mudança de atitude em face do mundo natural, evidenciada pelos discursos que circulam em torno dos temas turismo e ecologia. A apropriação do discurso ecológico perpassa todas as esferas – o que não quer dizer que esse discurso seja coerente com a prática, sobretudo política.

Esta é uma história muito atual, uma história do tempo presente. Fazer uma história do tempo presente exigiu a busca de respaldo teórico-metodológico, afinal, quantos de nós já ouvimos dizer que história que é história inicia seu olhar voltando-se para um passado não vivido? Esse recuo da dinâmica da atualidade simbolizaria, para grande parte dos historiadores, a legitimação da profissão, uma vez que o historiador, ao trilhar caminhos distantes, mais ou menos longos, perceberia as grandes tendências do passado estudado, mesmo partindo de um detalhe revelador¹⁰. Os

⁹ EMBRATUR. Op. Cit., nota 4.

¹⁰ Como é o caso de *O Queijo e os Vermes*, onde Carlo Ginzbourg, por meio do moleiro Menocchio, aborda a dinâmica da Inquisição, o pensamento popular e erudito do século XVI.

argumentos, opondo-se ao que parece antagônico - a história do tempo presente e também, segundo a professora Maria Bernardete Ramos Flores¹¹, que, durante um curso, usou o termo “*história no seu fazer*” - são fortes. Afinal, como visualizar a duração de um tempo tão veloz quanto o tempo presente? Não seria um tempo tão imediato que só a mídia, com toda sua velocidade, conseguiria retê-lo? Dentro do universo presente, repleto de informações “instantâneas”¹², qual seria o papel dos historiadores?

Essa é a interrogação central de um grupo de historiadores europeus¹³ - franceses em particular, uma vez que o *Institut d’Histoire du Temps Présent* foi por eles fundado e localiza-se em uma das periferias de Paris, na cidade de Cachan. O fato é que, no final dos anos setenta, desejosos de repensar a História Contemporânea sobre a 2ª Guerra Mundial, renovando a prática e a reflexão histórica, fundam o Instituto de História do Tempo Presente - o IHTP¹⁴, oficializado em 1980. A idéia era ultrapassar a ditadura dos arquivos tradicionais, buscando os múltiplos arquivos - “*a exuberância das fontes escritas, orais e audiovisuais*”¹⁵, valorizando particularmente os relatos dos atores históricos, seus “arquivos pessoais”, ou seja, a dimensão da experiência. Passadas quase duas décadas, problemáticas, questionamentos e métodos foram

¹¹ Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e autora dos livros: *A Farra do Boi*: palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997 e *Oktoberfest*: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

¹² Caberia uma longa discussão sobre a instantaneidade dos fatos, uma vez que os “fazedores” da mídia também filtram e selecionam, além de mexer e remexer nelas.

¹³ Cito os autores mais conhecidos do livro *Écrire l’Histoire du Temps Présent. - en hommage à François Bédarida.*, organizado por Robert Frank em 1992. São eles: Pierre Nora, René Rémond, Eric Hobsbawm.

¹⁴ IHTP - Institut d’Histoire du Temps Présent.

¹⁵ Traduzido por mim de *Réflexions sur une Notion*. In: *Écrire l’histoire du temps présent. En hommage à François Bédarida*, Op. Cit., p.23.

inventados¹⁶ - de maneira consciente - com o intuito de legitimar o IHTP, ou seja, um novo fazer histórico centrado no olhar dos atores desejosos de não ver suas experiências simplificadas e transformadas em um bem de consumo, em uma curiosidade boa para ser vendida. Falamos, aqui, de uma história movida pela demanda social, *“visto que atores e testemunhas, humildes ou não, não esperam mais muito tempo e dizem alto e claro, como mostra a proliferação de depoimentos em livros, que não pretendem deixar consumir suas forças e tornar insípidas suas lembranças aceitando privar de sentido sua experiência”*¹⁷.

Quais seriam as reais necessidades que levaram historiadores a preocuparem-se com a “história no seu fazer”? A história ampliou consideravelmente horizontes metodológicos e temáticos após a segunda metade do século, por isso tendemos a pensar que a enorme influência das metodologias de ciências humanas vizinhas, como a antropologia e a sociologia, seria o pivô desses questionamentos. Não é com elas, porém, que os historiadores do tempo presente delimitam fronteiras, mas com a própria história: o lugar do tempo presente, atualmente tão precioso ao olhar historiográfico, está entre a história dita imediata e a história tradicional.

A última dispensa grandes apresentações, uma vez que nos é particularmente familiar: fala linearmente dos grandes fatos e de heróis de um passado não vivido pelo autor, por meio de vestígios exclusivamente arquivísticos. O que seria, então, a história imediata? O imediato e o presente, é possível diferenciá-los? A história do tempo presente é uma reação bem clara a um mundo,

¹⁶ A palavra “inventada” é frequentemente utilizada pelos próprios historiadores do IHTP. Ver prefácio de Robert Frank em - *Écrire l'histoire du temps présent. En hommage à François Bédarida*, Op. Cit, p.10.

¹⁷ RIOUX, Jean Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAVEAU, Agnès (Org.) *Questões para a história do tempo presente*. Bauru, SP, Edusc, 1999. p.40 e 41.

em que a informação precisa ser veloz, vem de todos os lados, e, pelas mesmas razões, acaba diluindo-se, pasteurizando-se, perdendo sua singularidade. É também uma reação às esferas desse mesmo poder mediatizado – com força para criar ou destruir imagens¹⁸.

História imediata e presente são diferentes quanto à reflexão que as acompanha. A história imediata é jornalística e pretende reconstituir e explicar ao leitor a trama dos eventos cotidianos: faz um trabalho de informação. O jornalismo é essencial, sem dúvida, mas não exprime, necessariamente, todos os contornos da opinião pública. Em muitas circunstâncias, encaminha-se no sentido de divulgar interesses políticos e econômicos, ou informa reduzindo os acontecimentos, sem refletir, sem ao menos explicar o desencadear dos fatos e de suas correlações. “ (...) o jornalista é o homem apressado que relata fatos juntados, que acredita entregar a vida em estado bruto, mas que a simplifica e desfigura mediatizando-a em jato contínuo, que recolhe material de qualquer jeito e inventa fontes sem poder tratá-las”¹⁹. A idéia dos intelectuais do IHTP não é apresentar uma visão desfavorável do jornalista, mas delimitar territórios. Afinal, a história do tempo presente não se quer jornalística ou imediata, uma vez que procura encontrar os elos dos acontecimentos e pensa na teia de relações entre eles. São fazeres diferentes.

Uma outra constante interrogação sobre o tempo presente é: quando começa? O tempo no qual esta dissertação se concentra, são as décadas de 60, 70 e 80, momento em que emergem o discurso ecológico e a idéia de transformar Florianópolis em Capital

¹⁸ Penso, aqui, em imagens imediatas como as da televisão, do cinema e das fotografias, mas refiro-me também a imagens criadas pelos discursos.

¹⁹ RIOUX, Jean Pierre. *Entre História e Jornalismo*. In: In: CHAUVEAU, Agnès. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.121.

Turística. Porém, a pergunta sobre quais seriam os reais limites entre história do tempo presente e história tradicional continua sem poder ser respondida. As discussões que circulam sobre o início do tempo presente são inúmeras e não ousam – corretamente – definir marcos temporais, porque história do tempo presente e história tradicional, não sendo contínuas, como nos explica o historiador René Rémond²⁰, não precisam de separação²¹. Se os limites temporais não são nítidos, o que devemos colocar é que “o olhar do historiador do tempo presente, confrontando-se com a atualidade, tem uma abrangência relativamente curta: ele está mais atento aos detalhes”²². A história do tempo presente não busca ser uma continuação do passado, mas situa-se na emergência dos acontecimentos que quer entender. Olha para o passado em função de preocupações presentes e possui testemunhas vivas, desejosas de socializar sua experiências por meio de relatos de vida.

Não há datas rígidas, mas um perfil a ser preenchido, como por exemplo: possuir um tema ligado a preocupações da atualidade, abordar arquivos múltiplos – entre eles os fundamentais depoimentos de vida – ligar diversos fatos concomitantes e, sobretudo, intelectualizar esses fatos por meio de uma reflexão de suas fontes. Situar-se na emergência dos fatos, olhar para o passado em função de preocupações presentes e possuir testemunhas vivas são características muito marcantes nesta pesquisa sobre a apropriação do discurso ecológico vivido por políticas públicas e por experiências.

²⁰ RÉMOND, René. Quelques questions de portée générale en guise d'introduction. In: *Écrire l'Histoire du Temps Présent. – en hommage à François Bédarrida*. Op. Cit.

²¹ As publicações do IHTP demonstram claramente que o assunto “temporalidade” continua a ser uma das grandes reflexões dos profissionais preocupados com as questões metodológicas deste novo fazer.

²² Traduzido por mim de RÉMOND, René. Op. Cit., p.32.

Uma outra especificidade determinante na caracterização da história do tempo presente é a abundância documental. É preciso, logicamente, selecionar a documentação e “*não se afogar sob uma montanha de palavras ou imagens*”²³. O tempo que se tem para a finalização do trabalho é um elemento que força a seleção, fazendo com que algumas viagens temáticas sejam abandonadas. A noção de arquivo também se transformou em face da riqueza das fontes visuais, audiovisuais e, sobretudo orais. A existência de testemunhas vivas é determinante e consensual. Há um intenso trabalho de história oral, uma vontade explícita de não ignorar a dimensão da experiência, como já foi colocado anteriormente. Sendo assim, nesta dissertação optei por dar visibilidade a histórias de vida marcadas pelo crescimento da cidade, visivelmente atrelado ao apelo turístico.

Devido a essa multiplicidade de material, as “receitas” metodológicas, tão importantes em outros contextos, não funcionariam. É preciso ter o contato com algumas abordagens que ajudam na análise e leitura e dos fatos. O conhecimento do contexto, ou seja, uma visão panorâmica das tramas que envolvem os acontecimentos, deve acompanhar o autor. Mesmo que, ainda, suscitando questionamentos de ordem interna e externa, a história do tempo presente já superou as barreiras da legitimidade e deve ser, ainda mais, objeto de preocupação dos historiadores.

Esta dissertação começou a ser pensada a partir da desnaturalização da tão exaltada vocação ilha para o turismo, uma vez que possui “belezas naturais inigualáveis”. Na trajetória do

²³ BERNSTEIN, Serge, MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, Agnès (Org). *Questões para a história do presente*. Op. Cit., p.129.

trabalho, a leitura de pesquisas acadêmicas que estudaram outras relações da sociedade com o meio ambiente na Ilha de Santa Catarina, mostraram-se decisivas para a compreensão e para a comprovação de que são, afinal, os discursos, de momentos precisos, que enfocam diferentemente essa relação. Não há nada de natural na vocação turística da cidade: esse é um dos olhares do momento histórico em que vivemos.

Dentre os estudos acadêmicos que preocuparam-se com a questão, os estudos antropológicos, baseados em vestígios arqueológicos, fornecem uma reflexão sobre as razões da movimentação e da instalação dos homens e mulheres pré-históricos em Meimbipe – batismo guarani da Ilha. É um marco na análise sobre as relações da sociedade nesse espaço natural. O litoral catarinense, há aproximadamente 5000 anos, começou a ser freqüentado por grupos habituados a vida em florestas. A motivação que os levou a sair das matas e migrar para o litoral, inicialmente de forma provisória, – aos poucos, alguns grupos sedentarizaram-se – foi a escassez de caça. A surpreendente dimensão dos sambaquis comprova a intensidade dessa primeira investida, cuja tônica foi a sobrevivência. Esses homens, caçadores e coletores, vendo diminuir a caça de grandes animais em regiões de Mata Atlântica, descobriram no litoral, abundância de proteínas. O fenômeno é nacional e de espantosa magnitude, como nos explica o historiador brasileiro Warren Dean:

“Acampavam em lugares protegidos, coletavam os moluscos abundantes e atiravam as conchas por cima dos ombros. Logo se acumularam pilhas enormes de conchas de amêijoas, mariscos mexilhões e ostras das árvores de lama. Esses monumentos espantosos se estendiam por até trezentos metros de comprimento e até 25 metros de altura. Por que se permitiu que os monturos se acumulassem de modo tão ostensivo? (...) Podemos apenas conjecturar. Ao longo da costa, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, muitas centenas destas pilhas de conchas, chamadas sambaquis, foram encontradas, embora erodidas e

cobertas por vegetação de restinga. (...) Não sabemos a densidade dos grupos que acumularam esses extraordinários monturos, ou por quanto tempo poderiam ter ocupado um determinado sítio. Calcula-se que um dos maiores continha 120 mil metros cúbicos de conchas. A 50 mil conchas por metro cúbico, significaria uma ração diária para cem pessoas por quinhentos anos.”²⁴

Nos anos 70, houve, por parte de pesquisadores, um grande interesse em conhecer, repertoriar e datar os sítios arqueológicos existentes no litoral catarinense. Um dos maiores pesquisadores que se dedicou à busca de vestígios arqueológicos e à compreensão sobre o assunto em Santa Catarina, foi o Padre João Alfredo Rohr²⁵. Anamaria Beck também se dedicou ao estudo sobre a utilização dos recursos do mar²⁶ e aponta os sambaquis como um espantoso resultado da ação humana sobre o meio ambiente. Em seu livro “*O problema do conhecimento histórico dos Sambaquis do litoral do Brasil*”²⁷ recorre aos escritos, desde os viajantes, para compreender a destruição desses sítios no Estado de Santa Catarina e no Brasil.

Um segundo exemplo de leitura que influenciou essa pesquisa, pois aborda uma outra relação da sociedade com o meio ambiente, é um certo discurso historiográfico dos anos 80. Instigado pela urbanização, pelo processo de higienização da cidade nos anos 1920, pelas práticas médicas, contribui ao nos mostrar o estabelecimento de uma nova percepção da natureza. Foi um momento de muito significado ao instituir hábitos que persistem

²⁴DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 42.

²⁵ Ordenado sacerdote pela Companhia de Jesus, abdica do magistério no Colégio Catarinense em 1964, optando exclusivamente pela arqueologia - que já fazia parte de suas atividades. Referência em arqueologia devido ao desenvolvimento de técnicas de escavação, às 92 publicações e aos escritos inéditos. Foi pesquisador do CNPq e catalogou inúmeros vestígios arqueológicos que se encontram no museu do Colégio Catarinense. O museu não é aberto à visita pois, de acordo com a direção do colégio, não possui infra-estrutura para receber visitantes.

²⁶ BECK, Anamaria. A utilização dos recursos do mar através da história. In: LEDO, B. (Org.) *O mar e seus recursos*. Florianópolis: UFSC, 1980.

²⁷ BECK, Anamaria. *O problema do conhecimento histórico dos Sambaquis do litoral do Brasil*. Florianópolis, 1974.

até os dias de hoje, como é o caso das inquietações relacionadas com o destino dos dejetos humanos. O destino dos dejetos humanos, que comprometia há muito tempo a qualidade das águas - por serem jogados a céu aberto - é fruto de uma transformação que se vai produzindo no olhar em face do mundo natural.

O enfoque do discurso médico que emergiu naquele momento era a “insalubridade” como geradora de doenças. Para os higienistas, a doença era um sinal do atraso do povo. Essa idéia acarretou fortes movimentos de higienização no país, dentre eles uma revolta: a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro²⁸. Aliás, a cidade do Rio de Janeiro, devido ao seu status de capital, “ditava” condutas, estabelecia novos costumes, servia de referência nacional. Essas novas práticas, muito influenciadas pelo discurso médico, foram perfeitamente visíveis na Florianópolis do início do século 20:

“(...) desde 1910 já vinha ocorrendo uma progressiva melhoria das condições sanitárias, como a instalação de uma rede de água e esgotos e alguns aterros e drenagens na área central”²⁹ pois a prática era ir “à praia para despejar os barris, cubos e tigres, vasilhames onde se recolhiam as matérias fecais. (...) Pelo fato da praia não ser lugar de passeio nem de gente, ninguém jamais abrigaria a idéia de um banho de mar. Seria o que de mais esdrúxulo pudesse acontecer”³⁰.

O enfoque central é a saúde, assim, o poder médico entra em cena de maneira ostensiva, com o objetivo incansável de atacar formas endêmicas de doenças que, como algumas verminoses, “*não eram novas na região e elas se manifestavam em Nossa Senhora do Desterro*

²⁸ Sobre a Revolta da Vacina ler CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

²⁹ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Fronteiras Internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In BRANCHER, Ana (org.) *História de Santa Catarina- estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1999. p.107.

³⁰ FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998. p.30.

desde o século XVI, conforme relatam antigos cronistas e viajantes”³¹. O valor atribuído a tais doenças muda consideravelmente, a visão da doença moderniza-se, apoiada “nos progressos da microbiologia, da parasitologia e no avanço do conhecimento da doenças tropicais”³², como nos explica Hermetes Araújo,

*“Na capital, médicos, autoridades e políticos descreviam de maneira dramática os problemas de saneamento e propunham medidas de toda ordem, que envolviam desde a distribuição gratuita de remédios até o controle dos movimentos da população no espaço urbano, Um tom de urgência impregnou as manifestações sobre a saúde pública em Santa Catarina, especialmente em Florianópolis, como se os surtos de malária e verminose representassem um acontecimento inusitado para a sociedade daquela época.”*³³.

Este cenário e seus personagens montavam uma imagem da cidade que o poder público e médico desejavam transformar por não estarem de acordo com a busca da grande utopia do momento – e que perdurou por mais algumas décadas não só em Florianópolis, como em todo Brasil, virando lema, assim como em grande parte da nação – o progresso.

Um último exemplo que influenciou os rumos tomados por esse trabalho é uma leitura da geografia, dos anos 1980, e está ligada à preservação da Mata Atlântica. A professora Mariléa Caruso³⁴ busca, em relatos de viajantes, informações sobre a cobertura vegetal da Ilha entre os séculos XVIII e XIX, fazendo um levantamento da vegetação primária. A vegetação descrita pelos viajantes, quando comparada ao quadro atual, fornece um panorama sobre o desmatamento ocorrido. O trabalho da professora Mariléa Caruso serviu para formar uma opinião sobre a

³¹ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. Cit. p.103.

³² Ibidem, p.104.

³³ Ibidem

³⁴ CARUSO, Mariléa Martins Leal. *O desmatamento da Ilha de Santa Catarina: de 1500 aos dias atuais*. Florianópolis: UFSC. 1990.

ação da sociedade na natureza, possibilitando discussões em torno de uma questão atual, ou seja, a proteção ambiental.

Neste trabalho sobre o desmatamento da Ilha de Santa Catarina, a professora Caruso conclui que 76% da cobertura vegetal original foi eliminada, responsabilizando a agricultura iniciada em meados do século XVIII, com a chegada dos açorianos, como principal agente degenerativo. Com seu declínio, já nos anos 1940, ocorre *“um processo de regeneração espontânea, através da sucessão ecológica secundária (...) vencendo as limitações dos solos extremamente esgotados pelo processo agrícola empregado”*³⁵. A urbanização da cidade, com seus aterros e drenagens, a falta de uma rede de esgoto urbano, assim como o hábito de atear fogo no que chama de *“capoeirinhas”* tem comprometido esta recomposição espontânea da vegetação. Defende um reflorestamento com espécies nativas e não com espécies como o pinus e o eucaliptos – que acentuariam ainda mais o desequilíbrio ecológico local. Para a autora – claramente preservacionista – os solos da Ilha seriam indicados para *“a preservação da fauna e da flora e para a recreação”*³⁶, pois *“ a maior parte da Ilha não tem vocação para a atividade agrícola permanente ou para a pecuária”*³⁷. Percebemos, então, que esse discurso está visivelmente influenciado pelo discurso ecológico. Ela faz parte de um movimento que serve para formar uma nova opinião sobre a ação da sociedade no meio ambiente. Influencia atitudes, proporciona discussões em torno de questões de grande atualidade - questões iniciadas pelos movimentos ecológicos e sociais, de maior ou menor porte, porém de grande importância na busca de novos referenciais.

³⁵ Ibidem, p. 146.

³⁶ Ibidem, p.147.

A visualização de alguns trabalhos acadêmicos que discutem diferentes relações da sociedade com o meio ambiente na Ilha de Santa Catarina, desnaturaliza a vocação turística da cidade, uma vez que comprovam que são os discursos, de momentos específicos, que constróem certas “verdades” históricas. Assim, para montar uma interpretação da construção da utopia urbana que essa dissertação pretende compreender, iniciei a busca por fontes documentais. Por ser um projeto político, as publicações que davam visibilidade à esse discurso, mostraram-se particularmente preciosas. Foi o caso dos panfletos de divulgação sobre a cidade: são um veículo do pensamento político do grupo que a administra naquele momento. Deparei-me, também, com um grande número de publicações que “prestavam conta” de ações executadas por uma determinada gestão municipal. Além de divulgarem o que havia sido feito naquele mandato, incluíam alguns planos futuros. Por essa documentação, entrei em contato com planos e ações de diferentes prefeitos, entre os anos 60 e 80. A medida que os anos dessas publicações passavam, ficava cada vez mais explícita, a apropriação do discurso ecológico pelo discurso dos políticos. Tais prestações de conta, constituem parte fundamental do corpo documental dessa pesquisa. Parte das informações sobre as ações vieram da documentação do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, o IPUF. Esse órgão foi fundado no período estudado e representa a institucionalização do planejamento urbano no município. A reordenação da cidade, por meio de novos traçados, é extremamente significativa nesta nova cidade que se está desenhando. O projeto urbano ao longo dos trinta anos estudados,

³⁷ Ibidem

pretendia literalmente enterrar a pacata Florianópolis – não é à toa que são efetuados os aterros das baías norte e sul.

Para completar o panorama dessa movimentação que circulava pela cidade, a busca por depoimentos orais, de habitantes locais que vivenciaram a transformação de seus redutos, outrora, tão pacatos e, hoje, absolutamente remexidos pela nova função da Ilha, apresentou-se como imperativo. Entrevistei alguns dos personagens que envolveram-se, de alguma maneira, com os turistas que visitam a cidade a cada ano. O Vilson e o Valdori são proprietários de restaurante. Deixam bem claro que a sazonalidade é um problema e se tivessem que viver dos turistas não teriam conseguido sobreviver. Dadinha e Terezinha já foram rendeiras, porém a renda nunca deu lucro, assim, a primeira dedica-se ao lar e a segunda decidiu substituir a renda pela camiseta: “*vende melhor*”... Seu Jojoca revolta-se com a poluição da Lagoa, o peixe dali não come mais, além de incomodar-se com a movimentação das casas noturnas e dos passantes que não respeitam seu precioso repouso. Seu Sílvio abriu um bar e uma pequena venda. Nem sempre pode contar com o dinheiro de seu negócio, todavia aprecia os confortos da urbanização, como por exemplo, a agilidade do transporte coletivo. Ir e vir ficou bem mais fácil do que na época onde tudo era feito à pé.

O tempo apressou-me, as transcrições eram longas, assim, para conseguir um leque mais amplo de depoimentos, recorri ao *Vozes da Lagoa*³⁸. Desse livro retirei diversas “vozes” muito significativas.

³⁸ BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. *Vozes da Lagoa*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes / Fundação Banco do Brasil, 1995.

Para entender a concretização do projeto que se pensou para a cidade após os anos 60 - atualmente a cidade se divide por outras utopias urbanas³⁹ - esta dissertação compõe-se de três capítulos.

O *Capítulo 1* preocupa-se em demonstrar como se estabeleceu a forte ligação entre o discurso ecológico e o turismo em Florianópolis. Apresenta a emergência do discurso ecológico no cenário internacional, sua chegada ao Brasil e seu estabelecimento na cidade, assim como a emergência do turismo trilhando o mesmo percurso. O discurso ecológico e o fomento ao turismo entram em cena num momento em que se vislumbra um novo projeto de crescimento da cidade que precisa reafirmar seu status de capital, para poder continuar usufruindo dos benefícios desse “título”. A bibliografia sobre o movimento ecológico é vasta, diversificada e amplia-se consideravelmente. Preenche prateleiras de diversas áreas - ciências biológicas, ciências sociais e, inclusive, escritos considerados pelo meio acadêmico de alternativos. Há um consenso quanto ao questionamento da dinâmica estabelecida entre a sociedade e o meio ambiente, mas não uma única proposta de mudança. Em Florianópolis, assim como em grande parte do Brasil, primeiro chega o discurso e, em seguida, sua institucionalização. Um exemplo das muitas entidades organizadas nesse sentido são: o MEL (Movimento Ecológico Livre), marcando os anos 80, e a Organização não Governamental CECCA (Centro de Estudos Cultura e Cidadania), da década de 90⁴⁰. Sobre o turismo há um número crescente de publicações. A editora Papyrus, nos anos 90, consagrou à área uma coleção: a Coleção Turismo, que

³⁹ Sobre os atuais projetos de cidade que dividem a população florianopolitana, ler FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000

⁴⁰ Na cidade há outras entidades menores e menos conhecidas, como veremos no capítulo 2.

continua a ser editada. A explosão da abertura de faculdades de turismo na grande Florianópolis, no final dos anos 90, demonstra o crescimento do interesse pelo setor – foram abertos ao menos 5 cursos superiores nos últimos 5 anos. A discussão sobre os projetos de crescimento da cidade recebeu uma recente publicação, *Cidade Dividida*⁴¹, que dá visibilidade às disputas e aos dilemas sobre os caminhos que estão sendo pensados para a Ilha. Contamos também com o livro de Helton Ricardo Ouriques⁴², que questiona a geração de empregos pela atividade turística.

O *Capítulo 2* dá visibilidade a alguns discursos políticos, apropriando-se do discurso ecológico e sua transformação em políticas públicas para mudar o perfil da cidade, consumida por crises financeiras e ameaçada pela perda de sua posição como capital, já na década de 60, tornando-se um objetivo muito claro nos anos 70. O prefeito Acácio Garibaldi Santiago, no poder entre 1966 e 1970, introduziu na cidade o planejamento urbano. Planejar para proteger, porém essa proteção significava dar novos ares à cidade por meio dos traçados das pranchetas, há um certo efeito Brasília na Ilha. A institucionalização do planejamento urbano aconteceu em 1977, com a oficialização do IPUF – Instituto de Planejamento Urbano, na gestão Amin (20 set. de 75 a 14 de ago. 78). A cidade cresceu desde então, e o planejamento acompanhou a idéia de se construir uma nova cidade, pois sentia-se amedrontada por não possuir destaque financeiro, precisando, então, perder características provincianas, ou seja, modernizar-se. Era preciso criar diferenciais. O turismo já era apontado como uma boa

⁴¹ FANTIN, Márcia. Op. Cit.

⁴² OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

solução e começou a ser naturalizado. Bulcão Viana assumiu em 1989 a defesa para a cidade o trinômio “*turismo, ecologia e tecnologia*”, comprovando que, naquele momento Florianópolis já não era mais pacata e que o projeto de transformá-la em capital turística já estava sendo concretizado.

O *Capítulo 3* apresenta alguns personagens dessa trama. São moradores locais, que muito têm a dizer sobre suas experiências dentro do contexto de crescimento e transformação da Ilha. Experiências de vida intimamente ligadas às diretrizes políticas para crescimento da cidade, onde o turismo ocupa lugar de destaque. Tais experiências só puderam ser “reconstruídas” por depoimentos orais que contam ora a trajetória de vida, ora lembranças pontuais sobre a transformação pela qual a cidade passou e tem passado. Realizei algumas entrevistas formais e outros depoimentos foram obtidos por meio do livro *Vozes da Lagoa*. Aliás, a região da Lagoa, por ser muito procurada por turistas e por ter vivido uma transformação profunda, desde os hábitos e costumes até a paisagem, foi eleita o foco da pesquisa oral.

Como forasteira e com fortes referências urbanas, cheguei para morar em Florianópolis no inverno de 1992. Sem ter tido contatos anteriores com a cidade, muitos contrastes chamaram-me particularmente a atenção. Uma urbanização constante e acelerada em meio a uma natureza exuberante, a velocidade da moderna malha viária e as vielas perdidas em recantos isolados, e principalmente as muitas pessoas de uma sociedade cosmopolita tentando encontrar e delimitar espaços na vida “pacata”, ao olhar forasteiro, que esta Ilha oferece.

Visivelmente influenciada por uma série de movimentações que se estabeleceram na cidade, a proposta de trabalho que apresento por meio dessa pesquisa é um olhar sobre uma história do tempo presente na Ilha de Santa Catarina. Ela vê o passado recente em função de uma preocupação muito atual: os discursos sobre o meio ambiente sendo vividos pelas políticas públicas e pelas experiências. Suas fontes são múltiplas: livros, jornais, revistas, cadernos e panfletos de divulgação turística, além de depoimentos orais que valorizam a dimensão da experiência, com o intuito de dar voz àqueles que não se vêem nos tradicionais veículos de divulgação.

A pesquisa buscou entrelaçar e entender a relação entre alguns acontecimentos concomitantes que tiveram lugar nas últimas três décadas e cujo cenário foi a porção insular de Florianópolis, fazendo emergir uma nova imagem da cidade.

CAPÍTULO 1

O ELO ENTRE DISCURSO ECOLÓGICO E “VOCAÇÃO” TURÍSTICA

“- Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui, perguntou Alice?
- Tudo depende muito de onde você quer chegar, respondeu o gato”.¹

Ecologia e turismo estão entre os assuntos de maior destaque nas discussões da atualidade florianopolitana, onde encontraram um cenário perfeito para se unirem. O elo entre eles é antigo, como nos explica Raymond Williams, em sua obra *O Campo e a Cidade*². Após a explosão das cidades, a natureza é romantizada em versos, no imaginário de muitos moradores dos grandes centros urbanos. Em Florianópolis, quais foram os caminhos trilhados pelos dois temas até encontrarem-se? Como se estabeleceu essa união? Este capítulo procura refletir sobre a questão. Discussões sobre esses dois domínios continuam recebendo destaque na dinâmica que envolve os destinos da cidade nesta virada de século, todavia eles foram de visível importância nas décadas de 70 e 80, servindo para dar uma nova roupagem à Florianópolis – particularmente à sua porção insular.

O incentivo para que a natureza abundante da cidade fosse conhecida e explorada economicamente antecede, em algumas décadas, à chegada do discurso ecológico e seus jargões, mesmo que, em meados dos anos 1950, o anuário *Florianópolis Turístico*³ já projetasse a idéia de proteção das belezas naturais da cidade, com o intuito de atrair e de encantar os visitantes. Sérgio Luiz Ferreira

¹ CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Ática, 1999.

² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

em seu *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*⁴, cita um artigo do jornal O Estado, de 1946, cujo título é: “*Como transformar Florianópolis em centro de turismo*”⁵. O turismo que se pensava, naquele momento, era o turismo da saúde, pois os ares marítimos proporcionavam “*repouso aos organismos esgotados*”⁶. Segundo a mesma fonte, a transformação da Ilha em centro de turismo “*ocasionava olhares de descrédito e compaixão*”⁷, fazendo parte de um “*sonho utópico de meia dúzia de idealistas*”⁸.

Mesmo na década seguinte, nos anos 50, o fomento ao turismo não era visto com entusiasmo e, conseqüentemente, não recebia grande atenção por parte dos governantes. Concordo com Sérgio Luiz Ferreira, que aponta a mudança desse quadro somente no final dos anos 1960, quando se inicia a construção de uma série de estradas na Ilha, aproximando recantos isolados à “civilização”.

“ De fato, somente com a construção de estradas estaduais, se processou o movimento das praias do interior da Ilha. Antes delas, os caminhos eram meras trilhas para carruagens. Foi no governo Celso Ramos (1961-1966) que se iniciou a abertura do leito da SC 401, ligando a cidade a Canasvieiras. Mas foi somente no governo Colombo Salles (1971-1975) que estas estradas⁹ receberam asfalto. (...)

Antes da década de 70, os veranistas freqüentavam no máximo Cacupé e Sambaqui ao Norte e Ribeirão da Ilha ao Sul. Com a abertura e asfaltamento das estradas estaduais, aliada à poluição das praias do perímetro urbano, o eixo de interesse dos veranistas mudou-se das praias das baías Norte e Sul para as praias oceânicas”¹⁰.

³ SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*. Florianópolis, 1955 e 1956. Acervo de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

⁵ *Ibidem*, p.102.

⁶ *Ibidem* p.102.

⁷ *Ibidem*, p.103.

⁸ *Ibidem*, p.102.

⁹ As outras estradas às quais se refere também estão citadas nesta passagem. São elas:

- SC 401: cidade – Canasvieiras;
- SC 402: continuação da SC401 após km13, chegando até Jurerê;
- SC 403: Canasvieiras – Ingleses;
- SC 404: Itacorubi – Lagoa da Conceição.

¹⁰ *Ibidem*, p.103.

Os anos 70 marcam uma nova mudança no olhar em face do mundo natural da Ilha, com o início de uma explosão discursiva por parte do meio político, que começa a pensar seriamente na “contemplação” da natureza como um excelente negócio para o município. É sobre essa transformação que este trabalho espera aprofundar-se, percebendo, neste capítulo, a chegada dos discursos que guiaram tais atitudes na Ilha – posteriormente veremos sua conseqüente apropriação pelas políticas públicas e pelas experiências de vida.

Desde a década de 70, começa a transparecer nos depoimentos de prefeitos, o desejo político de encontrar um viés de desenvolvimento econômico que desse visibilidade à cidade: viés que era a exploração turística de seus recursos naturais. Em agosto de 1978, o então prefeito Esperidião Amim, ao sair do cargo, fazendo um balanço de sua administração, declarou que *“Florianópolis era, naquele outubro de 1975 (momento em que assume a coordenação da prefeitura), um município à beira da falência”*¹¹. Nessa mesma entrevista, deu dados que justificavam sua declaração, dizendo que *“enquanto Joinville arrecada mensalmente, 16 milhões com ICM, Florianópolis, que é a capital, consegue um mingado 2 milhões. Devido a isto, ostenta um modesto sétimo lugar entre os 197 municípios de Santa Catarina”*¹². Obviamente, por se tratar de uma edição da prefeitura sobre o encerramento da gestão Amim, a seqüência do artigo aponta que as melhorias eram visíveis, fazendo com que Florianópolis ganhasse *“pique de capital”*¹³, devido aos inúmeros projetos prontos e aos projetos em andamento. O nosso objetivo não é fazer críticas ou

¹¹ Prefeitura Municipal de Florianópolis. *Florianópolis 1975-1978: de um futuro comprometido a um compromisso com o futuro*. Florianópolis, 1978. p.6: Começa o Tempo de Amim. Acervo da biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

¹² Ibidem

¹³ Ibidem

elogios à administração Amim de então, mas dar visibilidade a uma preocupação crescente, ou seja, a construção de uma capital do Estado que justificasse seu título, isto é, que perdesse suas características provincianas. No mesmo balanço dessa gestão, em artigo intitulado *“E como está a cidade hoje”*¹⁴, fica clara a vontade de substituir a produção de mandioca, que ainda respondia por boa parte da renda da cidade. As indústrias não eram significativas: *“A atividade industrial também não se desenvolveu em Florianópolis sendo muito limitada sua participação no conjunto estadual”*¹⁵, assim como as riquezas minerais. Com a *“exploração em pequena escala do gado bovino, da agricultura e da pesca artesanal”*¹⁶, poucas eram as saídas para o crescimento econômico da Ilha. Mesmo assim se afirma que *“Florianópolis hoje cresce a olhos vistos. Apesar de ainda carente de atrativos culturais, a cidade, principalmente no verão, devido às suas maravilhosas praias, já oferece boas opções para o lazer e para as atividades turísticas”*¹⁷. Esse artigo oferece indícios importantes sobre os rumos econômicos que seriam impressos na cidade, que já contava com o IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, cujo objetivo era, naquele momento - segundo depoimento, em 1982, de seu diretor Gilson Luiz Leal Meirelles, *“buscar uma nova ordem para o desenvolvimento da capital. Isto é, um crescimento harmônico, no qual indivíduo e natureza coexistam integralmente no processo de evolução da cidade”*¹⁸.

A crença de que o turismo seria, e para alguns ainda simboliza, a salvação da economia do município, deve-se aos enfáticos discursos políticos. É com grande euforia que se divulga

¹⁴ Ibidem

¹⁵ Ibidem

¹⁶ Ibidem

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Prefeitura Municipal de Florianópolis. Florianópolis, 1982. *Uma nova ordem para se desenvolver Florianópolis - Planejamento e administração*. Edição sobre a Prefeitura na

que o turismo seria a “salvação” econômica da cidade, afinal o setor deveria gerar empregos, riqueza e desenvolvimento para os ilhéus.

O prefeito Bulcão Viana, que defendia para a cidade o trinômio “ecologia, turismo e tecnologia”, em 1992, declara que “Estamos ativando um projeto no sentido de desenvolver economicamente nosso município através do turismo e da tecnologia”.¹⁹

Da mesma forma, para Paulo Afonso Vieira, governador²⁰:

*“O turismo é a atividade econômica com excepcional dinamismo, gerando empregos e renda, melhorando a qualidade de vida da população local e aumentando a arrecadação. (...) Cabe ao governo do estado a promoção e coordenação das atividades relativas ao turismo, em parceria com a iniciativa privada e municípios”.*²¹

A documentação dá visibilidade a inúmeros encorajamentos discursivos, no sentido de desenvolver a cidade pela exploração turística de seus recursos naturais. O tema mostra-se presente, de maneira intensa, no cotidiano da cidade, que vive um período de significativa transformação: revitalização do centro e seus casarios, tratamento de parte do esgoto doméstico – em particular da avenida Beira-Mar Norte, execução de um novo aterro na via expressa sul, explosão imobiliária dos balneários, entre outras empreitadas de urbanização da cidade, como o elevado do CIC, inaugurado em 2000 pela prefeita Ângela Amim.

Porém não é só Florianópolis que se transforma. As sociedades se têm modificado amplamente nesta virada de século:

ocasião do aniversário da cidade. Acervo da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

¹⁹ Prefeitura Municipal de Florianópolis. Florianópolis - Há três anos vale mais a pena. Florianópolis, 22/03/92. p.03: *Bulcão Viana em Prefeito fala sobre sua cidade*. Edição sobre a Prefeitura na ocasião do aniversário da cidade. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

²⁰ Paulo Afonso Vieira foi governador do Estado de Santa Catarina pelo PMDB no período compreendido entre janeiro de 1993 e dezembro de 1996.

²¹ Governo do Estado de Santa Catarina. Plano de Governo Viva Santa Catarina. Florianópolis, s/d. *Paulo Afonso: Apoio ao Turismo*. Acervo da Biblioteca da SETUR.

as reflexões e os enfoques relativos aos seus novos rumos são diversos. As grandes metrópoles buscam maior convívio entre moradores, querendo, por exemplo, humanizar seus centros históricos, criando parques e recantos. Algumas pequenas cidades estão desaparecendo com a migração, outras – pitorescas – almejam por visibilidade, criando ou reformulando tradições que agradariam aos visitantes, um exemplo bem claro no Estado de Santa Catarina são as festas de outubro²². Falamos e escutamos sobre a perda de identidade, sobre a busca de novos referenciais, sobre os paradigmas da pós-modernidade, sobre o tempo das tribos²³, enfim, os caminhos para esses novos “fazer” individuais e coletivos são inúmeros, e cada qual com sua devida importância.

Neste caldeirão de transformações pelas quais passamos, as discussões sobre ecologia e meio ambiente chamam particularmente a atenção, pois parece inquestionável sua disseminação, e a Ilha de Santa Catarina não foge à regra. Para compreendermos um pouco melhor, algumas das motivações que levaram o discurso político a aproximar-se e a apropriar-se do discurso ambientalista, cabe aqui, uma breve leitura sobre a atuação do movimento ecológico no Brasil.

***Aspectos do pensamento e da prática ecológica no Brasil:
os anos 70 e 80***

Devido à atualidade do tema e do grande interesse que suscita em diversos segmentos da sociedade - nem sempre intelectualizados, mas conscientes de seus objetivos e

²²Ótimas reflexões sobre a criação das festas de outubro no Estado de Santa Catarina serão encontradas no livro de - FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest - turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

possibilidades - as fontes e a produção de textos e livros sobre o Movimento Ecológico no Brasil são extensas, diversificadas e ampliam-se consideravelmente. Pelo mesmo motivo, são de complexa sistematização. Não é esse, porém, o objetivo da pesquisa, que pretende, neste capítulo, indicar os caminhos desse movimento, assim como o caminho percorrido pelo fomento ao turismo.

Se a disseminação do pensamento ecológico é visível, ela não é nem um pouco consensual, sendo, então, importante ressaltar que o movimento possui enfoques específicos e, por vezes, conflitantes. Entre os ecologistas, muitos são os preservacionistas, ou seja, defendem a proposta de se proteger totalmente a natureza do contato com o homem, isolando-a em “santuários”. Em *O Mito Moderno da Natureza Intocada*²⁴, Antônio Carlos Diegues aborda diversos mitos sobre a natureza, definindo-os como mitos preservacionistas, intimamente ligados ao mundo “urbano-industrial”, e propõe um espaço desabitado, virgem e intocado²⁵. Uma outra tendência é representada pelos sócio-ambientais que voltam seus olhares para as populações locais, orientando-as para que equacionem, da melhor maneira possível, a relação entre a sociedade e o meio ambiente.

Os grupos acima citados são, geralmente, sociedades civis organizadas por ONG's²⁶. Contrapondo-se a essas militâncias “institucionalizadas”, visivelmente inspiradas pelos moldes norte-americanos e europeus, há outras formas de se preservar a natureza, um fazer bem típico de regiões economicamente menos

²³ Faço alusão às idéias de Michel Maffesoli em *O Tempo das Tribos* (1988).

²⁴ DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

²⁵ *Ibidem*, p.23-34.

favorecidas, como é a realidade de muitas localidades do Brasil. Refiro-me a um certo número de movimentos sociais, cujo ponto de partida é a sobrevivência - inicialmente não institucionais ou institucionalizados. Cito como exemplos de absoluta relevância nacional, a insistência dos índios pela demarcação de suas terras, as quebradeiras de coco babaçu²⁷ e os seringueiros da Amazônia. Lutam pela manutenção das matas e florestas com o objetivo primeiro de garantirem sua existência, de uma maneira que consideram digna. A consequência dessa postura é um manejo sustentável da terra e da floresta. Todos esses movimentos pró-natureza - diretos ou indiretos - e os mais variados enfoques que orientam suas militâncias, representam um importante contra discurso no jogo de poder, em que as forças conservadoras ainda tendem a prevalecer, todavia amplamente questionadas e desafiadas pelas conquistas dos movimentos sociais e dos ambientalistas.

Se as manifestações de ativistas do Greenpeace, em 1971, questionando os testes nucleares norte-americanos no Alasca, representam uma das primeiras grandes rupturas de repercussão internacional sobre a proteção do meio ambiente, cito, como marcos de amplitude nacional, as ações do S.O.S. Mata Atlântica (que visa proteger os últimos redutos da Mata Atlântica brasileira) e do Projeto Tamar (cujo objetivo é proteger os filhotes de tartarugas marinhas, envolvendo o trabalho de populações locais), ambos da década de 80. Baseando-se em exemplos como os citados, podemos afirmar que os anos 80 simbolizam a ebulição dos movimentos

²⁶ ONG's - Organizações não governamentais.

²⁷ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quebradeiras de Coco Babaçu: Identidade e Mobilização*. São Luís: Terre des Hommes, 1995.

ecológicos institucionalizados no Brasil e a conseqüente difusão de novas idéias sobre o meio ambiente. Sua exploração pela mídia conferiram-lhe um caráter de destaque, com apoio crescente de grande parte da população – sobretudo jovens de classe média²⁸.

Abro, aqui, um parêntese, pois, como assinalei anteriormente, alguns movimentos sociais não pertencentes à categoria das ONG's e outros grupos de cunho mais institucional, também merecem visibilidade, ao nos referirmos à proteção ambiental. Por uma questão de sobrevivência, mobilizam-se pela preservação de áreas naturais de onde tiram seu sustento, participando dessa ebulição de ideais de proteção ambiental. Um exemplo dessa experiência são os seringueiros do Acre que:

“vêm opondo-se às mudanças que a expansão de formas de organização social concentradoras de poderes tentam impor na região desde 1970. Neste processo, eles têm desenvolvido exercícios de resistência radicados em suas culturas, construindo opções que reinventam práticas sociais como o “empate” – mutirão para derrubar capoeiras e botar roçado, usado como recurso às ordens de derrubada da mata por parte dos novos proprietários – e que refazem as condições sociais, como as cooperativas e as reservas extrativistas, garantias de reprodução do meio ambiente num desenvolvimento auto-sustentado”²⁹.

É uma confirmação de que os anos 70 assinalam movimentações aqui no Brasil. Um outro exemplo é a conquista das quebradeiras de coco babaçu. Opondo-se a dois decretos de 1975 que *“permitiram às empresas envolvidas na implantação de projetos de celulose e cana-de-açúcar na área de Caxias, Maranhão, o desmatamento de um total de 65.000 hectares de babaçuais”³⁰*, as mulheres que sobrevivem da coleta

²⁸ Lembro-me muito bem dessa época. Quando estudava no Colégio Visconde de Porto Seguro – um dos grandes colégios tradicionais paulistanos, a grande moda, em meados dos anos 80, era usar camisetas com estampas “ecológicas” da fauna e da flora brasileira: tartarugas-marinhas, mico-leões dourados, orquídeas, entre outros. Conseguir um adesivo do SOS Mata Atlântica dava um certo reconhecimento, assim como visitar uma reserva, conhecer mangues e “colher” plâncton ...

²⁹ ANTONACCI, Maria Antonieta. Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “empate” no Acre. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n.28, p. 247-267, 1998.

³⁰ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quebradeiras de Coco Babaçu: Identidade e Mobilização*. Op. Cit., p. 30.

do coco mobilizaram-se até a conquista do “babaçu-livre”. “A expressão *babaçu-livre*” tornada bandeira de luta do movimento das quebradeiras compreende a garantia do pleno acesso das trabalhadoras extrativistas aos babaçuais, sem quaisquer interdições. Separa a propriedade do imóvel rural do uso da floresta de babaçu nele incidente”³¹, ou seja, impedem o desmatamento das florestas de babaçu pelas empresas interessadas na comercialização da celulose. Assim, a população tradicional conquista livre acesso à floresta, mesmo quando os babaçuais se localizam numa propriedade privada, mantendo sua atividade profissional e preservando as matas.

Mesmo havendo essas e outras movimentações pontuais, os anos 80 darão um formato aos ideais. Segundo Alfredo Wagner Berno de Almeida³², somente no final da década de 80 é que cooperativas serão fundadas, acentuando a organização do movimento “babaçu-livre”. Os seringueiros, por sua vez, fundaram o Conselho Nacional dos Seringueiros em 1985³³. Sem dúvida, a ebulição do pensamento ecológico cria terreno favorável para o fortalecimento desses movimentos.

Nos anos 90, percebemos a adesão de inúmeros discursos (aparentemente não envolvidos com a “causa”: políticos, industriais, educadores, entre outros) à idéia de preservação do meio ambiente para a construção de uma vida mais saudável.

Esses e outros episódios-chave, como a repercutida morte de Chico Mendes há pouco mais de dez anos, líder dos seringueiros acreanos, cujo trabalho é reconhecido internacionalmente pois estabelecia “*um modelo popular de suporte para uma política de*

³¹ Ibidem, p. 12.

³² Ibidem

*desenvolvimento rural sustentável na Amazônia, um modelo capaz de articular-se local, regional, nacional e internacionalmente e de intervir em políticas públicas, no planejamento e em operações externas de financiamento. (...) As reservas extrativistas pretendem lançar as fundações dessa nova economia da floresta. De saída, consolidam a convergência pioneira do sindicalismo rural com o ambientalismo no Brasil*³⁴, conferiram grande visibilidade aos ativistas ecológicos institucionalizados ou não, acelerando o processo de transformação de uma mentalidade e sua apropriação³⁵, por muitos setores da sociedade. Insisto no fato de que esse “modismo ecológico” não deve camuflar as histórias dos movimentos, que merecem ser olhadas como inúmeras insistentes atitudes, por vezes pequenas e isoladas, mas que acabaram rompendo com antigas estruturas³⁶.

Na obra *O ambientalismo como movimento vital: análise de sua dimensão histórica, ética e vivencial*³⁷, de Héctor Leis e José Luis D’Amato, os autores abordam as etapas trilhadas pelo movimento ecológico, embora não o façam em conexão com os movimentos sociais e com as populações tradicionais acima mencionadas.

O artigo trata de uma visão do processo de transformação da sensibilidade ecológica. Segundo os autores, os anos 50 estabeleceram a discussão ambiental entre os cientistas que acabaram instigando e estendendo os questionamentos para outros

³³ ARNT, Ricardo Azambuja. Seria Mais Prático Ladrilhar? ANDERSON et al. *O Destino da Floresta – reservas extrativistas e desenvolvimento sustentável na Amazônia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.10.

³⁴ Ibidem, p. 12.

³⁵ Quando falo em apropriação, refiro-me particularmente à grande parte dos políticos e dos industriais que só querem tirar proveito da ebulição dessa nova sensibilidade, sem se preocuparem, realmente, com o meio ambiente.

³⁶ O período é fértil em rupturas e emergências, tão saboreadas por Foucault, que abdica do contínuo e da totalidade. FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. Op.Cit., p.27e 28.

³⁷ LEIS, Héctor Ricardo; D’AMATO, José Luis. *O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial*. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.) *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 1995.

setores da sociedade. A reação aos estímulos da comunidade científica apareceu nos anos 60, marcada pela organização de grupos e instituições não governamentais, sobretudo no exterior, já que vivíamos aqui no Brasil um processo de desestruturação política, de censura intelectual. Às vésperas da ditadura militar, os grandes questionamentos da sociedade brasileira eram outros. Os anos 70 mostram pela Conferência de Estocolmo-72, o início da preocupação política com o meio ambiente e o surgimento de partidos preocupados com a questão ambiental. Os anos 80 instauram, de fato, novas práticas. Vale lembrar a contribuição do Partido Verde, na Alemanha, que ganha simpatizantes, posições políticas e acelera esse processo de pressão, conseguindo aprovar inovadoras leis ambientais. Nos anos 90, alguns empresários começam a perceber a nova demanda ambiental – ser ecologicamente correto é importante - e iniciam a adequação de sua produção. Essa não é, ainda nos dias de hoje, uma atitude consensual. Política e ambientalmente, o Brasil também demonstra seu peso nesse cenário mundial, pela organização da Eco-92, no Rio de Janeiro³⁸. Parte desse “entusiasmo” ecológico do governo brasileiro, bem o sabemos, deve-se à pressão internacional pela preservação da Floresta Amazônica, considerada a maior reserva de biodiversidade do planeta.

Segundo essa visão que acaba desconsiderando as questões sociais brasileiras, enfocando apenas os moldes e exemplos da experiência estrangeira, devido à conjuntura política repressora que vivíamos, houve uma defasagem entre o desencadear do

³⁸ O fato de a cidade do Rio de Janeiro ter sediado o encontro ECO-92, que contou com a presença de grandes nomes como Jacques Cousteau – entre outras autoridades do cenário

processo de reflexão e a atuação ecológica no Brasil, se comparado com alguns países europeus e norte-americanos – refiro-me aos Estados Unidos e ao Canadá. Eduardo Viola, em *Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica*³⁹, salienta que:

“Pelo menos até o fim do regime militar os movimentos ecológicos não tiveram nenhuma influência no debate político global sobre o futuro da sociedade brasileira. (...)”

A Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA) foi criada em 1974 pelo presidente Geisel com o único objetivo de cumprir exigências de alguns organismos internacionais, que exigiam a existência formal desse tipo de órgão junto com relatórios de impacto ambiental, para a aprovação de empréstimos destinados a grandes obras públicas.”⁴⁰

Também relata as lutas isoladas⁴¹ pela defesa do meio ambiente no Brasil desde a década de 50, mas cita, como marco pioneiro, a fundação em 1971 do AGAPAN⁴² – Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente - primeira associação ecologista brasileira que *“se viu muito dificultada durante a presidência de Médici, quando o clima repressivo que dominava o país tornava quase heróica qualquer organização autônoma da sociedade civil que não agisse sob o guarda-chuva da igreja católica”*⁴³.

Em 1974, instaura-se uma certa abertura política, e conseqüentemente intelectual. Com o retorno dos exilados políticos, em 1979, após a aprovação da lei de anistia, há um início de renovação mais abrangente de pensamento e de questionamentos na sociedade brasileira. Durante o exílio, a vida na Europa e nos

político – comprova a importância do Brasil no contexto de discussão sobre ecologia e preservação ambiental.

³⁹ VIOLA, Eduardo. *Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica*. In: PÁDUA, José Augusto (Org.). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo e IUPERJ, 1987. p. 63-109.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 84.

⁴¹ *Ibidem*, p. 63-109.

⁴² Quem tomou a iniciativa de fundar essa entidade, em pleno regime militar, foi o engenheiro agrônomo José Lutzenberger.

Estados Unidos proporciona a muitos desses personagens a militância ecológica - Fernando Gabeira é um dos nomes mais conhecidos, por ter sido muito mediatizado. Segundo Carlos Walter Porto Gonçalves, antes da emergência dos movimentos ecológicos nos anos 80, muitos ambientalistas já mobilizavam-se ao redor da questão, porém não houve divulgação de suas atitudes. A volta dos exilados e suas influências ecológicas representava um certo “incômodo” para os militantes já atuantes no Brasil desde os anos 70.

Se olharmos pelo viés dos movimentos sociais, a década de 70 é rica em exemplos de militância ecológica não institucionalizada. Retomemos os já comentados empates no Acre, o movimento “babaçu livre” das quebradeiras de coco e, mesmo, o surgimento de adeptos da agricultura orgânica, no auge da utilização dos agrotóxicos, ainda tão em voga na atualidade, apesar das inúmeras críticas.

De qualquer maneira, é a década de 80 que inaugura, de fato, uma nova sensibilidade ecológica entre muitos brasileiros, um novo relacionar-se com a natureza, quando ações teóricas e práticas para preservar o meio ambiente começam a roubar a cena nacional. A redemocratização do país foi decisiva para que se procurasse uma nova utopia, dando, inclusive, consistência e visibilidade aos movimentos sociais.

Muitos acontecimentos relacionados ao meio ambiente - até então não relevantes para a maioria população de classe média, que é formadora de opinião - começam a receber um olhar mais cuidadoso. Dentre eles, a exploração abusiva a que a Amazônia é

⁴³ VIOLA, Eduardo. Op. Cit, p. 88.

submetida há inúmeras décadas. Esse novo olhar está claramente exposto na institucionalização da preocupação com a natureza que ocorre pela aprovação de leis ambientais. Um marco na jurisdição brasileira é a lei federal 6938/81 – aprovada em 1981 – que cuida da política nacional do meio ambiente. São apenas dados temporais, pois há imensa discordância entre leis e práticas.

O processo de influência desse novo olhar vem em cadeia: governo federal, governos estaduais e governos municipais. Todos os setores da sociedade estão envolvendo-se, mesmo que as velocidades sejam diferentes. Vale salientar que, atualmente, ser “ecologicamente correto” virou um bom negócio⁴⁴ e mesmo uma possibilidade certa de captar recursos financeiros perante instituições credoras. Em Florianópolis, nos anos 80, surge uma organização ecológica, o Movimento Ecológico Livre - MEL. Posteriormente, parte dos integrantes irão fundar o Partido Verde na cidade. Em termos de militância ecológica, uma das organizações mais atuantes é o Centro de Estudos Cultura e Cidadania - CECCA, uma ONG fundada em 1990, diretamente ligada a intelectuais da Universidade Federal de Santa Catarina. Seu objetivo é “*construir uma cidade e uma sociedade humana mais justa e sustentável, ligada por laços primordiais com a natureza*”⁴⁵. A preocupação norteadora das atividades dessa entidade é a construção de um projeto urbano adequado à realidade insular e, nesse sentido, os membros do grupo publicaram, em 1996, a obra *Uma Cidade numa*

⁴⁴ Indiretamente, a pressão da crescente simpatia da opinião pública pelo assunto tem grande peso nesse processo. Um exemplo atual foi a criação da Fundação Boticário, que encoraja projetos na área de meio ambiente, ilustrando o peso da opinião pública na adequação das indústrias a essa nova sensibilidade ecológica. Essa atitude e o marketing podem reverter a imagem de uma empresa.

⁴⁵ CECCA - Centro de Estudos e Cidadania. *Uma Cidade numa Ilha – relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular/CECCA, 1997. p.11.

*Ilha – relatório sobre os problemas sócio-ambientais na Ilha de Santa Catarina*⁴⁶. Também nessa década, para questionarem problemas de comunidades pontuais, surgem alguns grupos pró-qualidade de vida, como o SOS Costa Leste e o Fundação Lagoa. Tais grupos surgem justamente para marcar um outro posicionamento sobre os caminhos que se estão desenhando em Florianópolis, caminhos explicados pela antropóloga Márcia Fantin, autora do livro *Cidade Dividida*⁴⁷, chamados por ela de projetos ou modelos de cidade.

Os movimentos ecológicos têm justamente o papel de oferecer uma outra visão, neste momento em que novos caminhos estão sendo pensados e repensados. É um grande embate de opiniões, pois segundo Márcia Fantin, as concepções para o futuro divergem⁴⁸. Ela nos apresenta inúmeras reflexões nesse sentido, afirmando existirem dois grandes blocos, que se subdividem nessa disputa sobre a política de crescimento do município. Há aqueles que vislumbram uma metrópole – estão geralmente ligados à elite local e/ou aos partidos conservadores – e há aqueles que se batem pela manutenção de um perfil médio para a Ilha – são intelectuais da universidade e simpatizantes dos partidos de esquerda.

“No complexo mosaico de atores e forças sociais de Florianópolis, é possível identificar, provisoriamente, dois grupos de atores: um primeiro grupo constituído pelo empresariado da indústria do turismo e do comércio, administradores públicos e agentes políticos locais vinculados a partidos conservadores; um segundo formado por setores ligados à universidade, às ONGs, aos movimentos sociais e aos partidos progressistas e alternativos.”⁴⁹

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida – dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

⁴⁸ Ibidem, p. 17-19.

Visualizando uma transformação: o turismo chega à cidade

Se o percurso do movimento ecológico é relativamente recente, bem identificável após a segunda metade do século XX, os caminhos trilhados pela atividade turística remontam a algumas centenas de anos. Viajar teve, em cada época, significados bem particulares. No século XVIII, a nobreza britânica inventa as grandes viagens educativas chamadas de “tours”. Jovens homens – jamais mulheres – entre 20 e 25 anos, lançavam-se à descoberta das belezas clássicas do mundo, num período que durava entre 6 meses e um ano e meio. Os “tours” faziam parte da formação de um gentleman. Logo os aristocratas do continente europeu aderem ao modismo.

Os banhos termais também foram reinventados nesse período, o que gerou uma série de construções para receber os freqüentadores. O banho de mar tinha indicações terapêuticas em meados do mesmo século “*O banho de mar, no século XVIII, é uma prática terapêutica comparável à freqüência às águas termais*”⁵⁰. No século XIX, a elite continua viajando e ostentando seus gastos em estações de esqui, estações termais e fazendo, inclusive, alguns “tours” pelo mundo. Surgem os guias de viagem, já em 1840, editados em grandes coleções que dominam o mercado. No início do século XX, o turismo “*obedece um ritmo sazonal: somente a um certo momento do ano é elegante estar aqui ou acolá*”⁵¹, ou seja, o verão é dos balneários, dos campos e das estações termais; e o inverno é das montanhas, das estações de esportes de inverno – esportes criados no final do século XIX. O Titanic, naufragado em sua viagem inaugural em

⁴⁹ Ibidem, p.17.

⁵⁰ BOYER, Marc. *L'invention du tourisme*. Paris: Gallimard, 1996, p.41 - Traduzido por mim.

⁵¹ Ibidem, p. 71.

1912, exprime a grandiosidade das viagens de luxo às vésperas da 1ª Guerra Mundial, que esfria temporariamente essa euforia de viagem. No período entre guerras, as férias remuneradas são conquistadas na França, fato que aquece a movimentação das viagens. 1936 é tido como o ano da felicidade para tais trabalhadores, que saem de férias pela primeira vez: é a “popularização” de uma atividade anteriormente restrita à elite. Para os ingleses, essa conquista é bem anterior, datando de 1871.

O fim da 2ª Guerra Mundial marca a explosão das viagens e é, nesse momento, que o assunto chega à Florianópolis, no já citado artigo “*Como transformar Florianópolis em centro de turismo*”⁵² de 1946. Apenas uma minoria se mantinha confiante no assunto: circular na Ilha era muito complicado devido aos caminhos tortuosos. Desde 1930 existia em Canasvieiras o Hotel Balneário, que, segundo Sérgio Luiz Ferreira⁵³, funcionava somente durante dois meses: janeiro e fevereiro. Hábitos vindos de grandes centros, principalmente do Rio de Janeiro - influenciados por práticas européias - por suas semelhanças geográficas e por sua posição de capital, influenciaram estilos de vida na Ilha. Essa transformação nos hábitos reflete-se na moda da praia, no estabelecimento do conceito de lazer na natureza, conquistando os habitantes da pequena Florianópolis e atraindo visitantes. Segundo Sérgio Luiz Ferreira:

“Esta primeira metade do século XX foi marcada pela descoberta da natureza. Em Florianópolis o contato dos cidadãos com a natureza se deu de forma bastante intensa através dos piqueniques, que aos poucos foram sendo acompanhados pelos banhos de mar, haja vista que eram feitos em praias. (...) Somente no século XX, com seu desejo de estar à beira-mar, gozar a natureza e estar em contato com o oceano, e de banhar-se em suas águas, irá fazer com

⁵² LARA, apud FERREIRA, Sérgio Luiz. Op. Cit., p.102.

⁵³ Ibidem, p.100.

que o cidadão volte sua atenção para o interior da ilha. Foi o banho de mar que fez com que a cidade expandisse seus tentáculos em direção ao interior”⁵⁴

Com o advento de transportes de massa mais confortáveis, como, por exemplo, os navios e, na ilha, a “popularização” dos carros, o ir e vir recebe grande número de adeptos. Tal era a importância da “máquina”, que se podiam ver, em jornais e revistas, anúncios de modelos bem atuais, nada deixando a desejar às concessionárias de cidades maiores. Em maio de 1951, os Irmãos Amim, concessionários Ford, apresentam em propaganda veiculada na *Revista da Associação Filatélica*, “o Ford 5 - A super maravilha da técnica e da perfeição”⁵⁵.

A década de 50 inaugura o grande discurso que circulará em torno do desenvolvimento urbano da ilha em direção às praias, já cantadas como a grande riqueza de Florianópolis. Sérgio Luiz Ferreira aponta-nos que o primeiro documento oficial sobre turismo data de 1960 – *Florianópolis e o Turismo*⁵⁶. Cabe lembrar os dois volumes *Florianópolis Turístico*, dos anos de 1955⁵⁷ e 1956⁵⁸, organizados por Doralécio Soares, que hoje se dedica ao estudo do folclore e artesanato da ilha, tendo diversos estudos publicados⁵⁹. A iniciativa, a direção e a organização desses dois volumes pioneiros sobre o turismo foram de iniciativa pessoal, contando com o financiamento do “Govêrno do Município de Florianópolis”, que viabilizou a

⁵⁴ FERREIRA, Sérgio Luiz. Op. Cit., p. 45-47.

⁵⁵ *REVISTA DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA DE SANTA CATARINA*, v.2, n.7, maio, 1951. Acervo de obras raras da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵⁶ RIBAS, Antônio de Lara. *Florianópolis e o Turismo*. Rio de Janeiro, 1960. In: FERREIRA, Sérgio Luiz. Op. Cit., p. 106.

⁵⁷ SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955. Acervo de obras raras da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵⁸ _____, *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.2, 1956. Acervo de obras raras da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵⁹ Dentre as muitas publicações que, Doralécio Soares coordenou, estão: *Jogo da mora*, *Jogo de bocha*, *Schützenverein – sociedade de atiradores*, todos editados pela Comissão Catarinense de Folclore.

edição. Prevista para ser publicada anualmente, encerra-se nesses dois volumes por falta de continuidade do tão valioso patrocínio municipal.

A edição inaugural em 1955, da almejada 'coleção' *Florianópolis Turístico*, que se resumiu a dois volumes, destaca, em seu editorial, que pretende ser um "elo entre o forasteiro e a vida da natureza maravilhosa da ilha. Paraíso, nossa Ilha é sempre um fecho de ouro nos sonetos sensíveis, românticos, espirituais"⁶⁰. Pretendia apresentar, a cada ano e de maneira melhorada, informações sobre "nós mesmos"⁶¹. Temos, então, um indício de que a cidade já era destino de visitas. O Sr. Doralécio Soares salienta constantemente o progresso da cidade, citando também o pessimismo de alguns. A água e a luz aparecem como fatores decisivos para esse "progresso da capital catarinense"⁶². Não economiza palavras no que tange o desejo de novos investimentos de urbanização:

*"as iniciativas, pouco a pouco, vão surgindo, o que torna possível ao florianopolitano se libertar do maior impecilho que coibia o desenvolvimento da Capital. Ufanamo-nos, neste informativo, em registrar o crédito de cinco milhões de cruzeiros, votados na Câmara Federal para a recuperação econômica do interior da ilha. Outro crédito também de dois milhões para o alargamento e o asfaltamento da estrada para o Aeroporto. Isso vem contribuir de maneira incontestante para o engrandecimento da Capital barriga-verde"*⁶³.

e convida o poder público a executar melhorias:

"Confiemos, portanto, na ampla visão de homem público que possui o Prefeito Osmar Cunha, cuja capacidade administrativa já fez notar-se e certos estaremos que S. Excia. não poupará esforços para tornar a nossa ilha no que realmente deve ser: ponto de atração turística, com os próprios municípios à altura dos turistas mais exigentes. Como bons habitantes dêste recanto maravilhoso da terra

⁶⁰ SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955. Acervo de obras raras da Universidade Federal de Santa Catarina. Sem paginação.

⁶¹ Ibidem

⁶² Ibidem

⁶³ Soares, Doralécio. É crescente o progresso da capital catarinense. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955. Sem paginação.

*brasileira, cooperemos com S. Excia. para tornar possível essa realidade*⁶⁴.

A publicação desses volumes, em 1955 e 1956, e a preocupação política em encomendar uma edição sobre Florianópolis e o turismo, demonstra que a atividade, já carrega a responsabilidade de servir como desenvolvimento para o Estado. Essa idéia, começa a concretizar-se nas esferas públicas, em 1959, no calor do Seminário Sócio Econômico de Santa Catarina. O acontecimento demonstra claramente que a ilha já servia de atrativo de férias e que os administradores viam, nessa atividade, uma possibilidade de desenvolvimento para a cidade.

O que têm em comum e, ao mesmo tempo, quais seriam as particularidades dos documentos pioneiros *Florianópolis Turístico*, de Doralécio Soares, e *Florianópolis e Turismo*, do Coronel Antônio de Lara Ribas? O primeiro funciona como roteiro, enaltecendo as belezas da ilha, mostrando fotos dos pontos turísticos, descrevendo alguns “recantos pitorescos” e pedindo infra-estrutura para facilitar o acesso do visitante – e, como já vimos, é o asfaltamento das rodovias que ligam as muitas “cidades” da Ilha, nos anos 70, que vai encorajar o deslocamento. O segundo assinala os chamarizes da Ilha, como o clima e a localização invejáveis. Pede receptividade da população, já que é um dos pontos levantados como fundamentais. A publicação desses cadernos inaugura claramente uma nova série de documentação, tão banalizada na atualidade: eram uma versão antiga dos indispensáveis folhetos, panfletos, guias e revistas de hoje. Quem não se seduz por fotos e reportagens? Quem não busca um mínimo de informações antes de partir para o roteiro sedutor?

⁶⁴ Ibidem

Assim, Florianópolis que esteve, durante muitas décadas, ligada à pesca artesanal, ao funcionalismo público, ao pequeno comércio, à política das elites, ou seja, ao “provincianismo”⁶⁵, demonstra, pelos discursos que circulam na cidade, a vontade de encontrar um elemento gerador de riquezas, pois transformações fazem-se necessárias. Não podendo competir com as vizinhas Criciúma, Joinville e Blumenau, que possuem uma indústria forte, os políticos aderem à idéia que mais cresce no mundo: desenvolver o município pelo viés do turismo, da indústria turística. O setor promete crescimento e traz a perspectiva de modernização, imprimindo um caráter mais cosmopolita, menos “provinciano” aos hábitos e costumes locais.

Promete também ser o grande gerador de novas ocupações. A Ilha possui um certo exotismo, um dentre vários quesitos para que essa proposta dê certo. Seu caráter geográfico lhe confere uma característica bem particular, assim como seus hábitos culturais típicos, que vão paulatinamente sendo transformados em produtos. Por exemplo, o camarão vira seqüência. Em conversa informal com um antigo funcionário do conhecido Restaurante Bar do Chico, localizado na avenida das Rendeiras, na Lagoa da Conceição, obtive a explicação de que a seqüência de camarão - renomada entre os turistas e inexistente nos hábitos tradicionais dos ilhéus - surge com a chegada dos argentinos que pediam um pouco de todos os pratos de camarão na seqüência apresentada no cardápio.

A indústria do turismo seria “limpa” e “adequada” com a nova sensibilidade ecológica que, também, já aparece nesse cenário, no final dos anos 70, início dos 80. A instalação da Universidade

⁶⁵ Faço uso da palavra segundo a visão dos “de fora” – expressão muito explorada no livro de

Federal teve um papel decisivo na introdução do pensamento ecológico na cidade, uma vez que esse discurso é trazido pelos intelectuais “de fora”, já sensibilizados pela questão que é discutida nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

É importante lembrar que o pensamento ecológico vem ao encontro do crescente movimento de fuga dos estímulos, muitas vezes desgastantes, dos grandes centros urbanos:

“A deteriorização dos ambientes urbanos pela poluição sonora, visual e atmosférica, a violência, os congestionamentos e as doenças provocadas pelo desgaste psicofísico das pessoas são as principais causas da “fuga das cidades” e da “busca do verde” nas viagens de férias e de fim de semana. O contato com a natureza constitui, atualmente, uma das maiores motivações das viagens de lazer”⁶⁶.

Aproveitando essa movimentação em direção a destinos de “belezas naturais”- que é incontestavelmente o caso da Ilha de Santa Catarina – ecologia e turismo são, então, eleitos como carro-chefe para o desenvolvimento econômico da ilha. Instalam-se sem cerimônia, impondo suas prioridades em detrimento da arquitetura local, da espacialização habitual, das tradições, ou seja, causando incontáveis impactos sócio-ambientais. Todavia, responde rapidamente às indagações e aos desejos daqueles cujo projeto era transformar a pacata cidade. No artigo *Turismo: a opção*⁶⁷ de 1982, o então diretor do IPUF – já citado – Gilson Meirelles, diz que:

“pelas características naturais e funcionais que possui, Florianópolis tem no turismo, a sua grande perspectiva de estabelecimento de uma economia mais forte. Porém, é sabido que a atividade turística não controlada tem efeitos não só negativos mas também predatórios. Desta forma, o município, através do seu órgão

FANTIN, Márcia, Op. Cit.

⁶⁶ RUSCHMANN, Dóris. *Turismo e Planejamento Sustentável – a proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

⁶⁷ PREFEITURA, Municipal de Florianópolis. Suplemento do aniversário de 256 anos de Florianópolis, 3º da gestão Francisco Cordeiro – edição comemorativa. *Turismo: a opção*, p.9. Acervo da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Florianópolis

*de planejamento, vem mantendo uma equipe multi-profissional atuando na área, no sentido de aprimorar os mecanismos de que já dispomos, de preservação e de valorização desse mesmo patrimônio*⁶⁸.

O depoimento explica que essa proteção seria feita por esquemas de visitação, e fiscalização, para possibilitar a perenidade do patrimônio natural.

“Turismo e Natureza” na Ilha:

breves apreciações sobre as conseqüências dessa união

Dentro desse turbilhão de perdas e ganhos, após o advento do turismo, muito do que era “normal”, “tradicional” e “habitual” torna-se rapidamente questionável nos costumes ilhéus, além da profunda reformulação paisagística visível por toda a cidade.

A aceleração do declínio da pesca foi uma entre muitas transformações das tradições, instigadas com a instalação do turismo, exigindo que pescadores procurassem novas atividades – fazendo com que a pesca se tornasse uma prática secundária, quando não ocupou apenas o espaço do lazer. A própria crítica à farra do boi chega, segundo a professora Maria Bernardete Ramos Flores⁶⁹, nesse mesmo momento. O turismo abre as portas da ilha, apresentada como cidade paradisíaca, atraindo um grande número de consumidores de natureza. Simultaneamente às demandas de modernização incentivadas pelo setor - uma nova ponte, uma nova avenida, a instalação de uma universidade federal e empresas de grande/médio porte – o turista traz consigo um olhar muito mais inquisidor do que etnográfico. A mídia contribuiu decisivamente para construir os questionamentos em torno dessa tradição

⁶⁸ Ibidem

“primitiva”, dando visibilidade a aspectos relatados como negativos, aumentando, assim, o contingente de opositores ao que para muitos habitantes locais continua sendo uma brincadeira. Maria Bernardete Flores cita artigos sobre tumultos gerados pela farra já na década de 70⁷⁰, porém afirma que “na década de 80, a farra do boi tornou-se uma questão nacional e mundial, vindo a constituir o assunto de destaque de 1988. (...) O Brasil inteiro e, também o movimento ecológico mundial voltavam sua atenção para Santa Catarina. Aliás, o litoral do Estado estava num novo processo de descobrimento”⁷¹. A crítica à tradicional farra do boi tem uma relação direta com a instalação do discurso ecológico e do fomento ao turismo. Sufocar essa “terrível” tradição é amplamente apoiada pelo poder público, preocupado em preservar a preciosa imagem paradisíaca que envolve o imaginário turístico sobre a Ilha.

A aceleração da urbanização também vem ao encontro desse fenômeno. Primeiramente serviu como um chamariz, afinal era preciso oferecer meios que proporcionassem um maior conforto aos visitantes. Dentre as obras que deram visibilidade à cidade, cito a construção da BR-101, na década de 1960, a construção da Avenida Beira Mar Norte, em 1972, “belíssima Avenida Beira-Mar-Norte, uma espécie de Avenida Vieira Souto melhorada”⁷², acompanhada do aterro das baías norte e sul: construções inspiradas no modelo da cidade do Rio de Janeiro. A Universidade Federal de Santa Catarina, que “como um marco que identifica um desejo de mudança’, atraindo estudantes de todas as partes do Estado e intelectuais nacionais e estrangeiros, dando um aspecto cosmopolita à cidade”⁷³, e a instalação da ELETROSUL, que sendo a “principal grande estatal radicada no Sul do Brasil, atraindo 2 mil engenheiros e outros profissionais, que

⁶⁹ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi - Palavras, Sentidos, Ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 59.

⁷¹ *Ibidem*, p. 60-62.

⁷² *Ibidem*, p. 63 e 64.

⁷³ *Ibidem*

vieram morar na ilha por volta de 1976 e 1977”⁷⁴, contribuem para dar visibilidade à Ilha. Unindo-se a todos esses acontecimentos está o crescimento do turismo e da onda ecológica “que descolou brasileiros de todas as partes do Brasil para a ‘linda e quase intocada ilha de Santa Catarina’, o que vamos ver é uma transfiguração econômica e social não só de Florianópolis, mas, em boa parte, de todo o litoral catarinense”⁷⁵.

O desejo de fugir dos tumultuados aglomerados urbanos para equilibrar a saúde física e moral, movimentou moradores de grandes cidades a eleger Florianópolis como um dos muitos destinos turísticos sedutores que emergem nesse momento, e o discurso político local soube apropriar-se desse contexto. A partir da década de 70, houve, perfeitamente, por parte da classe política, o desejo de fazer crescer a cidade, de modernizá-la, tirando-lhe o aspecto de atraso. O processo de higienização é, no início do XX, um passo marcante para a transformação da cidade, assim como as diversas etapas de urbanização desse fim-de-século, que continuam até os dias de hoje, como a via expressa sul. O fato de existir um crescente interesse pelas belezas “intocadas” da Ilha abre uma nova possibilidade de tirar Florianópolis da lista de pequenas cidades, continuando sua transformação. Com todos os inconvenientes crescentes dos grandes centros urbanos como São Paulo e Porto Alegre – duas grandes cidades relativamente próximas – a descoberta desse “paraíso” seduz também aqueles que desejam viver em uma capital de menor porte e que não apresenta engarrafamentos, violência, entre outros pontos desagradáveis.

Na década seguinte, ou seja, nos anos 80, a Ilha não somente é descoberta pelos argentinos, mas torna-se também um de seus

⁷⁴ Ibidem

⁷⁵ Ibidem

destinos mais cobiçados. Concretiza-se a idéia do turismo como projeto de desenvolvimento econômico local. A verdade é que essa vertente do turismo como salvação econômica é uma tendência global, como nos explica a professora Maria Bernardete Ramos Flores:

“O turismo é uma atividade marcante na globalização do mundo contemporâneo. Globalização que desfaz fronteiras, que desterritorializa culturas, que evoca os mesmos idiomas em todos os lugares, que cria um hiper-espço. Tornou-se uma atividade que mobiliza milhares de pessoas de todas as nações do mundo, vindo a ocupar uma posição de destaque nas relações internacionais. Daí o surgimento de centenas de organizações turísticas, organizações nacionais e internacionais, quer no nível governamental, quer no nível não governamental”⁷⁶.

Aliado ao discurso político, o “jeito de ser” de Florianópolis sofre mudanças significativas com a chegada dos turistas: *“O interior da ilha, antes distante, ficou próximo, e antigos sítios e praias isoladas transformaram-se em balneários desordenadamente ocupados. (...) A pesca artesanal foi aos poucos sendo substituída pela indústria pesqueira. E antigos pescadores vão em busca de novas ocupações”⁷⁷.* A cidade busca novos paradigmas, vive um momento de procura por outros referenciais. Está seduzida pelas ruas calçadas, pelo transporte agilizado, pela globalização do paladar, porém não pode mais ser pequena, apenas com a arquitetura açoriana, não consegue guardar suas antigas práticas culturais pois, os forasteiros nem sempre as compreendem.

Suprindo a demanda dos turistas, surge uma série de atividades ligadas diretamente ao turismo: restaurantes, bares, venda de artesanato local – renda de bilro em particular – entre inúmeros vendedores ambulantes. De forma mais ou menos estruturada e cujo volume de dinheiro é maior: a especulação

⁷⁶ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Oktoberfest – turismo, festa e cultura na estação do Chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p.162.

⁷⁷ FANTIN, Márcia. Op. Cit.

imobiliária de pequenos e grandes proprietários. O que é mais incrível nessa história é que independente da atividade para a qual se direcionaram, acreditava-se que o turismo seria uma fonte de renda, talvez não estável, mas de peso considerável no orçamento doméstico, o que não se comprovou de fato para a grande maioria dos trabalhadores. No capítulo *Breve apreciação sobre a indústria do desemprego*⁷⁸, o professor Helton Ouriques oferece dados estatísticos que comprovam a sazonalidade e a precariedade dos trabalhadores “do turismo” em Florianópolis, salientando, inclusive, a pouca contribuição do setor para a economia ilhoa – seu dados referem-se à temporada 1990/91.

“Na estrutura de serviços do município, a participação desse subsetor passou de 8,02% para 8,32%, (...) o montante de 342 empregos formais, criados no decorrer de cinco temporadas, não pode qualificar as atividades turísticas como principais geradoras de ocupação de mão-de-obra em Florianópolis. (...) De acordo com o Sindicato dos empregados do Comércio Hoteleiro e Similares da Grande Florianópolis, apesar de ser muito difícil mensurar o percentual dos trabalhadores informais, o número dos que possuem registro em carteira de Trabalho fica em torno de 30%, e os outros 70% restantes estão na clandestinidade”⁷⁹

O que mais impressiona na pesquisa do professor Helton Ouriques é a comprovação da improvisação dos trabalhadores dessa categoria, entrevistados entre dezembro de 1994 e fevereiro de 1995. Seus dados demonstram que “quase a totalidade dos trabalhadores de verão (98%), integrantes do nosso universo de pesquisa⁸⁰, não fazia parte da economia formal, quer durante os meses da temporada turística ou durante os outros meses do ano”.⁸¹ O turismo não tem inovado, não

⁷⁸ OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis – Uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 92-123.

⁷⁹ Ibidem, p.98.

⁸⁰ Para esta pesquisa são citadas entrevistas com 150 trabalhadores, p.103.

⁸¹ Ouriques, Helton Ricardo. Op. Cit. Cit., p.103.

acrescenta novidades no mercado de trabalho, “apenas reproduzem a realidade de outros setores, inclusive com condições de trabalho adversas”.⁸²

Além do impacto cultural, do impacto paisagístico e do impacto profissional, devemos questionar o impacto ambiental, já que há grande apelo ao discurso ecológico durante o processo de fomento ao turismo. É verdade que essa indústria sem chaminés⁸³ parecia adequada às exigências de um olhar protecionista, todavia as políticas públicas mostraram-se incapazes – e mesmo sem real interesse – de conter a especulação imobiliária, as construções desordenadas e inadequadas nas diversas praias. A invasão de áreas de dunas (como o Campeche), de manguezais (como a Daniela), a sobrecarga de esgoto doméstico que compromete a balneabilidade, e a comprovada contaminação do lençol freático – na Lagoa e novamente no Campeche – comprovam o descaso com a questão ambiental. Isto sem falarmos na aprovação – ou na falta de fiscalização – de construções que comprometem a paisagem, reduzindo a quantidade de areia nas praias, como é o caso de Canasvieiras, Ponta das Canas, entre outras da porção noroeste da Ilha.

Confrontados com todas essas dificuldades em ebulição e crescimento, nos anos 1990, os dirigentes políticos iniciam uma transformação no teor de seus discursos. Continuam defendendo a idéia de desenvolvimento de Florianópolis ligada ao desenvolvimento do turismo, porém não é mais apresentado só um discurso genérico, mas também um discurso engajado, que visa incrementar, profissionalizar, preparar a mão-de-obra, criar mecanismos estratégicos para o setor. A prefeita Ângela Amim

⁸² Ibidem, p. 14.

⁸³ Expressão da professora Maria Bernardete Ramos Flores.

apoia as idéias de Rafael Grecca – ex-prefeito de Curitiba, que, em visita à cidade defendeu a seguinte postura: “Nós temos que criar o liceu de ofícios de Santa Catarina. Não basta querer emprego num hotel, é preciso saber fazer”⁸⁴. A qualidade do turismo é uma prioridade no discurso da prefeita, que encoraja a organização de seminários de planejamento. O artigo *Planejando o Turismo*⁸⁵, do jornal *O Estado* de 27 de agosto de 1997, deixa bem claro essa proposta:

“O planejamento turístico é, como se sabe, uma ferramenta fundamental para que o desenvolvimento desse importante setor seja incrementado permanentemente. E foi exatamente o que as autoridades municipais, técnicos e empresários ligados ao setor em Florianópolis, fizeram nos dois últimos dias. É evidente que o Seminário realizado na capital tratou de temas que os florianopolitanos conhecem, há muito, como essenciais para a resolução dos principais problemas que envolvem a área. (...) Os problemas de Florianópolis relacionados à atividade turística não constituem novidade para ninguém. (...) Não se pode mais, é verdade, ficar repetindo exaustivamente que Florianópolis tem vocação para o turismo sem que se apresente, na prática, as providências relacionadas à realização dessa tendência”⁸⁶.

Não é à toa que ocorre, na cidade uma verdadeira explosão de diversos cursos profissionalizantes e de nível superior. A ASSESC – Associação de Ensino Superior de Santa Catarina, cujo objetivo são cursos profissionalizantes, é fundada em dezembro de 1987, a Escola Superior de Turismo e Hotelaria surge em 1995, conseguindo seu reconhecimento pelo MEC em setembro de 1998. Há também a ÚNICA e a Univali – ambas abertas no final da década de 90. A Escola Técnica Federal de Santa Catarina oferece, desde 1998, em nível de 2º grau, uma formação em Turismo e Hotelaria – curso que dura um ano e meio e acaba de formar sua 3ª

⁸⁴ GRECCA: *é preciso inventar o futuro*. *O Estado*, Florianópolis, 22 fev. 1999. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁸⁵ PLANEJANDO o Turismo. *O Estado*, Florianópolis, 27 ago. 1997. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁸⁶ Ibidem

turma⁸⁷. Recentemente, em julho de 2000, foi lançado o vestibular da Faculdade Estácio de Sá: o caçula dos cursos de turismo.

Esse intenso interesse pela atividade turística confirma que, a imagem da Florianópolis insular, intimamente ligada às suas “belezas naturais”, continua seduzindo visitantes. Desde a década de 60, simboliza para a esfera pública, o elemento base de desenvolvimento do município. A militância ecológica representa um importante contra discurso nos embates sobre esse acelerado crescimento da Ilha. Um de seus objetivos, além da proteção ambiental, é incentivar e ver consolidada, uma nova sensibilidade da sociedade com o mundo natural que a cerca. É o estabelecimento de novas práticas com o meio ambiente – incluindo o respeito com o elemento humano. Certas condutas, possíveis através de uma educação engajada na compreensão do outro, minimizariam alguns impactos, como por exemplo as transformações e recriações das tradições com o objetivo econômico de atrair turistas.

O estabelecimento do turismo na Ilha, nos anos 80, mesmo que respaldado pela apropriação que se fez do discurso ecológico, ocasionou inúmeros impactos sócio-ambientais. Os planos políticos para a cidade, desde final dos anos 60, não se refletem necessariamente nas ações, todavia concretizaram diversas transformações no cenário ilhéu, alcançando o desejo de transformar a calma e “pacata” Florianópolis em capital do turismo, em destino obrigatório para os amantes da mata atlântica e das praias da Ilha.

⁸⁷ Segundo informações verbais obtidas na Escola Técnica Federal de Santa Catarina, houve uma turma de formandos em 99/1, em 99/2 e uma terceira concluindo em 2000/1.

Essa transformação era uma utopia urbana, muito presente no discurso dos prefeitos que administraram a cidade naquele período e transformadas em políticas públicas. O objetivo foi, colocar Florianópolis positivamente no cenário nacional, e mesmo internacional, consolidando sua posição de capital. Afastou-se por definitivo o medo da perda de seu status, além de uma imagem de cidade “atrasada”.

CAPÍTULO 2

DISCURSO POLÍTICO E POLÍTICAS PÚBLICAS: CONSTRUINDO A “FLORIANÓPOLIS CAPITAL TURÍSTICA”, UMA UTOPIA URBANA ENTRE OS ANOS 60 E 80.

Se, nos anos 40 e 50, o sonho de transformar Florianópolis num centro de turismo pertencia ao universo utópico de uma pequena minoria encantada pelas belezas naturais da Ilha - certamente influenciada pela movimentação do setor na Europa e no Rio de Janeiro - que, por ser capital, servia de referência, ditando normas e condutas de sociabilidade, os anos 60 inauguram a atenção política local pelo assunto. A particularidade presente no discurso político da cidade, a partir desse momento, além do desejo de torná-la cosmopolita, de conferir-lhe novos traçados urbanos que marcavam o progresso, de fazê-la crescer - e o turismo é visto, desde então, como o caminho plausível para esse objetivo - foi a assimilação paulatina de idéias defendidas pelo movimento ecológico. A militância ecológica chega à cidade como discurso, em meados dos anos 70, e como organização institucionalizada, nos anos 80, processo que se deu aproximadamente no mesmo momento no restante do país, contribuindo para a aceleração da profunda transformação da Ilha, pois sensibilizou rapidamente uma parcela da população que se tornou “consumidora” de um turismo cada vez mais relacionado aos encantos naturais.

A apropriação de idéias ecológicas incrementou o “sonho” de modernização da Ilha pelos traçados de prancheta e do planejamento urbano. Esse “sonho” inseria-se na febre do desenvolvimentismo da década de 60, relacionado ao grande

projeto de transformação do Brasil. Um exemplo bem claro que ilustra essa preocupação foi o famoso slogan do Presidente Juscelino Kubitschek “*cinquenta anos de desenvolvimento em cinco de governo*”. A construção de Brasília, iniciada em 1956 e inaugurada por Juscelino em 21 de abril de 1960, é um ícone dessa modernização do país. Aliás, Lúcio Costa, Oscar Niemayer e Burle Marx farão escola, estando presentes na movimentação que se imprimiu na cidade de Florianópolis naquele momento. Um exemplo é o próprio projeto paisagístico do questionado aterro da Baía Sul¹, concebido por Burle Marx.

Sobre o tema da modernização das cidades brasileiras², a historiadora Maria Bernardete Ramos Flores afirma que:

“Em 1959, quando o Brasil vivia a febre desenvolvimentista, lia-se num jornal paulista: “a pequena e pobre Florianópolis passa por um surto de progresso e só agora construções modernas começam a aparecer entre os prédios velhos emoldurando uma das mais belas paisagens marítimas de todo Brasil”. Nesta época a cidade ainda era apresentada como de estilo colonial português, habitada por descendentes de açorianos. Um povo “profundamente bom” que conserva um sotaque pitoresco. (...) Em tom jocoso, sua população costumava dizer que a cidade era um “buraco”: de uma lado o Rio Grande do Sul, do outro o Paraná. E as grandes obras, o progresso, os eventos culturais, passavam “por cima” de Florianópolis”³.

¹ Mesmo não sendo o assunto central do trabalho, gostaria de frisar que nem todas essas obras de modernização foram “úteis”. Muitas delas retiraram a identificação das pessoas com alguns pontos da cidade, transformados em nome do progresso. O aterro da Baía Sul está até hoje sendo moldado, como é o exemplo da recente inauguração do Centro de Eventos. No artigo: PREFEITURA Municipal de Florianópolis. *Florianópolis meu Amor*. Florianópolis, ago. 1982: A Necessária Utilização do Aterro. Edição sobre a Prefeitura na ocasião do aniversário da cidade. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Lia-se “*Com a implantação do aterro hidráulico, a Baía Sul fugiu aos pés do ilhéu, o Miramar morreu agonizando na areia fétida, o Mercado, a Alfândega e Capitania dos Portos ficaram com seus trapiches mutilados, e os velhos casarões órfãos da ressaca provocada pelo vento sul. O porto baleeiro, a cerâmica artesanal sumiram, perderam a importância. (...) A implantação de equipamentos coletivos destinados à cultura e ao lazer, a ocupação da nobre área do Aterro da Baía Sul, possibilitaria ao ilhéu voltar a conviver junto com o mar*”.

² No censo de 1960 a população brasileira ainda é majoritariamente rural, esse perfil apresenta mudanças no censo de 1970, momento que marca a maioria da população em zonas urbanas.

³ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi – palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. p. 62 e 63.

Trata-se, neste capítulo, de dar visibilidade aos tópicos que marcaram alguns discursos políticos desde o final dos anos 60, ou seja, a forma como trataram suas preocupações diante da “urgente” transformação da cidade: as visões que defenderam a relação da sociedade com o meio ambiente, pelo fomento ao turismo e, posteriormente, pela apropriação de princípios do discurso ecológico. Perceberemos a construção de discursos políticos e de políticas públicas para a cidade, assim como os momentos e contextos nos quais planos e ações emergiram para concretizar um novo projeto urbano na Ilha de Santa Catarina.

Como o discurso ecológico chega nas esferas intelectualizadas somente em meados dos anos 70 e de forma organizada nos anos 80 – um exemplo em Florianópolis é a formação do Movimento Ecológico Livre, o MEL – introduzindo valores, apresentando alternativas para a sociedade, a visão de turismo e natureza que se prega na atualidade não é a visão que se tinha na década de 60 até final dos 70. O próprio movimento ecológico reviu posturas, acrescentou reflexões ao longo de sua história. Assim sendo, além de pontuar a aparição dos discursos políticos, relacionando-os com a sociedade e seu mundo natural, mostra-se fundamental dar visibilidade aos significados desses mesmos discursos abordados. É uma proposta que vai na direção de uma “*ciência interpretativa, à procura de significado*”⁴, conforme defende Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas*⁵. Ao relatar que uma piscadela pode ser “*um tique involuntário*”, um movimento “*conspiratório a um amigo*” ou, mesmo, a ridicularização daquele que possui o tique nervoso, Clifford Geertz deixa bem clara a complexidade das “*teias de*

⁴ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.15.

significados” que o homem produz, não podendo ser simplificadas por meio de leis “universais”. Mesmo sem a pretensão de elaborar uma descrição densa sobre as políticas públicas relativas ao turismo e à natureza na Ilha, procuro interpretar os discursos escolhidos, historicizando seus significados, isto é, “traduzindo”, sempre que necessário, a apropriação de palavras e expressões, já que acredito estarem inseridas em contextos específicos e complexos.

O primeiro contexto que interessa aqui, marcando a emergência de discursos políticos apropriando-se do discurso sobre a natureza e sobre a dinâmica de dar novos rumos à cidade – rumos pautados pelo fomento ao turismo – refere-se à onda de urbanização em direção aos balneários e da reurbanização do centro. Lembremo-nos de que o centro já havia passado por diversas transformações, como, por exemplo, as transformações impressas nas primeiras décadas do século e diretamente ligadas ao olhar médico-higienista. Após a década de 60, o olhar que se estabelecerá em Florianópolis é o olhar dos modernos traçados urbanos. Nesse momento, a Ilha conhecerá os aterros das baías norte e sul: fundamentais para receberem uma segunda ponte, inaugurada em 1972, e a avenida Beira-Mar Norte.

Pela história do anuário *Florianópolis Turístico*⁶, podemos confirmar que foram realmente os anos 60 que marcaram a transformação do olhar político quanto à questão do turismo na Ilha. Essa publicação pretendia apresentar, a cada ano, “*cada vez mais melhorada, cada vez mais precisa, cada vez mais exata, esta obra que é uma necessidade de informação sobre nós mesmos*”⁷, todavia foi de curta

⁵ Ibidem, p. 13-41.

⁶ SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955 e v.2, 1956. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁷ Ibidem, v.1, 1955, sem paginação.

longevidade, contando apenas com as edições de 1955 e de 1956. Doralécio Soares⁸, responsável pela concepção e organização desses dois cadernos, confidenciou-me que o apoio financeiro do município era fundamental para efetivar sua impressão. Disse que a falta de interesse político foi decisiva para a suspensão do projeto, o que comprova que os políticos ainda não viam no setor um potencial de captação de recursos.

Nesse sentido, a institucionalização das discussões acontecerão pouco tempo depois, no ano de 1959, durante o Seminário Sócio Econômico de Santa Catarina. Esse seminário foi uma estratégia eleitoral de Celso Ramos, na época presidente da FIESC – Federação das Indústrias de Santa Catarina – e, principalmente, candidato da oposição ao Governo⁹. O evento buscava o *“conhecimento da situação sócio-econômica do Estado. Todas as etapas do seminário, realizadas nas diferentes regiões do Estado, eram amplamente divulgadas pelo jornal, e suas conclusões eram unânimes em vários pontos: faltavam estradas, pontes e, principalmente, energia elétrica”*¹⁰. É nesse mesmo contexto de ampla discussão sobre os rumos do Estado que o tema “turismo e desenvolvimento econômico” é introduzido na esfera pública, pois mostrava-se perfeitamente como um elemento que propiciaria o desenvolvimento da capital, apoiado na construção de infra-estrutura urbana. No primeiro volume do *Florianópolis Turístico*, o artigo *È crescente o Progresso da capital Catarinense*, deixa claro esse pensamento, ao frisar que:

⁸ Entrevista formal. SOARES, Doralécio. Entrevista concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do curso de Pós-Graduação em História. Florianópolis.

⁹ Celso Ramos consegue eleger-se governador do Estado de Santa Catarina pelo PSD, em 1960, apoiando-se no tema do desenvolvimento.

¹⁰ PEDRO, Joana Maria, FLORES, Maria Bernardete Ramos (Orgs.) *(Re)inventando a cidadania: a história do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis*. Florianópolis: SINERGIA, 1994. p.21.

“Grandes inversões de Capital se processam, no momento, na construção de edifícios novos, o que atesta visualização do progresso promissor da Capital ilha. Dois fatores, entretanto, contribuíram decisivamente para que se tornassem possíveis as edificações que ora surgem: A LUZ e A ÁGUA. Incontestavelmente, estes elementos decidiram da sorte de nossa ilha”¹¹.

O fato é que no calor das discussões desse estratégico seminário, o turismo perdeu o caráter utópico de uma minoria idealista, da qual Doralécio Soares fazia parte, ao frisar que *“o turista desejoso de refúgio e repouso ou de sensações novas encontre companhia e distração e traga sua contribuição econômica para o progresso da capital”¹².*

A onda de urbanização e crescimento da cidade, após a década de 60, chamada então de progresso, demonstra a transformação do discurso e da prática política relativos ao assunto turismo, natureza, sociedade e desenvolvimento econômico. No já citado artigo *É Crescente o Progresso da Capital Catarinense*¹³, temos o número de 69.122 habitantes. Segundo Florianópolis Turístico de 1955, os habitantes da cidade estavam situados da seguinte maneira: 52.368 na Cidade e Estreito; 1.827 em Cachoeira do Bom Jesus; 1.551 em Canasvieiras; 2.722 em Ingleses do Rio Vermelho; 3.647 na Lagoa; 692 em Ratoles; 4.387 no Ribeirão da Ilha e 1.925 em Santo Antônio de Lisboa. Há outros dados que também apontam as transformações que estão acontecendo em Florianópolis e que serão motivo de prioridades políticas na grande maioria das administrações a seguir.

¹¹ SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*. 1955, Op. Cit.

¹² Ibidem

¹³ Ibidem

“Mesmo contra o pessimismo da grande maioria dos florianopolitanos, a cidade cresce. E cresce vertiginosamente. Em quase todos os setores se sente o progresso da Capital Catarinense.

O seu comércio se descentraliza e se avoluma em negócios.

Novas casas comerciais surgem, e as primeiras indústrias de tecidos se organizam.

É crescente o número de novos estudantes. Anualmente diplomam-se Bacharéis em Direito, Contabilistas, Financistas, Farmacêuticos, Odontólogos, e, dentro de mais alguns anos, a primeira turma de nossa já fundada Faculdade de Filosofia. (...)

Surgem vários bairros residenciais em suas redondezas, efetivando-se, pouco a pouco, a sua zona suburbana”¹⁴.

Destaca, também, a liberação de recursos para o “desenvolvimento” da capital, que inclui melhorias no acesso ao aeroporto: *“Ufanamo-nos, neste informativo, em registrar o crédito de cinco milhões de cruzeiros, votados na Câmara Federal para a recuperação econômica do interior da ilha. Outro crédito também de dois milhões para o alargamento e asfaltamento da estrada para o Aeroporto. Isto vem contribuir de maneira incontestante para o maior engrandecimento da Capital barriga-verde”¹⁵.*

Finalmente, encontrou-se, desde a década de 60, e de maneira acentuada, na década de 70, uma finalidade para as belezas da Ilha da Santa Catarina - belezas cantadas incansavelmente em verso e prosa. A chegada do discurso turístico e a simpatia com que a população vê o crescente apelo à ecologia, já nos anos 70, reforçam a euforia do discurso político por ter uma alternativa de desenvolvimento aparentemente sólida. Buscou-se esse tão pensado desenvolvimento para imprimir, na cidade, uma nova dinâmica, contribuindo para construir uma imagem positiva da capital do estado pela modernização. Interessa também frisar que, na década de 80, independente do rumo que se pretendeu dar aos assuntos que tangem ao meio ambiente, os políticos adotaram amplamente esse discurso. Para muitos representa apenas um

¹⁴ SOARES, Doralécio. Op. Cit., 1955.

¹⁵ Ibidem

razoável potencial de votos, uma vez que a opinião pública tem se mostrado cada vez mais sensível ao assunto. Para outros poucos é alicerce ideológico - refiro-me, muito particularmente, aos candidatos do Partido Verde - mesmo se sua atuação em Santa Catarina não se tenha mostrado relevante em termos de aprovação de leis¹⁶. O economista Helton Ricardo Ouriques irá desconstruir, já no final dos anos 90, a utopia do turismo como salvação econômica, em *Turismo em Florianópolis - uma crítica à indústria pós-moderna*¹⁷, mostrando a precariedade e a sazonalidade dos empregos gerados pelo setor.

O princípio que norteia a análise do discurso político nesta dissertação é de que o discurso cria o sujeito¹⁸. Por essa razão, Foucault insiste tanto na idéia de que o Homem é efeito das práticas discursivas e não discursivas. Invertendo a ordem das coisas, o discurso passa a ser visto como efeito e não mais como um reflexo das atitudes. O discurso não descreve, ele institui fazeres, produz realidades “*Os objetos históricos assim como seus sujeitos emergiam aqui como efeitos das construções discursivas, ao invés de serem tomados como ponto de partida para a explicação das práticas sociais*”¹⁹.

É o caso da criação do IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - que institucionaliza o discurso sobre o crescimento planejado. A fundação do IPUF é claramente um efeito das práticas discursivas de seu tempo, que esperam planejar e ordenar o crescimento da cidade. O Plano Diretor dos Balneários,

¹⁶ Em conversa informal, o advogado de questões ambientais, Marcelo Dantas, passou-me a informação de que os candidatos eleitos em Florianópolis pelo Partido Verde, não conseguiram maioria para aprovar leis municipais visando a proteção ambiental. A legislação ambiental de referência - aprovada pela Câmara - é de autoria de técnicos do IPUF.

¹⁷ OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis - uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 9-42. Introdução.

aprovado pela câmara municipal, em 1985, tem como meta “regular o uso e a ocupação do solo, especialmente quanto à localização, o acesso, a implantação das edificações e aos outros limites do direito de construir, excetuada a utilização das terras para a produção agrícola²⁰”. Todavia, as inúmeras construções clandestinas na Ilha mostram uma certa ineficácia da instituição.

A antropóloga Márcia Fantin, autora do livro *Cidade Dividida*²¹, que aborda os embates atuais, em fins dos anos 90, sobre os projetos para cidade, explica que Florianópolis está dividida em dois blocos que defendem utopias urbanas distintas. Um primeiro grupo procura acelerar e sofisticar a urbanização da cidade; um segundo defende a manutenção de uma cidade de porte médio. Segundo a autora: “é possível identificar a existência de diversas concepções de cidade. Inclusive, muitos conflitos têm suas raízes justamente nessas diferentes perspectivas que, grosso modo, contrapõem duas grandes vontades: a vontade daqueles que desejam conservar o perfil de cidade média e a vontade daqueles que vislumbram transformá-la numa metrópole e até mesmo já a caracterizam como tal”²²

É o projeto anterior a esse embate que será aqui apresentado, ou seja, a transformação da Florianópolis de “estilo colonial português, habitada por descendentes de açorianos”²³ em Florianópolis, a capital turística do mercosul. Em pouco mais de 30 anos, uma nova Florianópolis, sem os ares provincianos de outrora, foi construída de concreto e no imaginário. Nas décadas de 60 e 70, vimos o

¹⁹ RAGO, Margareth. *O efeito-Foucault na historiografia brasileira*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, v.7, n.1/2, p. 67-82, out. 1995, p.71.

²⁰ Florianópolis. Decreto-Lei 2.193, de 1985. Institui critérios para o Plano Diretor dos Balneários do município de Florianópolis. Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1985.

²¹ FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida – dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

²² Ibidem, p.18.

²³ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. Cit., p. 62.

nascimento do projeto de metrópole, pelo discurso desenvolvimentista²⁴. Ao lado dele, fortalecendo-se com o movimento e o discurso ecológico dos anos 80, emerge o projeto de cidade média que procura “frear” esse desenvolvimentismo.

A documentação a que tive acesso refere-se, sobretudo, a prestações de conta de prefeitos e a cadernos comemorativos do aniversário da cidade. Não consegui a informação sobre a periodicidade dessas fontes, ficavam a critério de cada gestão, umas mais preocupadas em dar visibilidade a seus projetos e ações, outras talvez tenham encontrado canais diferentes para mostrar-se. O fato é que, não tendo disponível a documentação sobre discursos de, ao menos, parte dos planos dos prefeitos da cidade, desde meados dos anos 60, escrevo sobre os que considero mais ilustrativos dentro do universo pesquisado. De qualquer maneira, o objetivo não foi buscar uma origem, uma continuidade ou uma reconstrução desse discurso na Ilha de Santa Catarina, mas, antes de tudo, apresentar sua construção, sua emergência, já que *“a emergência é portanto a entrada em cena das forças, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude”*²⁵.

A força emergente e seus tópicos de maior visibilidade determinaram e continuam determinando rumos para a cidade. Assim sendo, mostram-se fundamentais na compreensão da atual vida política florianopolitana, visivelmente absorvida pelo discurso ecológico – fato que está intimamente ligado à própria evolução do movimento ecológico no mundo e, conseqüentemente, no Brasil. O

²⁴ Sobre o desenvolvimentismo, ler SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 - 1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

²⁵ RAGO, Margareth. *O efeito-Foucault na historiografia brasileira*. Op. Cit., p.24.

“negócio” ecológico atingiu as políticas municipais para Florianópolis, e é relevante explorar a influência dessas idéias e sua abrangência no universo da política para o município. Como um dos setores que constróem o mosaico social, vimos que o mundo político não foge, de forma alguma, à adequação de seus discursos ao discurso ecológico. Parece-me importante lembrar que existem políticos diretamente engajados na causa ecológica. Refiro-me aos representantes do Partido Verde, que nasceu como opção alternativa à política conservadora:

“O movimento alternativo existiu durante todos esses anos no Brasil, explodindo em comunidades rurais, comunidades terapêuticas, atividades de divulgação de terapias orientais e outras formas, mas num certo sentido ainda vivia num gueto. Estávamos passando por um momento da História do Brasil em que todas as forças políticas que se sentiam capazes de contribuir para o desenvolvimento do país tinham que sair do gueto e mostrar suas alternativas, suas proposições. Essa foi a origem da formação de um Partido Verde”²⁶

Ele permanece uma alternativa até hoje. Todavia, os partidos conservadores, seus candidatos e representantes eleitos usam essa fala em seus programas e em seus discursos por ser *“um tema com um grande potencial eleitoral”²⁷*, como nos lembra Fernando Gabeira²⁸.

Assim, fica fácil deduzir que a influência das idéias ambientais penetraram no universo da política, em um primeiro momento, pelo potencial de se conseguir eleitores; e em uma segunda etapa – já no poder – como captador de recursos financeiros. Os grandes credores, como o Banco Mundial, começam a exigir “ecologia” nos projetos, logo, apropriar-se desse discurso é um bom negócio.

²⁶ GABEIRA, Fernando. A Idéia de um Partido Verde no Brasil. In: PÁDUA, José Augusto (Org.). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987. p. 177.

²⁷ Ibidem

²⁸ Ibidem

Analisando parte dos discursos de prefeitos que estiveram no comando da cidade nos últimos trinta anos, é visível o crescimento desse fenômeno em Florianópolis. Se o discurso político relacionado à proteção ambiental está apoiado na sedução dos eleitores, qual é a prática política? Qual é o real engajamento das prefeituras com a causa ecológica? Florianópolis viveu um momento de intensas transformações paisagísticas: ponte, avenidas, aterros e visível verticalização do centro e dos balneários – por sua vez especulados por critérios omissos e questionáveis, transformações que continuam sofisticando-se.

A história no seu fazer está repleta de informações conflitantes. Sistematizar tais informações não é tarefa evidente. Fato compreensível, se tivermos em mente que o assunto aqui abordado toca em dois pontos complicadores: a política e a apropriação social da natureza.

Desenvolvimento e modernização: planos de novos ares para a pacata Florianópolis

“Como comunidade precisamos lutar contra este processo aviltante de destruição da natureza em Florianópolis. É sempre com muita dor que vejo a depredação da natureza. Regiões inteiras da Ilha de Santa Catarina, especialmente as praias, que em passado recentes eram virgens, com a natureza explodindo, são vitimadas pela voragem dos especuladores, pela invasão dos destruidores”²⁹.

Acácio Garibaldi Santiago, que assume o comando da prefeitura no período compreendido entre 31.01.1966 – 21.03.1970,

²⁹ SANTIAGO, Acácio Garibaldi. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

Todas as citações retiradas do material datado de 31/03/81 referem-se a uma discussão organizada sobre o processo do planejamento na cidade. O prefeito no comando era Francisco de Assis Cordeiro.

inaugura o discurso e a prática do planejamento institucionalizado na capital catarinense. É o momento em que fica explícita a vontade política de impregnar a cidade com novos ares, retirando-lhe definitivamente a marca do atraso, que se opõe ao movimento desenvolvimentista que percorre o país. Aliás, a preocupação com o planejamento urbano, iniciado nessa administração, conduzirá as políticas públicas ao longo de toda a década, ou seja, das próximas duas gestões. Professor e membro de um grupo de intelectuais filiados ao PTB – Partido Trabalhista Brasileiro – foi o último prefeito eleito em Florianópolis antes dos nomeados - norma estabelecida pelos governos militares, após o golpe de 1964. Segundo artigo de Luiz Felipe da Gama Lobo D'Eça³⁰, no *Jornal AN Capital*³¹, apesar de seu partido ser olhado com desconfiança pelos militares, pelo fato do PTB ter sido um partido populista, o prefeito Acácio Santiago conseguiu estabelecer com a autoridade militar no estado “*uma relação de mútua compreensão e respeito entre ambas autoridades*”³².

Nas falas de Acácio Garibaldi Santiago, a urbanização descontrolada da Ilha é um agente inconsciente de depredação, tanto no que diz respeito às regiões mais centrais como nos balneários: “*O homem urbano, desconhecendo a necessidade de preservar a natureza, invade, avilta, depreda, achando que está fazendo um bem construindo palacetes nas praias, quando na verdade está mesmo é deturpando o processo, violentando a natureza*”³³.

³⁰ Gama D'Eça – arquiteto de formação – foi supervisor do Escritório Catarinense de Planejamento Integrado – ESPLAN, uma organização particular, responsável pelo primeiro Plano Diretor da Cidade de Florianópolis.

³¹ D'EÇA, Luiz Felipe da Gama Lobo. *Acácio Garibaldi: tributo*. AN Capital, Florianópolis, 12 jul. 1997. p.2.

³² Ibidem

³³ SANTIAGO, Acácio Garibaldi. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

Seu discurso e suas metas para a cidade refletem o objetivo de institucionalizar o planejamento no município, visando frear o crescimento desordenado, que é para ele sinal de depredação ambiental. Proteger é calcular o crescimento, conduzi-lo. Sua concepção de proteção da natureza está diretamente ligada ao planejamento urbano, ao crescimento orientado, e suas inquietações sobre o crescimento dos balneários são um claro reflexo da Ilha já ser nessa época, muito presente no cotidiano de lazer dos habitantes e visitantes.

Vale relembrar, como ilustração para o fenômeno do crescimento turístico na Ilha, as edições em 1955 e 1956 dos dois volumes de *Florianópolis Turístico* de Doralécio Soares³⁴, assim como a organização do já citado Seminário Sócio Econômico de Santa Catarina, em 1959 pela Federação das Indústrias de Santa Catarina – FIESC, oficializando a introdução do tema nas esferas públicas.. Segundo o historiador Sérgio Luiz Ferreira, “Como fruto deste seminário, foi escrito o primeiro documento (*oficial*³⁵) sobre o turismo em Santa Catarina – Florianópolis e o Turismo. (...) O documento inicia dizendo ser o turismo uma das atividades mais compensadoras dos tempos modernos”³⁶.

O que há de peculiar no discurso de Acácio Santiago, e extremamente relevante para esta pesquisa, é a introdução em suas falas do “casamento” turismo e preservação ambiental. Para ele, só a preservação das “belezas” da Ilha traria recursos para o município, pois proporcionaria um turismo de maior qualidade:

³⁴ SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955 e v.2, 1956. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

³⁵ A observação é minha.

³⁶ FERREIRA, Sérgio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998. p. 106.

“Isto é o que mais me preocupa – a preservação de nossa belezas, até para que tenhamos mais desenvolvimento no turismo. Não apenas para diletantismo pessoal. Só com a manutenção da atual qualidade de vida e a preservação das belezas da Ilha poderemos dar cumprimento a excelentes programas turísticos”³⁷

Demonstra estar atento ao crescimento que vive a cidade nesse período, afirmando que *“Florianópolis explodiu e não é mais aquela provinciazinha do meu tempo”³⁸*. A instalação da Universidade Federal, em 62, e da Eletrosul, na mesma década, contribuem vivamente para a transformação desse cenário. Em sua gestão, vai se empenhar em moldar esse crescimento, impregnar a cidade com novos traços: para ele e para sua equipe, são os traços delimitando territórios que definem a preservação. No final de seu mandato, no ano de 1969, são iniciadas discussões para elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região da Grande Florianópolis. Esse plano foi elaborado pelo Escritório Catarinense de Planejamento Integrado – o ESPLAN – *“uma organização particular que contou com os recursos e a colaboração da prefeitura”³⁹*, sendo supervisionado pelo arquiteto Luiz Felipe Gama D’Eça. Embora com poucos recursos, o ESPLAN foi criado. O prefeito Acácio Garibaldi Santana:

“fez funcionar o Conselho Municipal de Engenharia, arquitetura e Urbanismo e a partir desse pequeno núcleo de amigos voluntários, sem remuneração, montou uma estrutura que criou o Plano de Desenvolvimento Metropolitano, até hoje em implantação. Vencendo oposição sistemática de grupos descompromissados – que não são citados⁴⁰ - o Plano vem orientando a construção da primeira metrópole catarinense”⁴¹

³⁷ SANTIAGO, Acácio Garibaldi. Op. Cit., nota 32.

³⁸ Ibidem

³⁹ SANTIAGO, Acácio Garibaldi. Uma cidade difícil: o vai-e-vem do Plano Diretor. *Florianópolis – De um futuro comprometido a um compromisso com o futuro – 1975/1978*. Florianópolis, ago. de 1978. p.5. Relatório sobre a administração Municipal de Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

⁴⁰ O grifo é meu.

⁴¹ D’EÇA, Luiz Felipe da Gama Lobo. *Acácio Garibaldi: tributo*. AN Capital, Florianópolis, 12 jul. 1997. p.2.

Para essa gestão, preservar é ordenar o crescimento. Trata-se da visão de preservação da década de 70, uma vez que *“O ponto principal de suas preocupações localiza-se na preservação das belezas naturais da Ilha de Santa Catarina”*⁴². O que se busca é uma nova estética para a cidade, planejada em pranchetas e visivelmente inspirada nos moldes em que a capital federal fora gerada. Esse plano para o crescimento ordenado de Florianópolis é, de qualquer maneira, uma inovação no cenário ilhéu e deixa claro qual é a concepção do prefeito Acácio sobre proteção ambiental: *“A partir de 70, a cidade começou a receber tratamento adequado, com a introdução na municipalidade de uma idéia de planejamento”*⁴³. Proteger é crescer em escritórios, é traçar a urbanização, é racionalizar os espaços públicos.

Análises do impacto ambiental das grandes empreitadas que estavam sendo concebidas nem eram pensadas nesse período – será uma preocupação das décadas futuras. As obras às quais me refiro são os aterros das baías norte e sul – o pedido para execução dos aterros é feito pelo então prefeito Acácio Santiago já em 1967 junto ao governo federal, responsável por esses espaços da marinha. A execução será posterior, em 1973. A urbanização e o paisagismo do aterro – concebidos por Burle Marx – são autorizados em 1982. Seu destino seria o lazer, porém, até hoje, o aterro não é aceito como espaço de sociabilidade, certamente pela sua artificialidade. Caberia também salientar que o destino do esgoto urbano continua sendo um fator de grande peso na poluição das águas da baía norte e sul. Mesmo sem cobrir toda a extensão

⁴² Ibidem

⁴³ SANTIAGO, Acácio Garibaldi. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

urbana, uma primeira atitude adequada é concretizada apenas no final da década de 90, com a construção da estação de tratamento que se encontra no aterro em frente ao Terminal Rodoviário Rita Maria. Os balneários também sofreram imensa depredação, e o Plano Diretor dos Balneários é aprovado somente em 1985, pela lei 2193/85, sem contar que a especulação imobiliária corre desenfreada.

Mesmo se as falas do prefeito Acácio Santiago estão repletas de elogios à Ilha: “ *Nada se iguala às excelências da natureza da encantadora Ilha de Santa Catarina*”⁴⁴, nesse sentido, elas não representam uma novidade – desde que começou a receber viajantes, as belezas da Ilha foram documentadas. Inovador é seu discurso que estabelece um elo entre turismo, natureza e preservação pela ordenação dos espaços que trariam preservação das “belezas” da cidade. A cidade começa a ser “disciplinada” por profissionais do ESPLAN, sem o respaldo do discurso ambientalista, que é introduzido na municipalidade no final dos anos 70, no IPUF. Disciplinando a cidade, ela ganharia visibilidade nacional, perdendo seu jeito provinciano, que já não “combina” mais com as transformações que vive, pois é a cada dia procurada por visitantes.

*“Para disciplinar a urbanização de Florianópolis o então prefeito Acácio Santiago não viu outro caminho senão o de criar um processo de planejamento que desse condições permanentes para um desenvolvimento racional e harmônico, executado dentro dos padrões técnicos modernos. (...) O grande objetivo do Plano de Desenvolvimento da área Metropolitana da Grande Florianópolis é a organização do espaço microregional como um todo, onde se destaca o Centro Urbano Líder, construído numa escala capaz de lhe conferir importância nacional”*⁴⁵.

⁴⁴ SANTIAGO, Acácio Garibaldi. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*. Op. Cit.

⁴⁵ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. Uma cidade difícil: o vai-e-vem do Plano Diretor. *Florianópolis – De um futuro comprometido a um compromisso com o futuro – 1975/1978*. Florianópolis, ago. de 1978. p.5. Relatório sobre a administração Municipal de

Há uma disputa velada com as vizinhas Joinville, Criciúma, Blumenau e Lages que estão crescendo e questionando Florianópolis como capital. É preciso dar definitivamente visibilidade à cidade, transformando o cenário, maquiando seu provincianismo, seu pacato jeito de ser. A urbanização do centro metropolitano é uma questão de sobrevivência do funcionalismo público – característica fundamental para a sobrevivência da grande maioria dos florianopolitanos e que corre risco de vida. É preciso falar da cidade, frisar suas qualidades, torná-la aprazível, atrativa.

“Administar Florianópolis sempre foi um “abacaxi”. Cidade sem indústrias e de funcionários públicos, a sua arrecadação sempre foi pobre, perdendo longe para Joinville, Blumenau e Lages. Não deve ser por outro motivo que aconteceram diversos movimentos, vindos do interior do estado, com o objetivo de passar a capital para outra cidade. Hoje não se fala mais nisso. Mas nas décadas de 50 e 60 Florianópolis esteve um tanto quanto estagnada. (...) A partir da década de 60 Florianópolis deslanchou. E começou a corrida imobiliária que modificou (e transfigurou para muitos) completamente a feição da cidade. Era a hora de se pensar em planejamento, sob o risco da capital continuar crescendo de uma forma completamente desordenada e caótica. E mais uma vez surge a idéia de um Plano Diretor”⁴⁶.

A preocupação em transformar a cidade para conferir-lhe uma maior visibilidade é proposital, justificando, assim, seu título de capital. Esse desenvolvimentismo está inserido no contexto nacional. Durante a gestão de muitos de seus sucessores nomeados pelos militares, e de acordo com a documentação pesquisada, far-se-á um silêncio sobre a questão da preservação ambiental, até a retomada da idéia de planejamento. O Plano Diretor, elaborado nessa gestão, ficará engavetado até maio de

Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Artigo não assinado. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

⁴⁶ Ibidem

1976, data de sua aprovação, após uma primeira atualização. Acácio Garibaldi Santana desencadeou, assim, no município, o processo da tão importante visibilidade que justifica seu título de capital.

Pontes, avenidas e forasteiros:

um projeto urbano em fase de concretização

Outro momento desse discurso é a administração do Coronel Ary Oliveira⁴⁷, no período compreendido entre 05.05.1970 e 20.11.1973. Nomeado em plena fase da “linha dura” da ditadura militar para dirigir o município de Florianópolis, ocupará posteriormente, na década de 80, o cargo de Secretário de Segurança Pública⁴⁸.

Nessa administração, iniciam-se ações relativas à transformação da cidade por meio de grandes obras. Aliás, essa é uma postura verificada em todo país: governar é construir estradas. O processo de consolidação de uma série de projetos é desencadeado: a década de 70 trouxe a preocupação em criar infraestrutura de grande porte para a cidade. A “concretagem” da cidade era uma das formas para alcançar o principal objetivo político de então: receber um fluxo relevante de turistas, além do já citado projeto de “enterrar” o provincianismo do município para dar-lhe uma nova visibilidade. Essas idéias caminham absolutamente juntas, uma vez que a vinda de turistas também confere à cidade em crescimento importante visibilidade.

⁴⁷ Entre 22.03 a 05.05 de 1970 há um rápido governo interino de Nagib Jabôr.

⁴⁸ As fontes consultadas e referenciadas nesse trabalho não especificam se o Coronel Ary Oliveira foi Secretário de Segurança Pública do Município ou do Estado.

Além dos planos, aparece com freqüência a captação de recursos para o município colocar em prática as ações desejadas. A verdade é que Florianópolis pouco arrecada devido ao seu perfil administrativo. Depois de tantas mudanças monetárias, os números talvez não tenham tanto significado quanto à tônica deste depoimento que nos revela a dificuldade de se captar recursos: *“Lembra o coronel Ary que em sua administração o máximo que conseguiu foi um empréstimo de 10 milhões de cruzeiros no Banco do Brasil, depois de muitas viagens e contatos com autoridades federais”*⁴⁹.

Dentre os projetos consolidados nessa gestão, o asfaltamento da BR-101 é um episódio marcante, mas a inauguração de uma nova ponte, em 1972, o início do aterro das baías norte e sul, em 1973⁵⁰, e a construção de vias expressas na cidade determinam a transformação da paisagem da Ilha. *“Ary Oliveira sustenta que houve um acelerado processo de desenvolvimento em Florianópolis durante a década de 70. Chega mesmo a enfatizar que houve uma virada de página, com substanciais transformações na vida do município”*⁵¹.

No discurso do Coronel Ary Oliveira, não há nenhuma referência quanto à proteção ambiental, pelo contrário, afinal *“Propõe a implantação de um circuito das praias, com estradas pavimentadas, que viria a beneficiar a expansão do turismo e dar nova dimensão à paisagem da Ilha”*⁵².

Em depoimento, apresenta a idéia - amplamente explorada pela mídia anos 90 - de que Florianópolis seria uma das melhores capitais do Brasil para se viver: *“ Conheço quase todas as capitais brasileiras e muitas cidades importantes, mas acho que Florianópolis continua*

⁴⁹ OLIVEIRA, Ary. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981, p.5. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver - Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

⁵⁰ CARUSO, Waldemar. *Desterro e a Câmara - Traços da cidade, de sua história e de sua gente, outubro de 1982*. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁵¹ OLIVEIRA, Ary. Op. Cit., p.5.

⁵² Ibidem

*sendo a melhor para se viver*⁵³. Tanto ele quanto seu antecessor e seus sucessores vão explorar a idéia de que Florianópolis é boa para se viver, pois, mesmo sendo uma capital, uma cidade em urbanização, em fase de crescimento, não possui os males das grandes metrópoles: *“tem as vantagens das metrópoles, mas não importou os seus aspectos negativos”*⁵⁴.

Fora as grandes obras de engenharia civil e o olhar cuidadoso para o potencial do turismo que começa a se revelar interessante, a tônica de seu mandato não é o turismo, nem a preservação ambiental, mas a contenção da marginalização da periferia que, gera violência. Está seguindo a cartilha da ditadura militar, que como vimos na parte introdutória do capítulo, não se preocupa particularmente com as questões ambientais, que começam a florescer apenas internacionalmente. Repetindo a explicação, segundo Eduardo Viola⁵⁵, o que foi feito nesse sentido, no Brasil da época, foi a criação em 1974, da Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), pelo presidente Geisel. O único objetivo dessa secretaria foi cumprir exigências de alguns organismos internacionais, que exigiam a existência formal desse tipo de órgão, assim como relatórios de impacto ambiental. O cumprimento desse quesito era decisivo para a aprovação de empréstimos destinados a grandes obras públicas, característica marcante durante a ditadura militar. Já para os municípios, uma vez que os recursos eram distribuídos pelo governo federal, não houve nenhuma exigência

⁵³ Ibidem

⁵⁴ Ibidem

⁵⁵ VIOLA, Eduardo. Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. In: PÁDUA, José Augusto (Org.). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987, p. 88.

ambiental. Assim, a fala do coronel Ary Oliveira não direciona comentários para questões específicas sobre o meio ambiente.

Crescimento e transformação: a institucionalização do planejamento

Após dois rápidos governos interinos, o Governador Konder Reis nomeia Esperidião Amin Helou Filho⁵⁶, que dirigiu o município entre 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978. Na época era filiado à ARENA, e com 27 anos, assumiu o comando da cidade que vivia uma grave crise financeira. Florianópolis precisava acelerar, ainda mais, sua transformação, acentuando seus diferenciais, para continuar defendendo a posição de capital. Outras cidades do estado, economicamente fortalecidas, como Joinville, questionavam a manutenção da capital em Florianópolis, cuja arrecadação era quase dez vezes menor: *“Joinville arrecada mensalmente 16 milhões com ICM, Florianópolis que é capital, consegue um minguado 2 milhões”*⁵⁷.

Deparamo-nos com um imediato retorno às propostas de planejamento urbano, engavetadas desde então. A gestão de Esperidião Amin recuperou o Plano Diretor de Acácio Garibaldi Santana e estabeleceu um marco fundamental nesse processo de institucionalização do planejamento da Ilha – é como se fosse preciso, com toda urgência, acentuar ainda mais a nova roupagem da cidade. Após algumas alterações, o plano diretor começou a vigorar em maio de 1976. Continuam sendo exaltadas as qualidades da cidade e para Amin:

⁵⁶ Não encontrei documentação sobre o governo de Nilton Severo da Costa, nomeado entre 21.11.1973 e 17.03.75. Assume interinamente de 17.03.75 a 10.06.75 o vereador Waldemar Caruso e de 11.06.75 a 05.07.75 o deputado Dib Cherem.

⁵⁷ AMIN, Esperidião. *Começa o tempo de Amin. Florianópolis – De um futuro comprometido a um compromisso com o futuro – 1975/1978*. Florianópolis, ago. de 1978. p.6. Relatório sobre a administração Municipal de Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

“ A capital de Santa Catarina apresenta aspectos positivos, não encontrados em outras cidades de idêntico porte. Um deles é a igualdade de oportunidade de lazer, que se abrem no verão para os ricos e para os pobres. Este é um privilégio das cidades litorâneas, onde o acesso às praias acaba neutralizando as diferenças sociais. Já no inverno, Florianópolis apresenta limitações para todas as classes de renda já que não privilegia nem ricos nem pobres”⁵⁸.

Porém era preciso ir além da elaboração de um Plano Diretor, criando estruturas que legitimassem e consolidassem, de uma vez por todas, esse novo perfil de Florianópolis. Assim, no dia 24 de março de 1977 é oficializada, pela lei 1497, a criação do IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Seu primeiro responsável nomeado foi Francisco de Assis Cordeiro, que sucederá Amin – também por nomeação - na próxima gestão municipal, consolidando o discurso do planejamento na cidade.

Dentre as principais funções do novo órgão estão:

“promover estudos e pesquisas para o planejamento integrado do Município (...) com vistas ao desenvolvimento do processo de planejamento integrado da região”;

“elaborar anteprojeto de lei e propor medidas administrativas que possam repercutir no planejamento e no crescimento ordenado do território municipal”;

“Colaborar com as unidades da Administração Municipal para a consecução do planejamento integrado do Município”;

“Elaborar e encaminhar ao Prefeito Municipal, estudos para a implantação e atualização do Plano Diretor de Florianópolis”⁵⁹.

Com a visível crise financeira que atravessava a prefeitura, além da consolidação dos projetos de planejamento urbano, o turismo começa a ocupar, cada vez mais, a cena do discurso político, nessa procura impreterível de uma atividade canalizadora de recursos:

⁵⁸AMIN, Esperidião. O processo de planejamento: padrão da capital brasileira é deformado. O Estado, Florianópolis, 31 mar. 1981, p.9. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

⁵⁹ IPUF e suas funções na estrutura administrativa municipal, 1977 – Acervo da Biblioteca do IPUF .

Alia-se ao discurso de crescimento urbano e melhoria de infra-estrutura, o discurso de proporcionar mais conforto aos turistas. *“Levaremos a toda esta população – da Costa Leste/Sul⁶⁰ – água tratada e ao mesmo tempo atenderemos o turismo, que representa a maior, ou talvez a única opção para que levantemos economicamente e socialmente o nosso litoral”⁶¹*. Fica cada vez mais clara a proposta de melhorar a estrutura da cidade, para captar mais recursos vindos do turismo. O afluxo dos amantes da praia é crescente, assim como a urbanização dos balneários: *“a construção civil cresceu 700% na década de 70”⁶²*. O jornal Diário Catarinense, em março de 1996, dedicou ao tema um documento especial intitulado: *“Florianópolis – origens e destinos de uma cidade à beira-mar”*. No artigo *“O início da invasão”⁶³*, afirma que *“na década de 50 e 60, os hotéis eram poucos e turistas também. Argentinos descobrem o prazer das praias em 70. (...) As primeiras empresas a tratarem o turismo como negócio se instalam na Ilha de Santa Catarina apenas no final da década de 60. (...) A primeira foi fundada em 6 de março de 1967”⁶⁴*. Com o crescimento visível de turistas à procura dos prazeres oferecidos na Ilha, durante os meses de verão, aparece no discurso político de Amin - com dados reveladores - uma certa preocupação com a especulação imobiliária. Segundo o prefeito *“é preciso ter muito cuidado com novos projetos e que os investidores acrescentem à especulação o caráter não predatório, até por uma questão de lógica e bom senso. Um investimento predatório inviabiliza novos projetos”⁶⁵*.

⁶⁰ A observação é minha.

⁶¹ INVESTIMENTOS constantes para melhorar a vida dos catarinenses. O Estado. Florianópolis, 1986, p.4. Suplemento Especial – Florianópolis meu amor. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁶² CARNEIRO, Glauco. *Florianópolis: Roteiro da Ilha Encantada*. Florianópolis: Expressão, 1987, p. 258.

⁶³ O INÍCIO da invasão. Diário Catarinense – Documento. Florianópolis, 27 mar. 1996, p. 3.

⁶⁴ Ibidem

⁶⁵ AMIN, Esperidião. O processo de planejamento: padrão da capital brasileira é deformado. O Estado. Op. Cit., nota 57.

Em momento algum é definido ou, mesmo, explicado o conceito de investimento predatório, até porque - cabe novamente salientar - o Plano diretor dos Balneários só será aprovado em 1981 e, mesmo assim, a cidade cresceu - e continua crescendo - de maneira desordenada e pouco preocupada com as áreas de preservação: inúmeras construções ilegais situam-se em mangues, dunas, encostas, entre outras áreas de preservação ambiental permanente.

No final dos anos 70, período em que Esperidião Amin está à frente da prefeitura, o discurso ecológico não é ainda referência no cenário nacional, mas está crescendo internacionalmente. Assim, sua falta de posicionamento sobre questões que tangem à preservação ambiental está inserida no contexto do país. Já é crescente o peso da “paisagem” para a economia da cidade, e o fato fica claro em seu discurso. As ações de sua gestão, porém, não têm o mesmo engajamento que seu discurso, quando afirma que “*A Ilha de Santa Catarina tem dois grandes patrimônios - a gente e a paisagem natural. As características do povo se manterão com o espírito comunitário e a paisagem natural com o uso racional do solo*”⁶⁶. As ações de Amin, relativas à visível explosão do crescimento da cidade, encaminharam-se no sentido de criar instituições que planejem e organizem a cidade, como é o caso do IPUF. A verdadeira preocupação, nesse momento, é levantar financeiramente o município, ameaçado por outras cidades do estado, cuja economia é mais sólida. Nesse sentido, a meta é transformar o cenário local, sobretudo da Ilha, que é o chamariz turístico - mantendo o que define de “*padrão não deformado das capitais brasileiras*”, ou seja, a pouca concentração demográfica.

⁶⁶ Ibidem

“Planejar para preservar”: planejar é impedir o erro?

Com a saída de Amin, assume a prefeitura o, até então diretor do IPUF, Francisco de Assis Cordeiro⁶⁷, no período compreendido entre 21.02.1979 e 10.04.1983. Para consolidar a institucionalização do planejamento na cidade, nada melhor do que um economista, especialista em Economia Regional e Urbana pela USP. A administração do município de Florianópolis acontece após a experiência de Francisco de Assis Cordeiro em cargos na CASAN e no BADESC.

Sua nomeação para o cargo de prefeito da cidade tinha como objetivo principal consolidar o Planejamento Urbano e sua recente institucionalização. Já nessa gestão, Assis Cordeiro deixa bem claro suas posições preservacionistas no que tange ao planejamento, postura diferente da década anterior e visivelmente impregnada do discurso ecológico, já em emergência no país. Essa influência visível do discurso ecológico deve relacionar-se com sua ida a São Paulo, onde eclodem as primeiras grandes ações de visibilidade nacional, devido à exploração mediatizada de movimentos, como o SOS Mata Atlântica. São preocupações que começam a permear muitos setores no âmbito acadêmico. O plano diretor, coordenado por Assis Cordeiro, é taxado de “radical” pelos grupos interessados na especulação imobiliária e comprova que o preservacionismo presente em seu discurso é um reflexo da primeira fase do discurso ecológico.

Há, porém, um paradoxo nessa história: um plano preservacionista de um lado e, de outro, uma explosão da

⁶⁷ Assume interinamente o vereador Saturnino de Brito, no período compreendido entre 01.02.79 e 20.02.79.

construção civil que cresceu, nos anos 70, 700%⁶⁸. As grandes obras muito contribuíram para engordar esse número, todavia é visível a especulação imobiliária nos balneários nos anos 80, quando o crescimento se faz sem nenhum ordenamento. Os balneários serão um tópico a ser tratado com especial atenção no mandato Assis Cordeiro, uma vez que é aprovado, em 1981, o Plano Diretor dos Balneários. Assim que assume a direção do município, já coloca a questão da urbanização das praias, relacionando-a pertinentemente com o crescimento do turismo, que, também, é para ele setor a ser economicamente explorado:

“A Ilha deve ser resguardada até mesmo ao desenvolvimento da habitação, (...).

É preciso induzir que o litoral da Ilha, principalmente os balneários, se voltem para o zoneamento residencial, com áreas específicas para o desenvolvimento turístico, e infra-estrutura de hotelaria, bares, restaurantes. Será possível assim reservar áreas para equipamentos de interesse turístico, consolidando o setor terciário em Florianópolis”⁶⁹.

Ideológica e teoricamente, seu discurso é de grande consistência, porém as ações da prefeitura, por meio do IPUF, mostraram-se ineficientes quanto à fiscalização, mesmo que estivessem propondo justamente o contrário, ou fazendo o possível para oferecer um mínimo de atendimento: *“ existem realmente algumas deficiências da prefeitura nos balneários, mas há um grande esforço em aparelhar o município de uma infra-estrutura de fiscalização e de serviços públicos, prestando atendimento adequado à zona balneária”⁷⁰.*

Pela primeira vez, a documentação consultada aborda o destino incorreto dos esgotos *“Usaremos de todos os meios ao nosso*

⁶⁸ CARNEIRO, Glauco. Op. Cit., nota 61, p.258.

⁶⁹ CORDEIRO, Francisco de Assis. O Prefeito e a Cidade. *O Estado*. Florianópolis, 31 mar. 1981, p. 12 e 13. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

⁷⁰ Ibidem

*alcance para impedir que a falta de escrúpulos de algumas pessoas polua as águas do mar. (...) Lamenta-se a falta de escrúpulos de pessoas que têm casas de veraneio e fazem ligações clandestinas de esgotos sanitários nas galerias pluviais poluindo as águas do mar*⁷¹. A solução proposta é a conscientização da população e o trabalho de lacre de esgotos clandestinos, a construção de estações de tratamento não pertencem à tônica das preocupações do momento. Pertencem, apenas, ao universo do discurso *“o esgoto é a obra mais importante para a capital*⁷².

Seu slogan *“Planejar é impedir o erro*⁷³, inspirado numa fala de Amin, sintetiza os objetivos dessa gestão, que, como já disse, consolida a fundação do IPUF. A especulação imobiliária desenfreada nos balneários, movida pela euforia do grande número de turistas que estão escolhendo a Ilha como destino de férias, não foi contida; e o turismo como catalisador de recursos continua sendo uma vontade política sem propostas de efetivo controle, que minimizaria os impactos no meio ambiente, como, por exemplo, as inúmeras construções ilegais e a poluição das águas.

Florianópolis ainda vive seu processo de embelezamento nos planos municipais: *“Nos dedicaremos mais à tarefa de tornar Florianópolis uma cidade ainda mais bonita de se viver”*. É o projeto de engrandecimento da cidade que se consolida. O IPUF continua investindo na idéia de planejamento urbano das regiões receptoras de turistas, tem consciência do caráter nocivo de um crescimento desarticulado, mas pouco consegue pôr em prática. Nessa gestão, o discurso sobre o turismo já possui contornos bem definidos:

⁷¹ Ibidem

⁷² Ibidem

⁷³ SLOGAN do mandato de Francisco de Assis Cordeiro. *O Estado*. Florianópolis, ago. 1978. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

“Florianópolis tem no turismo, a sua grande perspectiva de estabelecimento de uma economia mais forte. Possui um patrimônio artístico, histórico e natural muito significativo. Porém, é sabido que a atividade turística não controlada tem efeitos não só negativos, mas também predatórios. Desta forma, o município, através de seu órgão de planejamento, vem mantendo uma equipe multi-profissional atuando na área, no sentido de aprimorar os mecanismos de que já dispomos, de preservação e de valorização deste mesmo patrimônio”⁷⁴

Na fala conclusória de seu mandato, Francisco de Assis Cordeiro defende que o planejamento tem sido seguido à risca e que Florianópolis *“é um lugar gostoso de se ver e viver, onde a natureza tem sido respeitada e onde o povo atendido em suas necessidades, convive lado a lado com o desenvolvimento crescente, sem perder suas raízes”⁷⁵*.

Não é exatamente o que veremos nas duas décadas finais deste século, em que os habitantes locais perdem suas terras, ao vendê-las por preços irrisórios, seus referenciais e muitos de seus hábitos cotidianos.

***Palavra de ordem na posse da municipalidade:
conter a poluição das águas***

Após pouco mais de 4 anos de gestão Cordeiro, assume o deputado Cláudio Ávila da Silva, também “biônico”⁷⁶, do recém criado PDS. Administra a capital catarinense durante o período compreendido entre 11.04.1983 e 31.12. 85.

A documentação que consegui levantar sobre o período não é tão significativa como gostaria, pois abrange apenas a posse do novo prefeito, momento em que é entrevistado repetitivamente sobre suas metas para a prefeitura. Não conheci seu discurso

⁷⁴ MEIRELLES, Gilson Luiz Leal – diretor do IPUF na gestão Francisco de Assis Cordeiro. *O Estado*. Florianópolis, mar. 1982. Sem paginação. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

⁷⁵ CORDEIRO, Francisco de Assis. Todos participam de uma cidade boa para se viver. *O Estado*. Florianópolis, mar. 1982. Sem paginação. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

posterior, ao longo dos anos, que ficou no comando da prefeitura. Fica claro, todavia, que a crise financeira pela qual passa a prefeitura continua sendo a grande preocupação. Porém, em sua fala, há fortes inquietações quanto às conseqüências do acelerado crescimento da Ilha, revelado pelo título de um dos artigos: “A poluição das praias é talvez o maior desafio”⁷⁷. Cláudio Ávila é questionado sobre “as precárias condições de infra-estrutura das nossas praias, tanto no norte, como no sul”, e responde que, “em decorrência do nosso problema de saneamento, nossas bacias estão sofrendo bastante com a poluição, esse talvez seja o maior desafio da prefeitura, mas existem outros grandes também como a falta de calçamentos e outras pequenas recuperações que são urgentes”⁷⁸.

Ações relativas a uma rede de tratamento de esgotos só aparecem em meados dos anos 90. Construir rede de esgotos não angaria votos em eleições: obras que fiquem à mostra ganham votos, infra-estrutura “enterrada” não. Por outro lado, esse é um assunto delegado a um órgão estadual, a CASAN, e isso faz a prefeitura eximir-se de responsabilidades.

Nesses depoimentos com os quais tive contato, o prefeito Cláudio Ávila da Silva não explicita qual é a dimensão de seu engajamento com a preservação ambiental ou com o envolvimento das populações que habitam as praias, quanto às questões também relativas ao crescimento do turismo. Tem consciência dos impactos de um turismo exagerado, porém esse mesmo turismo catalisa importantes recursos e, assim, crescem os projetos de “melhoria” na infra-estrutura turística.

⁷⁶ Palavra usada para designar os chefes políticos nomeados durante a ditadura militar.

⁷⁷ BOND, Luiz Fernando Arzua, GOULART, Vana. A poluição das praias é talvez o maior desafio. *O Estado*. Florianópolis, 10 abr. 1983, p.16. Edição Especial: A Cidade que o prefeito vai encontrar. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁷⁸ Ibidem

“para a praia da Joaquina tem um projeto belíssimo, que necessita a desapropriação de uma grande área próxima à praia para realização de um estacionamento, sanitários públicos, chuveiros, com área comercial para pequenos bares. Este é um projeto que vai requerer investimentos bastante elevados, principalmente para a desapropriação porque o resto seria mais fácil de ser resolvido já que é preciso apenas pequenos equipamentos”⁷⁹.

Essa obra foi de fato concluída, desconsiderando, porém, o impacto cultural, que é aliás muito pouco – ou nada – abordado pelos políticos. A desapropriação do terreno onde está localizada essa obra continua sendo questionada pelos herdeiros do antigo proprietário, segundo informações que obtive em entrevista formal. Sem que o assunto fosse trazido no momento das entrevistas, dona Felicidade Ana Correa, a Dadinha – rendeira – e seu Graciano Manoel Correa, o Jojoca – pescador aposentado e um dos doze filhos do “homem que já teve uma escritura de grande parte das terras da Joaquina”⁸⁰ – disseram que o terreno não teria sido comprado, mas ocupado sem indenizações. Segundo seu Jojoca, que questiona a posse do atual estacionamento da prefeitura na entrada da praia da Joaquina: *“Aquele estacionamento é do pai. O pai não vendeu prá ninguém”⁸¹*. A família aborda o assunto com certa indignação, pois, sente-se injustiçada: *“Aquilo ali a prefeitura tomou tudo”⁸²*.

Se o dinheiro das desapropriações citadas pelo, então, prefeito eleito, não chegou às mãos dos proprietários do local utilizado pelo município, para as obras de ampliação da infra-estrutura turística,

⁷⁹ Ibidem

⁸⁰ Essa propriedade começaria na estrada geral, indo até a praia, segundo seu Jojoca e seu filho Vilson.

⁸¹ CORREA, Graciano Manoel – conhecido por Jojoca. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Florianópolis, 23 jul. 1999.*

⁸² CORREA, Felicidade Ana – conhecido por Dadinha. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Florianópolis, 23 jul. 1999.*

na praia da Joaquina, uma pergunta fica em suspenso: onde estariam essas verbas? Há um claro litígio sobre a questão.

***A sofisticação de uma idéia implementada:
indícios de um novo projeto de cidade***

Já na gestão de Cláudio Ávila, concluída em 1985, percebemos a concretização de um projeto político de cidade, desejado no final dos anos 60, quando Acácio Garibaldi Santiago defende o crescimento de Florianópolis. A idéia de crescimento, apoiada no desenvolvimento do turismo, que se encontrava respaldado pelas “belezas” da Ilha, já circulava entre alguns moradores “utópicos”. Esses admiradores da bela capital, por meio de artigos e publicações, como é o caso do anuário *Florianópolis Turístico* de Doralécio Soares, exprimiam essa utopia urbana, antes mesmo de sua aparição na esfera pública, em 1959, na ocasião do Seminário Sócio Econômico de Santa Catarina.

O turismo tornou-se rapidamente uma realidade na Ilha de Santa Catarina, assim como a adoção do discurso ecológico nesse contexto – discurso que serve visivelmente para ampliar a procura pela cidade. Segundo a bacharela em turismo, a professora Dóris Ruschmann,

“A inter-relação entre o turismo e o meio ambiente é incontestável, uma vez que este último constitui a “matéria-prima da atividade. A deteriorização das condições de vida nos grandes conglomerados urbanos fez com que um número cada vez maior de pessoas procure, nas férias e nos fins de semana, as regiões com belezas naturais. O contato com a natureza constitui, atualmente, uma das maiores motivações das viagens de lazer e as conseqüências do fluxo em massa de turistas para estes locais – extremamente sensíveis, tais como as praias e as montanhas –

*devem necessariamente ser avaliadas e seus efeitos negativos evitados*⁸³.

O fato de a cidade não ter recebido nenhum preparo para esse crescimento assustador, fez com que os prefeitos fossem, desde o final dos anos 70, constantemente confrontados e desafiados pelas conseqüências desagradáveis que a atividade turística imprimiu na cidade.

A administração de Édison Andrino do PMDB, no período compreendido entre 01.01.86 e 31.12.88, vive a amplitude dessa transformação causada pela explosiva chegada dos argentinos na Ilha – reflexo da prosperidade econômica argentina que data dos anos 80: “o fluxo turístico argentino começa a crescer muito até 1980, ano em que ocorre um grande estouro. (...) A moeda argentina passa a ter maior poder de compra do que a brasileira. Este fator causa “invasão” de argentinos, não só para fazer turismo, mas também para fazer compras”⁸⁴. Florianópolis não estava preparada para esse afluxo crescente de turistas que chega a triplicar a população no período do verão. A gestão Édison Andrino concretiza algumas obras importantes – seu slogan na entrega do mandato, em dezembro de 1988, foi: “*Em mil dias de administração, uma obra a cada quatro dias*”⁸⁵. A lista de obras realizadas no sentido de “sofisticar” a infra-estrutura turística é farta, como, por exemplo, o asfaltamento de ruas movimentadas nos balneários. Dentre as inúmeras obras, nos “mil dias de administração” Andrino, interessam para esta pesquisa: a implantação do Parque Municipal

⁸³ RUSCHMANN, Dóris. *Turismo e Planejamento Sustentável – a proteção do meio ambiente*. Campinas/SP: Papirus, 1997.

⁸⁴ FLORIANÓPOLIS – origens e destino de uma cidade a beira-mar. *Diário Catarinense* – Documento. Florianópolis, 27 mar. 1996, p.3. Artigo não assinado. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁸⁵ PREFEITURA Municipal de Florianópolis. *Slogan da administração municipal de Édison Andrino*. Florianópolis, dez. 1988. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

da Lagoa do Peri⁸⁶ e o tratamento de parte do esgoto doméstico da Lagoa da Conceição.

A Lagoa do Peri é uma unidade de conservação permanente, considerada a maior lagoa de água doce da costa catarinense, além de ser o único manancial de água doce e um dos últimos recantos de Mata Atlântica na Ilha. Por sua vez, a implantação do sistema de esgoto na Lagoa da Conceição, também é uma das obras que se mostrava emergencial, contribuindo para uma relativa despoluição de um dos cartões postais da cidade, mesmo não atingindo a captação do esgoto de toda a região⁸⁷. Pela primeira vez, o município recebe – segundo Édison Andrino – tratamento adequado do aterro sanitário, que conta, a partir de então, com um sanitarista especialmente contratado. O turista, desejoso de ocupação e de lazer, ganha um calendário de eventos. O meio político não fala, em momento algum, do impacto cultural na população, esse tópico fica restrito ao discurso de alguns intelectuais que, como a professora Maria Bernardete Flores em *A Farra do Boi*⁸⁸, vão pesquisar o assunto a partir dos anos 80.

Na administração municipal Esperidião Amin/Bulcão Viana, de janeiro de 1989 a dezembro de 1992, é defendido o trinômio “turismo, ecologia e tecnologia”⁸⁹. Com a saída de Amin, no meio do mandato, para disputar uma vaga no Senado Federal, assume seu

⁸⁶ Sobre o assunto ler CABRAL, Luiz Otávio. *Bacia da Lagoa do Peri: sobre as dimensões da paisagem e seu valor*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

⁸⁷ Na atualidade, ano 2000, a Lagoa voltou a ser motivo de preocupação. Foram detectados elevados índices de poluição, comprovando a necessidade de novas ações para minimizar os impactos ambientais.

⁸⁸ FLORES, Maria Bernardete. *A Farra do Boi – Palavras, Sentidos, Ficções*. Op. Cit.

⁸⁹ VIANA, Antônio Henrique Bulcão. Prefeito fala sobre sua cidade. Florianópolis, 23 mar. 1992. Edição sobre a Prefeitura: *Florianópolis há três anos vale mais a pena*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

vice, Bulcão Viana, cujo vocabulário está visivelmente influenciado pelos movimentos ecológicos que emergem nos anos 80.

“Cuidamos dos aspectos ecológicos da nossa cidade. (...) Florianópolis hoje já tem um caminho a seguir que é o turismo, a tecnologia e a preservação da natureza. Nós temos um ecossistema muito delicado. Temos o mar, os mangues, as lagoas, os lagos, os rios e suas nascentes, as dunas, as montanhas e os morros, que precisam ser preservados, porque é esse conjunto que torna Florianópolis essa beleza que todo mundo exalta. Nós temos 42 praias que dão aos que nos visitam, como a nós florianopolitanos, uma opção de lazer. Estamos também cuidando da Lagoa do Peri, que é uma área tombada e hoje com melhores condições de lazer. Estamos cuidando da nossa cidade. (...) Faz-se mister ações racionais que não deixam o município parar de crescer, ao mesmo tempo em que suas belezas naturais sejam mantidas intactas”⁹⁰.

A adoção do discurso ecológico não quer dizer, de forma alguma, que exista um verdadeiro engajamento ideológico nesse sentido. Ele mostra-se muito mais como uma apropriação estratégica. Todavia, fica muito clara a consolidação do projeto de transformação da cidade, estabelecendo uma nova relação da sociedade com o meio ambiente, pelo fomento ao turismo apoiado no discurso ecológico.

As administrações seguintes, de Sérgio Grando e da atual prefeita Ângela Amin, reeleita para um segundo mandato em 1º de outubro de 2000, não serão abordadas, pois inserem-se num outro contexto de discussão sobre a cidade, mesmo que os temas “turismo e ecologia” continuem em pauta prioritária. A idéia não é mais transformar a cidade, mas sofisticar seu perfil. O discurso de Sérgio Grando⁹¹, sobre o assunto, direciona-se no sentido da parceria com os empresários e da humanização dos espaços. Por sua vez, o discurso de Ângela Amin, apóia-se na revitalização e na

⁹⁰ Ibidem

⁹¹ REVISTA DE NEGÓCIOS MUNICIPAIS. A prioridade de Sérgio Grando, prefeito de Florianópolis (SC), é atrair turistas dos países do Cone Sul com um espaço urbano humanizado. Ano7, n.59, mar./abr. 1993, p.10. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

intensificação da atividade turística, representando o primeiro item de seu compromisso de governo⁹².

Atualmente a discussão gira em torno de manter o porte médio de Florianópolis ou de conferir-lhe um aspecto ainda mais cosmopolita. Márcia Fantin, em seu livro recém publicado *Cidade Dividida*⁹³, apresenta, entre outras reflexões, a divisão ideológica vivenciada em Florianópolis atualmente:

“Diria então que os conflitos e os paradoxos que fervilham em Florianópolis neste fim de século não são resultantes apenas de um “choque” de cultura como querem alguns, mas de um “choque” de projetos e utopias urbanas. Entre tantos dilemas e disputas que fazem de Florianópolis uma cidade dividida, não se percebe ainda uma proposta hegemônica emergindo no cenário onde se enfrentam esses projetos e utopias e seus representantes político-culturais”⁹⁴.

De pacata a cidade média, com destaque nacional, esse foi o objetivo político para a transformação do município, no período estudado. As gestões municipais, mesmo que de partidos diferentes, colocam um mesmo discurso. Na documentação pesquisada, não aparecem rupturas. Parece que a vocação turística da cidade, pelo menos ao nível do poder municipal, apresenta-se como um consenso. Foi uma transformação muito intensa e rápida, assim, a década de 90 já vive na inquestionável “Florianópolis Capital Turística”.

Esse projeto urbano foi-se consolidando entre os anos 70 e 80. Assim sendo, não há mais razões para que outras cidades do Estado questionem sua posição de capital e, mesmo, sua positiva imagem no circuito turístico nacional e internacional, apesar de todos os impactos verificados na cultura, na sociedade e no meio ambiente.

⁹² COMPROMISSO de Governo – PPB/PSDB/PTB – Força Capital: Ângela Amin e Péricles Prade. Florianópolis, ago. 1996. p. 8: Desenvolvimento Econômico – turismo. Acervo pessoal.

⁹³ FANTIN, Márcia. Op. Cit.

⁹⁴ Ibidem, p. 213.

“O pescador tem uma vida chapada, minha filha. O pescador é velho porque é teimoso, mas ele não ganha para viver”.

(Graciano Manoel Correa – conhecido por Jójoca. – pescador aposentado, morador da estrada geral da Joaquina, entrevista concedida em 23 de julho de 1999).

CAPÍTULO 3

A DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA

“Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história. E apenas muito recentemente é que a habilidade em usar evidência oral deixou de ser uma das marcas do historiador”¹

Como revelar a experiência de outros atores dessa trama sobre o projeto político de transformação da “pacata Florianópolis”, em “Florianópolis capital turística” ? A história oral, ou como alguns preferem colocar, os depoimentos orais fornecem subsídios para alcançar algumas experiências de vida que não aparecem atualmente, sendo pouco ou nada conhecidas por grande parte da população. O objetivo principal deste capítulo é dar visibilidade a algumas experiências vividas, a partir desse fenômeno de remodelação da cidade. Iniciado timidamente em meados dos anos 1960, acentuado como proposta política na década de 70 e consolidado no anos 80, o turismo – pelo menos no universo do discurso – foi transformado em atividade econômica “salvadora” para as finanças do município.

As experiências ligadas a esse projeto urbano estão marcadas por transformações pessoais, muitos mudaram de profissão; por transformações culturais: forasteiros, de passagem ou não, fizeram com que hábitos e costumes recebessem suas influências; e por transformações paisagísticas nos diversos recantos da cidade, procurados como atrativo turístico. Também julguei importante apresentar, brevemente, algumas vertentes metodológicas que acompanharam e influenciaram esta reflexão sobre depoimentos de vida.

¹ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Discursos de prefeitos que estiveram à frente da administração municipal, desde os anos 60, influenciaram-se visivelmente pelo modismo e pela euforia do turismo no mundo e no Brasil, aliados ao crescente interesse pelos assuntos sobre o meio ambiente e pelo desejo de estar, durante as férias, em contato com as belezas naturais, ou seja, com os estímulos opostos aos conhecidos nos grandes centros urbanos. Essa união entre preservação ambiental e turismo mostrou-se como uma possibilidade plausível de salvação para as finanças do município, estimulando a população a investir no setor – foram grandes e pequenos investimentos². Os discursos transmitiam a impressão de que atividades ligadas ao turismo seriam transformadoras para a cidade e, conseqüentemente, para muitos de seus habitantes, desmotivados, em grande parte, pela pesca artesanal já decadente, que exigia esforços consideráveis, como, por exemplo, morar em outros estados, longe da família. Aliás, a pesca artesanal, mesmo deixando de ser prioritária, nunca parou de representar uma atividade complementar para alguns ilhéus. É uma tradição familiar – e masculina – que enche congeladores na época da pesca³.

Todavia, a pesca artesanal e outras atividades usuais na Ilha, como o plantio da mandioca e mesmo do café, na região da Lagoa da Conceição, desde meados do século XX, não se mostravam mais

² Penso nos complexos hoteleiros, como o Costão do Santinho, assim como as inúmeras “edículas” e chalés no “quintal doméstico”.

³ A professora Cristina Scheibe Wolff, orientadora desta pesquisa, é moradora do Campeche – tradicional reduto de pesca no sul da Ilha – e conhece alguns casos de “vizinhos” que pescam nos dias de folga. Um deles é “bombeiro” e trabalha em dias alternados, o que lhe possibilita estar regularmente disponível para pescar. Parece que os homens procuram esse tipo de atividade: policial, bombeiro, vigilante, justamente para se permitirem pescar e exercer outras atividades complementares fora do horário de serviço.

interessantes economicamente, além de estarem cada vez menos de acordo com a nova imagem que se procurava para Florianópolis. Nessa busca por perspectivas profissionais, a adesão a atividades relacionadas com os turistas cresce. Surgem bares, o número de restaurantes aumenta, entre outros serviços afins, sem contar aqueles que venderam suas terras. Alguns dos entrevistados que se orientaram nesse sentido consideram-se bem sucedidos, porém muitos outros ganham apenas “prá viver”. A verdade é que o turismo serviu muito mais para transformar a paisagem da cidade, dando-lhe um aspecto de “desenvolvida”, com pontes e estradas, não proporcionando exatamente o que se esperava em termos de criação de empregos e geração de renda, tese comprovada por Helton Ricardo Ouriques, em seu livro *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna*⁴.

No outono e no inverno de 1999 entrevistei alguns ilhéus, todos naturais de Florianópolis e moradores, na maioria, dos arredores da Lagoa da Conceição: Canto da Lagoa, Estrada Geral da Joaquina e Barra da Lagoa. A região da Lagoa justifica-se por ser um dos grandes atrativos da Ilha, muito procurado pelos turistas e também por migrantes “de fora” que a elegeram para morar, e cuja convivência proporcionou transformações na paisagem e nos costumes locais. Em praticamente 3 décadas, houve um contato muito intenso das populações de recantos receptores com forasteiros e seus hábitos.

Faço também prazeroso uso do livro *Vozes da Lagoa*⁵, compilação de depoimentos de vida⁶, elaborado por duas

⁴ OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

⁵ BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. *Vozes da Lagoa*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes / Fundação Banco do Brasil, 1995.

jornalistas. Os depoimentos, cuidadosamente transcritos nesse livro, ilustram essa transformação do cotidiano. O uso desses depoimentos evitou que me alongasse demasiadamente nas entrevistas, por vezes difíceis de serem transcritas⁷. O livro só acrescentou de forma significativa a pesquisa, poupando-me de procurar pessoas que me dissessem exatamente o que já está ali, ou seja, de refazer uma empreitada semelhante – vale lembrar que muitos já faleceram, como me contou Elaine Borges, uma das autoras.

O objetivo é mapear algumas experiências ímpares e, ao mesmo tempo, reveladoras, sobre a relação do turismo e as transformações por ele desencadeadas, enriquecendo a pesquisa com preciosos episódios de lembranças de outra época, que não voltará jamais, mas que me fez refletir, viajar no tempo, exercitar constantemente a imaginação sobre um tempo tão próximo e tão distante.

A preciosidade dos depoimentos desses atores fica marcada pelas experiências como a de Tereza - dona Terezinha como gosta de ser chamada. Proprietária de uma barraca de camisetas no alto do Morro da Lagoa, ilustra a sazonalidade das atividades geradas pelo setor, que acabam não complementando sua renda familiar com regularidade. Moradora do Canto da Lagoa, vive com o marido em um terreno que era de seus pais e que divide, atualmente, com os filhos. As várias casas aconchegam-se nesse espaço familiar - uma prática muito freqüente entre os ilhéus. A chegada dos

⁶Quando uso os depoimentos de Vozes da Lagoa, optei por não mudar a formatação do livro, cuidadosamente pensada para valorizar essas ricas vozes, segundo comentário de Elaine Borges, uma das autoras.

⁷ Precisei recorrer a uma amiga “manezinha” na hora das transcrições, pois muitas passagens ficaram para mim incompreensíveis, devido à rapidez da fala daqueles que entrevistei.

turistas, na região da Lagoa, trouxe mudanças nos seus hábitos. Costumava, além dos serviços domésticos, fazer renda. Hoje vende camisetas, quando há turistas.

*“A renda ficou péssima.
O pessoal hoje em dia não se interessa por renda,
então ela decaiu.
Quem trabalha na praia, falou das camisetas.
Então comecei com um lugarzinho lá no morro.
Bem não vende não ... só no verão.
Os turistas não são permanentes.
Eles vêm mais em outubro, quando é tempo de festa.
Depois parecem em dezembro, janeiro e fevereiro,
até o carnaval”⁸.
(Terezinha – Canto da Lagoa)*

A temporada de verão instaura euforia, pois é o momento em que começam a aparecer os turistas e, para muitos moradores locais que investiram nessa idéia, chega a hora de engordar a renda familiar. Porém, o verão – sinônimo de fazer algum dinheiro – vai-se, e apenas os que não necessitam exclusivamente dos turistas conseguem manter-se financeiramente, de forma razoável, no restante do ano. Dos cem vendedores ambulantes entrevistados por Helton Ouriques, no verão de 1995, 49 eram exclusivamente ambulantes, 15 estavam sem ocupação em outra época, 07 estudavam, 05 dedicavam-se ao lar, 04 desenvolviam artesanato, 03 eram aposentados e 17 ocupavam funções de serventes, pedreiros, faxineiras, agricultores, comerciantes, entre outras⁹. Esta amostragem, entre muitos dados, como por exemplo o número irrisório de empregados registrados pelo setor turístico e hoteleiro, comprova a precariedade dos empregos gerados.

⁸VIEIRA, Tereza Peres – conhecida por Terezinha. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 19 maio 1999. Antiga rendeira que mantém - quando há turistas - uma barraca de camisetas no alto do morro da Lagoa.

⁹ OURIQUES, Helton Ricardo. Op. Cit. p.102.

Seu Silvio, marido de dona Terezinha, já foi pescador e, mesmo sem ser ambulante, enquadra-se entre aqueles que precisam incrementar a renda familiar. Hoje é comerciante e cuida de um bar, juntamente com um filho, na rua Geral do Canto, em frente à sua casa. Para ele, o movimento melhora no verão, com a chegada dos turistas, que sempre param para comprar uma “coisinha”. No restante do ano, vive do movimento da freguesia local.

*“Deixei de pescar porque a pesca não deu mais.
Como a pescaria não deu,
resolvi me aposentar para pegar outro ramo.
Agora eu só tomo conta de um bar”¹⁰.
(Silvio – Canto da Lagoa)*

Mesmo assim, seu Silvio gosta das transformações pelas quais passou seu “recanto”. Ele aprecia o conforto propiciado pelo “desenvolvimentismo” da cidade, nas décadas de 60 e 70, ao afirmar que:

*“Antes era mais tranqüilo,
uma casinha aqui, outra ali.
Acho que é melhor agora ... porque antes,
a gente passava muita dificuldade.
Passava mal para viver e agora não”¹¹.
(Silvio – Canto da Lagoa)*

Outro depoimento também apóia a transformação, afirmando que as mudanças vieram para melhor, amenizando a vida de trabalho pesado:

*“É verdade que havia muito peixe, muito camarão.
Mas era uma vida sacrificada.
Tínhamos que colher café, fazer as farinhadas ...
era tudo trabalhoso.
As mulheres também trabalhavam muito, ou teciam ou
trabalhavam na roça.*

¹⁰ VIEIRA, Silvio Manoel. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 19 maio 1999.

¹¹ Ibidem

*As casa eram de estuque e nem mesa para se comer tinha.
Botava-se uma esteira no chão, fabricada na Barra da Lagoa
Traziam a comida todos sentavam ao redor e comiam.
A louça era de barro, não tínhamos louça branca.
Não havia também banheiro, nada.
Pra passar roupa era com ferro movido a carvão.
O fogão era à lenha, depois começaram a fazer chapa de ferro.
Antes cozinhavam em cima da trempe, ali botavam a panela.
Mais tarde, apareceram as chapas de fogão”¹².
(Laurindo - Freguesia)*

A urbanização desencadeou um processo irreversível em toda a Ilha e, muito particularmente, nas regiões que oferecem algum atrativo turístico. Sem dúvida, a proposta de melhorar os acessos às praias e a outras comunidades, como a própria Lagoa da Conceição, estendeu aos moradores desses “recantos-chamariz” algum conforto e facilidades, amenizando a vida dura de outros tempos, quando as distâncias eram percorridas a pé. Essa prática cotidiana faz parte da lembrança daqueles que viveram na Ilha ainda pacata:

*“Prá cidade, eu ia a pé.
Atravessava esse morro do Canto,
Depois o morro da Cruz, lá descia e ia embora prá cidade.
Fui muitas vezes com dois balaios de quitanda.
Botava um porrete nas costas e os dois balaios,
Um na frente e o outro nas costas, prá vender no Mercado.
Vendia verdura, tomate, cebola ...
Saía a uma hora da madrugada e chegava
na cidade às cinco, seis horas ...
Era chegar no Mercado, entregar as verduras e voltar,
Nem descansava. Chegava de volta perto do
meio-dia e ia trabalhar na roça.”¹³
(João Libânio – Porto da Lagoa)*

O turismo acelerou o desejo político de apresentar uma Florianópolis urbana e não mais rural. É uma excelente oportunidade para impregnar as “belezas” da Ilha com novas funções, o olhar para o mundo natural transforma-se. A cidade

¹² LAURINDO. In: BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. Op. Cit., p. 89.

¹³ LIBÂNIO, João. In: BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. Op. Cit. p. 61.

molda-se com concreto e asfalto, verticaliza-se assustadoramente, mas também adquire inúmeros contornos por meio de uma nova possibilidade econômica muito mais adequada com o projeto que se vislumbra para a capital do Estado. Esse projeto descartou tudo aquilo que não se relacionava com a modernidade, com o desenvolvimento, com o urbano, enfim, com aspectos do progresso pelo qual passava o país. Dentre esses aspectos inclui-se a agricultura, as casas açorianas, as olarias e, mesmo, os engenhos de farinha que, salvo algumas raridades, desapareceram por completo do cenário ilhéu. É a paisagem como um todo que vai recebendo novos direcionamentos, como relata seu Lócio Martins – também morador do Canto.

*“Acabaram com os cafezeiros.
Os terrenos, hoje, estão nas mãos dos ricos.
Acabaram com o café do Canto da Lagoa.
Por quê? Prá dar valor para o café de São Paulo.
Nosso café perdeu o valor, vender prá quem?”¹⁴
(Lócio Martins – Canto da Lagoa)*

No fazer histórico, a voz de seus atores esteve, durante um longo período, silenciada pela ditadura dos arquivos, detentores dos registros “oficiais”, negligenciando, assim, qualquer outra forma de evidência. Depoimentos narrativos de testemunhas oculares ficaram legados a um plano secundário, ou foram completamente descartados por grande parte dos historiadores, décadas após décadas. A própria “exigência” de um considerável distanciamento temporal do objeto estudado – por permitir uma melhor visualização das transformações estruturais ocorridas a longo prazo – fez com que a revalorização desses testemunhos esperasse até meados do século XX.

¹⁴MARTINS, Lócio. In: BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. Op. Cit. p. 62.

A história vai tornando-se, então, ávida por fontes orais, inicialmente interessada pela experiência dos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial e pela vontade de se fazer uma história “vista de baixo”¹⁵ – iniciativa de historiadores marxistas ingleses. Avidéz explícita em um inúmero considerável de sistematizações acadêmicas sobre o assunto, desde “a primeira experiência da história oral como atividade organizada”¹⁶, em 1948, na Universidade de Columbia.

Muitas das reflexões às quais temos acesso, incluindo inúmeras contribuições brasileiras, foram geradas a partir de pesquisas que procuravam legitimar esse fazer, impregnando-o com uma metodologia, propondo procedimentos de entrevista e transformação do material, breve, definindo caminhos para melhor preparar o uso dessa preciosa documentação. Há especificidades em cada proposta. Acredito, assim como Paul Thompson, em seu clássico *A Voz do Passado*¹⁷, que o historiador-entrevistador deve possuir informações sobre o objeto de pesquisa, para que a entrevista seja mais profunda, sendo melhor explorada a vivência do entrevistado: “*não obstante, o que se dá na verdade é que em geral, quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista*”¹⁸. A fidedignidade é, para Paul Thompson, outro tópico importante e aqui respeitada. Apresenta-se como uma solução para evitar a artificialidade dos depoimentos e os erros de interpretação, caso as transcrições sejam utilizadas posteriormente por outros

¹⁵ Segundo expressão usada em SHARPE, Jim. *A História Vista de Baixo*. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 39-62.

¹⁶ THOMPSON, Paul. Op. Cit., p.14.

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Ibidem, p. 225.

pesquisadores¹⁹. Assim a integridade do depoimento fica preservada.

Carlos Humberto Corrêa²⁰, historiador catarinense e um dos precursores da reflexão sobre a metodologia da história oral no Brasil, também inspirou os caminhos escolhidos na concretização das gravações, ao reafirmar a idéia da condução das entrevistas pelo historiador. O pesquisador deve possuir conhecimento do assunto abordado, já que espera elucidar algumas lacunas da pesquisa, produzindo um documento que, devidamente acondicionado, fica à disposição para futuros escritos. Assim, por conceber a história oral como preparação de documentos para uso futuro²¹, a entrevista não possui caráter jornalístico, pois não é, necessariamente, de exploração imediata. Concordo com essa premissa, por tal razão, vejo positivamente, o uso que fiz dos depoimentos que fazem parte do livro *Vozes da Lagoa*²². Pretendo, também, depositar nas bibliotecas às quais tive acesso, cópias da íntegra das entrevistas que realizei, deixando-as à disposição de outros pesquisadores que venham interessar-se pelo assunto.

¹⁹ A essa visão se contrapõe uma proposta mais recente do professor José Carlos Sebe Meihy. Ele prega um retorno para o leitor de um texto legível, literário e compreensível a qualquer um. Para tal, serve-se do teatro da linguagem, ou seja, traduz a entrevista da linguagem oral para a linguagem escrita: “é o teatro ao inverso”¹⁹, “teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo das sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra”¹⁹. Nessa metodologia proposta cabe ao historiador tratar a entrevista em três etapas. A primeira consiste na transcrição pura da entrevista, à segunda dá-se o nome de transcrição, ou seja, retiram-se as falas do historiador e, por fim, uma textualização das falas do depoente é elaborada, corrigindo erros de linguagem, eliminando repetições, teatralizando o depoimento. O texto só atingirá seus objetivos, uma vez que, lido ao depoente, ele se reconheça naquelas palavras.

Existem propostas intermediárias que não escondem a presença do historiador, partindo do pressuposto de que ele, ao participar do processo, também é autor.

²⁰ CORRÊA, Carlos Humberto P. *História Oral - teoria e técnica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1978.

²¹ Em sua ótica, também coloca como prioridade uma vivência histórica “relevante” dos depoentes. Seus entrevistados são homens públicos que passaram por cargos de prefeito, governador, entre outros: essa seria a vivência “relevante” da qual nos fala Carlos Humberto Corrêa. O tema é vivamente questionável.

²² BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. *Vozes da Lagoa*. Op. Cit.

Em alguns momentos, devido a difícil compreensão, julguei necessário remodelar a fala “mané”, precisando, inclusive, da ajuda de uma amiga para traduzir muitas das passagens. Não foram transcritas em termos fonéticos, porém tiveram seus conteúdos respeitados na integralidade. Em outros trechos, a transcrição fidedigna cabia perfeitamente, pois transmitia com clareza a espontaneidade das falas, tão características dos entrevistados que procurei – todos naturais da Ilha. Reafirmo, porém, que, em todos os casos, a essência dos depoimentos foi mantida, respeitando os princípios éticos da história oral²³.

Mais um exemplo do alcance dos depoimentos orais sobre a influência do fomento ao turismo em Florianópolis, na vida de moradores da Ilha, é a história de Vilson, “nascido de parteira na rua Geral da Joaquina”, como ele mesmo explica. Há cinco anos comanda a cozinha e as finanças de seu restaurante *Entre Amigos*, na estrada Geral da Joaquina, tendo uma trajetória profissional visivelmente ligada aos “forasteiros”. Sua experiência de vida foi marcada com as profundas transformações pelas quais passou a região da Lagoa da Conceição após os anos 60. Por essas razões foi procurado, concedendo uma entrevista. Saiu de casa aos oito anos para ajudar no restaurante de um tio. Após essa primeira experiência, trabalhou em hotéis durante vinte anos – serviu de faxineiro a gerente administrativo. Os hotéis em que esteve situam-se na Joaquina: “era o Cris Hotel, o Joaquina Beach e o Hotel praia da Joaquina”²⁴. No

²³ Sobre a ética da História Oral, ler reflexões de PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Ética e História Oral. Projeto História*, São Paulo, n.15, p.13-50, abr. 1997.

²⁴ CORRÊA, Vilson - Estrada Geral da Joaquina. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 15 jun. 1999.

centro foi funcionário do Oscar Hotel²⁵ e aproveitando uma oportunidade, abriu seu primeiro restaurante – o nome é o mesmo do atual *Entre Amigos*.

*“Trabalhei muito tempo nessa área – a hotelaria –
e eu tinha um sonho ...
Montar alguma coisa para mim.
Só que o salário era pequeno.
Aí, no hotel onde eu trabalhava no centro,
tinha um restaurante ao lado, e eu almoçava ali.
A moça resolveu vender o ponto.
Na época eram duzentos e cinquenta dólares
e eu comprei para não perder a oportunidade”²⁶.
(Wilson – Estrada Geral da Joaquina)*

Aos poucos, desejou um restaurante no seu recanto natal para poder oferecer o que considera ser uma autêntica cozinha ilhoa, cujo cardápio é baseado nas comidas preparadas por sua mãe, dona Dadinha.

*“O turismo influenciou minha decisão de mudar
o restaurante para a Joaquina.
Eu trabalhava com turistas no centro,
e cansei de mandá-los para a Lagoa
comer peixe e camarão.
Acontece que as pessoas não serviam bem o turista.
Aí eu botei na cabeça que tinha que montar
um restaurante à minha maneira.
Fiz bem feito para não ter reclamação”²⁷.
(Wilson – Estrada Geral da Joaquina)*

Continuando sua história, revela o orgulho de suas origens:

*“Eu sou manezinho e como pirão com água fria.
Sirvo o que o povo de antigamente fazia.
Hoje tem a tal sequência,
mas o tradicional é a caldeirada de camarão.
O cardápio é baseado na alimentação da minha infância.
Tem gente que vem de São Paulo prá comer aqui”²⁸.
(Wilson – Estrada Geral da Joaquina)*

²⁵ Situa-se na avenida Hercílio Luz, centro de Florianópolis.

²⁶ CORRÊA, Wilson. Op. Cit.

²⁷ Ibidem

²⁸ Ibidem

Histórias como a de Vilson ficariam “perdidas” em uma memória pessoal, ou seriam divididas informalmente “entre amigos”, se não fosse a proximidade que pesquisadores estabelecem com as pessoas pela história oral. Vale lembrar que Paul Thompson²⁹ defende que a história oral não é uma conquista, mas uma redescoberta, pois *“devolve ao historiador a mais antiga habilidade de seu ofício”*³⁰. Lembra-nos disso, explicando e exemplificando que, no auge do positivismo, do empirismo, alguns trabalhos de campo de médicos ingleses, no século XIX, junto ao operariado³¹, recorreram a essa prática, incentivados por um jovem teólogo alemão, exatamente em 1890. Antes mesmo – sem falarmos em Heródoto que caminhava longas distâncias recolhendo depoimentos de vidas – o historiador francês Michelet, ao escrever a História da Revolução Francesa, 1847-53, procurou testemunhas oculares. Antes de meados do século XX, os trabalhos que caminharam nesse sentido aconteceram de forma isolada, estando além da prática de suas épocas, como foram os casos citados dos médicos ingleses e de Michelet.

A documentação oficial, certamente, não alcança as conseqüências sócio- culturais da transformação pela qual passou Florianópolis, após os anos 60, na vida de muitos ilhéus. Se o discurso político se faz visível por meio de jornais, revistas e edições organizadas pelos próprios assessores dos prefeitos, a fala dos moradores locais parecem boicotadas, como se não tivessem nenhuma contribuição a fornecer nesse processo no qual são

²⁹ THOMPSON, Paul. Op. Cit.

³⁰ Ibidem, p.103.

³¹ Ibidem, p. 67.

atores fundamentais, uma vez que estão diretamente conectados com os visitantes da cidade.

Essa conexão ocasiona inúmeras transformações, como, por exemplo, a perda de alguns hábitos e a incorporação de tantos outros. Um dos hábitos, incorporados com a vinda dos “de fora”, foi o banho de mar, ou de lagoa, tão explorado no livro de Sérgio Luiz Ferreira³² e lembrado nestas passagens:

*“Vinha muita gente da cidade, ou comprar renda,
ou passear, por causa da praia.
Não tinha essa estrada.
A Avenida das rendeiras era mato.
Era mato que não passava quase duas pessoas juntas.
(...)
Eu não ia à praia.
Naquele tempo não se usava andar na praia.
Nem passear de canoa.
Ainda hoje as pessoas daqui não vão à praia.”³³
(Carolina – Retiro da Lagoa)*

Um outro depoimento sobre o tema revela que realmente o banho de mar causou estranheza entre os tradicionais moradores da região. Na verdade, o mar e a própria Lagoa eram locais onde se ia para pescar. Muitos pescadores, refiro-me aos mais velhos, dizem não saber nadar. Freqüentar o mar e tomar banho são para eles duas atividades completamente distintas – mais um fato que nos comprova a construção de novos hábitos e relações sociais no mundo natural.

*“Banho na lagoa nós não tomávamos.
O banho era em casa, numa gamela.
Às vezes morria um na lagoa.
A gente perguntava:
Cadê o fulano?
Ele sumia e já estava morto na lagoa.
Ficava atolado na lama.
Na lagoa eu não ia. Podia ficar lá e não voltar.”³⁴
(Eritiano – Porto da Lagoa)*

³² FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Ed. das Águas, 1998.

³³ BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino, Op. Cit., p. 57.

³⁴ Ibidem, p.61.

Dona Felicidade Corrêa, a Dadinha, já foi rendeira e aborda outros pontos interessantes do crescimento do turismo na Ilha. Para ela a burocracia também assusta, ao ocupar espaços, até então, de livre acesso:

*“Desde os seis anos de idade eu faço renda.
Eu tive lojinha na Joaquina muito tempo, mas eu desisti.
Vendia pouco porque tinha muita lojinha
na Avenida da Rendeiras.
Você sabia que nessas lojinhas de renda de bilro,
tá todo mundo pagando?
Eu fiquei boba ...
Se não tiveres o alvará, a prefeitura vai lá e pega tudo !
Coitadas, elas perdem tudo ...”³⁵
(Dadinha – Estrada Geral da Joaquina)*

Seu Jojoca – Graciano Manoel Corrêa – foi procurado por ser um dos 10 herdeiros vivos do homem que, segundo depoimento de seu filho Vilson, já possuiu uma escritura pública de grande parte do território da Joaquina. Aliás, é ele quem fala com clareza sobre tais acontecimentos. Frisa a ingenuidade do avô que vendeu suas terras por pouco, quando não as dava. Tudo começou com os terrenos mais valorizados, sobrando para a família os espaços menos “nobres” – se bem que, na atualidade, toda a região é muito bem cotada. Essa “distribuição” de terrenos é até os dias de hoje lembrada com pesar, além de ter gerado desentendimentos familiares, pois uns se sentem menos privilegiados do que outros, na atual ocupação dos lotes destinados aos herdeiros.

³⁵ CORREA, Felicidade Ana – conhecida por Dadinha. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.* Florianópolis, 23 jul. 1999.

*“Antes da Joaquina ser descoberta,
o meu avô tinha estas terras.
Foram vendidas ou doadas para algumas pessoas.
Se ele olhasse no teu rosto e gostasse da tua cara,
dizia que sim, caso quisesse comprar um terreno dele.
A melhor parte do terreno da Joaquina,
é de um magnata da cidade:
é a parte do costão, onde tem um casarão.
Ele deu de presente essa parte.
Onde tem o Cris Hotel , ele doou também.
O terreno do estacionamento da prefeitura foi vendido,
mas ninguém ainda recebeu o dinheiro.
Quando meu avô morreu,
tivemos que fazer uma vaquinha da família inteira
prá poder comprar o caixão”³⁶.
(Wilson – Estrada Geral da Joaquina)*

Seu Jojoca foi pescador profissional e diz que não ganhava nem para voltar para casa. Sua esposa, dona Dadinha, não conseguiu aposentar-se, pois “deixou de contribuir”. Resolveram montar uma “casinha” para alugar aos turistas. Reclamam que os aluguéis são inconstantes, que os turistas, às vezes, vão embora e não pagam a conta, fora a concorrência de outros alojamentos mais bem preparados na região. Essa concorrência é difícil de ser superada, devido à disparidade financeira entre os habitantes locais e os de fora - que se mudam, muitas vezes, para a Ilha com o objetivo de investir no turismo. Na região estudada, muitas são as pousadas administradas por paulistas, gaúchos e argentinos; sem contar os hotéis próximos às dunas e à própria praia:

*“É muita coisa prá alugar.
Têm essas pousadas feitas pelos ricos,
com tudo do dia: são bonitas.
O pessoal de fora quer luxo.
Então aqui, a gente aluga dez dias,
depois fica dez dias sem alugar.
Aluga por mais cinco e pára três ou quatro.
É uma situação que não adianta.
Uma vez aluguei prá um casal
que foi embora e não pagou.*

³⁶ CORRÊA, Vilson. Op.Cit.

*No verão sempre se aluga um pouco,
no inverno a gente não aluga,
Então, nossa vida é assim ...”³⁷.
(Dadinha – Estrada Geral da Joaquina)*

As obras de urbanização da Lagoa atraíram novos moradores para a região, até então de difícil acesso, iniciando um crescimento acelerado dos arredores. A chegada desses novos personagens, cujo olhar para a Lagoa não era de sobrevivência, mas sobretudo de contemplação, fez com que muitos não se preocupassem com a salubridade da mesma. O fato marcou profundamente seu Jojoca, interferindo em práticas que gostava e das quais optou por abdicar.

*“O pessoal de fora acabou com a Lagoa.
Antes meu pai tarrafeava camarão,
ali tinha um lajão.
Eu tinha uma tarrafa de caramujo
e junto com meu primo, e uma porção de gente,
nós enchíamos de camarão.
Eles fizeram umas vinte e poucas casas,
em cima do lajão.
Onde fizeram a fossa e o sumidouro?
Jogam tudo na Lagoa.
Com a pobreza que tenho,
não como peixe da nossa Lagoa”³⁸
(Seu Jojoca - Estrada Geral da Joaquina)*

Assim como a urbanização, a visível e desconcertante poluição da Lagoa é levantada. O surgimento de espaços de lazer e de entretenimento, tais como boates e bares, para preencher uma demanda dos visitantes da Ilha, desejosos de divertimento noturno – a praia é o programa matinal e vespertino – fez com que o silêncio e a tranquilidade habituais sofressem interferências. Essa perda do sossego noturno também se mostrou um problema:

³⁷ CORREA, Felicidade Ana. Op. Cit.

³⁸ CORREA, Graciano Manoel. Op. Cit.

*“Tem gente boa de fora,
mas tem muita coisa ruim.
Uma vez fizeram um bar,
nós passamos aqui seis meses sem dormir.
Passamos o maior trabalho com o pessoal.
Eles urinavam dentro das casas,
chegavam a fazer a precisão no terreno das pessoas.
Jogavam pedra, cervejinha pequena,
tinha até mulher nua nos carros.
Não adiantava chamar a polícia:
lá dentro eles controlavam,
mas a baixeza era aqui fora.
Se continuasse, metade do pessoal ia mudar.
Já pensou ...
Fizemos três ou quatro abaixo assinados.
Ou a gente fechava a casa e ia dormir com os filhos,
ou fazia café e ficava controlando o movimento.”³⁹
(Seu Jojoca - Estrada Geral da Joaquina)*

Um dos entrevistados, o Valdori – proprietário do conhecido Restaurante Caramujo, no canal da Barra – tem uma trajetória de vida muito interessante e também guiada, inicialmente, pelo contato com turistas, mas que se concretizou sem eles. Trabalhou vinte e seis anos como pescador profissional. Dentro das embarcações pesqueiras, sua principal função era o comando da cozinha, participando da pesca propriamente dita, quando precisava engordar seu orçamento. Abandonou uma vida que considerava confortável no Rio de Janeiro, para agradar ao filho que desejava um convívio mais intenso com os familiares. Tentou a pesca por aqui, mas logo percebeu que não ia conseguir manter-se, pois seu declínio já pertencia à esfera da realidade. Recebeu um convite para ajudar num bar/restaurante, na praia Mole e descobriu a atividade turística, ficando muito motivado com o setor.

³⁹ Ibidem

*“Eu fui convidado para ir na Mole trabalhar de cozinheiro.
Adorei o serviço, era a primeira vez que trabalhava com público.
Em barco de pesca é só homem,
a gente não vê nada, vai prá alto mar ...
Na Mole eu achei lindo, às vezes trabalhava de garçon.
O dono disse que eu levava jeito.
Em casa falava com a Nair e ficava com essa idéia ...
Ela dizia que eu deveria deixar a pesca
porque estava ganhando pouco.
As idéias lá da Mole foram amadurecendo.
Em 17 de abril, fomos fazer uma faxina no restaurante,
e o Deca falou que tinha acabado o serviço.
Continuaríamos em novembro, se a gente quisesse.
Cheguei em casa, liguei para umas pessoas
e disse que iria abrir um restaurante”⁴⁰
(Valdori – canal da Barra da Lagoa)*

O que há de peculiar nessa trajetória - considerada por Valdori, muito bem sucedida - é que, na atualidade, ele não vive dos turistas, mas dos moradores de Florianópolis. Na verdade, os turistas sempre representaram muito pouco de sua clientela. Serviram de estímulo inicial, mas nunca como fonte de renda principal ao revelar que *“minha clientela é 90% da Ilha, no verão, o movimento é fraco.”*⁴¹.

Quando surgiu a vontade de trazer para este trabalho a dimensão da experiência, inspirei-me, inicialmente, em E.P.Thompson⁴². Seus textos alertaram-me para a importância das ações humanas e suas complexidades sócio-culturais, uma possibilidade de análise que foge das conhecidas explicações baseadas no determinismo econômico. Seus escritos sobre a *Formação da Classe Operária Inglesa*⁴³ não foram somente um alerta, mas verdadeira fonte de inspiração. A superestrutura e seus

⁴⁰ Valdori - Canal da Barra da Lagoa. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestrande do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.* Florianópolis, 10 maio 1999.

⁴¹ *Ibidem*

⁴² THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v.

⁴³ THOMPSON, Edward Palmer. *Op. Cit.*

grandes personagens não eram o enfoque prioritário desse texto que dedicou muitas passagens “à gente simples”.

Esses personagens, impregnados pelo discurso que vislumbrou a transformação da cidade, elaboraram projetos, viveram decepções e viram, em alguns casos, sonhos realizarem-se:

*“Na minha infância, o que eu comia, quando era garoto,
era caldo de peixe, era peixe assado e pirão de farinha.
Aqui, a gente elaborou um cardápio parecido.
Era um sonho meu.
Esse sonho teria que virar realidade, e está virando.
Estou satisfeito e feliz com tudo isso.
(...)
O maior elogio são dos paulistas.
O paulista sai de casa prá comer bem e gasta muito.
Aqui eles comem bem e não gastam muito.
Essa é a opinião que eles dão sempre.
Meus pratos são bem servidos.”⁴⁴
(Wilson - Joaquina)*

Em outros casos, há frustração:

*“Vendi tudo minha filha.
Só tenho a casa.
Sabe o pasto onde estão minhas vacas?
Já foi meu, mas não é mais.
O rapaz quer construir.
Só me explica, onde vou pôr meus animais?
Ele vai ter que esperar ...”⁴⁵
(Jojoca - Joaquina)*

Dentro da proposta de entrar em contato com algumas experiências sobre o fenômeno que transformou a “pacata” Ilha em “capital turística”, e seus reflexos na vida de tradicionais moradores, meu aprendizado foi enorme. Até pirão aprendi a fazer, ao indagar se o turista comia como os “manezinhos”. A sofisticação e reelaboração dos pratos, para agradar o paladar dos forasteiros, fica evidente:

⁴⁴ CORRÊA, Vilson - Estrada Geral da Joaquina. Op. Cit.

*“Eu sou manezinho, como pirão com água morna.
Um minuto de água no micro já tá bom..
É só pegar aquela água morna, quase quente,
e fazer um pirãozinho...
É um grude que a gente chama de pirão escaldado.
O pirão pro meu cliente é diferente.
Eu pego o peixe, tiro a espinha dorsal e cozinho a cabeça.
Desfio tudo para não deixar espinhos, aproveito todo peixe.
Pico os temperos: salsinha, cebola, tomate, coentro e orégano.
Faço um recheio com tudo isso e deixo ferver um pouco.
Quando o molho está basicamente preparado,
eu pego, a farinha.
Mexo com água fria para não dar aquelas bolotas.
Misturo com aquele molho, e tudo se transforma num pirão.
É o pirão mais famoso da Lagoa.
Eu tenho muita gente de São Paulo
que vem só para comer meu pirão.”⁴⁶
(Wilson – Estrada Geral da Joaquina
Restaurante Entre Amigos)*

Sobre o assunto culinária, Vilson tem muito a dizer. Só faz seqüência de camarão *“se for preciso. O tradicional é a Caldeirada de Camarão, que é o antigo Caldo de Camarão da Lagoa: famoso, né?”⁴⁷*

O contato com esses depoimentos comprovou, o que afirma Joan Scott, ou seja, a experiência produz pessoas e identidades: *“Não são os indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos são constituídos pela experiência”⁴⁸*. É preciso perceber a experiência dentro de seu contexto histórico, só assim, entenderemos os caminhos trilhados pelos depoentes. Esse projeto urbano para Florianópolis ilhoa, evidenciado no discurso político do momento, abriu caminhos que marcaram muitas vidas, inclusive a minha. Nesses anos em que me aproximei das experiências apresentadas ao longo do texto, reelaborei idéias sobre as transformações que o contato com os “de fora” proporciona. A experiência não é necessariamente negativa, todavia acarretou transformações profundas no modo de vida de

⁴⁵ CORREA, Graciano Manoel. Op. Cit.

⁴⁶ CORRÊA, Vilson - Estrada Geral da Joaquina. Op. Cit.

⁴⁷ Ibidem

⁴⁸ SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. Projeto História, São Paulo, n.16, fev. 1998. p.324.

outrora. Baseando-se no universo dos depoimentos apresentados, uma afirmação é verdadeira: não se vive do turismo, sobrevive-se. O dinheiro, fruto da atividade turística, é uma complementação da renda familiar. Os homens mais velhos possuem, geralmente, uma aposentadoria como pescador. Valdori, o proprietário do restaurante Caramujo, considera-se bem sucedido. Porém, tem clareza de que são os moradores de Florianópolis que movimentam seu negócio. O contato com o turista foi um elemento motivador para que montasse o restaurante, largando por definitivo a pesca já decadente.

Descobrir os espaços da memória foi um dos grandes acréscimos de *Lembranças de Velhos*⁴⁹, escrito por Ecléa Bosi. Também, em seu capítulo “*Se me deixam falar*”⁵⁰, a professora Maria Bernardete Ramos Flores aborda o mesmo tema, identificando os lugares de memória que havia encontrado em suas entrevistas. Para Ecléa Bosi, o ambiente doméstico – dentro e fora – e a vida cotidiana revelam aos leitores uma grande parte dos lugares que representam a infância e a juventude. Dentre muitos espaços de memória, cita atividades cotidianas como o tricotar e o quintal, assim como a simplicidade dos objetos, que, por mais simples, não têm preço – tais como as pedras da cidade natal... Para a professora Bernardete Flores, nos espaços de memória de seus entrevistados, a festa está constantemente presente pela lembrança dos preparativos, das roupas, dos acompanhantes, entre outras...

O declínio da renda de bilro, a especulação imobiliária, a sazonalidade do turismo, a concorrência, a precariedade dos empregos, a burocracia e a inevitável transformação da paisagem e

⁴⁹FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi* – palavras, sentidos e ficões. Op. Cit. 1987.

dos hábitos, assim como a chegada de alguns confortos da vida moderna – entre outros tópicos, como a perda da tranquilidade – marcaram histórias de vida.

A experiência criou identidades e reformulou sociabilidades a partir das rápidas transformações impressas na cidade, desde a década de 60. Ela apresenta olhares sobre essa movimentação da cidade, representando importantes espaços de memória dos atores dessa trama.

⁵⁰Ibidem, p. 143-160.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trilhar os caminhos da transformação de Florianópolis entre os anos 60 e 80, por meio de discursos e depoimentos, permitiu com que visualizasse uma parcela da dinâmica da cidade e percebesse a concretização de uma utopia urbana. A cidade é viva, adquire constantemente novos contornos, um reflexo da existência de uma intensa movimentação humana em torno dela. São justamente os cidadãos - uns mais, outros menos atuantes - que conferem vida à cidade.

Se hoje ela se encontra dividida ideologicamente, essa divisão deve-se também à instalação do discurso ecológico que representa um importante contra discurso nas forças sociais. O mesmo não aconteceu no projeto de cidade que se vislumbrou, no período estudado e pesquisado, com o qual convivi por uma dezena de meses. Pareceu existir, naquele momento, um certo pacto social ao redor dos projetos políticos quanto aos rumos que se estavam delineando. Mesmo que de partidos diferentes, os prefeitos que se revezaram na administração da cidade, defenderam posições parecidas quanto ao desenvolvimento econômico do município. Esses discursos naturalizaram a vocação da Ilha, não deixando transparecer rupturas. A transformação percebida nesse espaço ia ao encontro de uma vontade nacional de modernização e de desenvolvimento. Uma explicação baseada no medo de perder o título de capital do Estado, assim como no desejo de romper com sua imagem de *“buraco entre o Rio Grande do Sul e o Paraná”*¹. Da mesma forma que os dirigentes da Nação Brasileira concebiam e traçavam

¹ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Op.Cit., p. 63.

um país de visibilidade no cenário internacional, a “pacata” Florianópolis ansiava por destaque regional: era uma questão de sobrevivência e de manutenção de seu status de capital.

O resultado da modernização da Ilha de Santa Catarina proporcionou muito mais: Florianópolis consolidou, inquestionavelmente, uma imagem no cenário nacional, sendo também objeto de desejo de férias de vizinhos, principalmente argentinos e uruguaios.

A “Florianópolis Capital Turística” é formada de inquestionáveis “belezas naturais”, são 42 praias, muitas adequadas para o banho – e para todos os gostos – além de montanhas, duas lagoas, mata nativa “intocada”, entre inúmeras outras qualidades. Tais características contribuíram para que fosse encontrada uma vocação para a cidade, fato naturalizado pelos discursos que ajudaram a construir essa idéia. Tentei desmitificar essa afirmação, demonstrando que são os discursos que dão ênfases diversificadas, em diferentes momentos, à relação que a sociedade estabelece com o meio ambiente.

O elo entre o fomento do turismo diretamente relacionado com o discurso ecológico, apesar desses discursos chegarem à cidade em momentos diferentes, é fortíssimo. Mesmo se a emergência da idéia de “desenvolver” Florianópolis, relacionando-a ao turismo, precede de alguns anos a chegada do movimento ambientalista, turismo e natureza são imagens indissociáveis na atualidade. A vontade de grupos urbanos estarem buscando estímulos complementares aos vividos nos grandes centros urbanos, deu forças a esse elo, que continua sendo muito apropriado. Os discursos políticos, desde final dos anos 60,

abordam a questão da natureza, todavia a concepção que se tinha de proteção baseava-se na sua “domesticação”, no seu controle. Assim sendo, os modernos traçados urbanos que a “pacata” Florianópolis começa a receber já na década de 60, ou seja, o planejamento “cartesiano” da Ilha, encontra terreno favorável para seu estabelecimento. Nessa linha de pensamento, surgem diversas políticas públicas e instituições, como por exemplo o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – o IPUF. Ele representa a institucionalização desse projeto.

Tais políticas públicas foram vividas profundamente como experiência pela população local. Baseada em alguns relatos de vida, tentei acrescentar mais uma faceta das inúmeras visões sobre o desenvolvimento econômico da Ilha calcado no desenvolvimento turístico. Esse desejo de dar visibilidade às experiências levantou uma importante questão: como trazer sua dimensão para um universo de grandes discursos e projetos? Pareceu-me fundamental abordar a vivência de outros personagens dessa trama, muitas vezes sem voz nos meios de comunicação convencionais. A história oral foi um instrumento essencial para se chegar a algumas das conseqüências dessa influência do discurso do desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina, apoiado no turismo. Existe um desejo de valorizar preciosos relatos de parte dos atores da trama aqui narrada, assim como de complementar os acontecimentos, de lançar um outro olhar para os fatos, praticamente não relatados ao grande público pelos meios de comunicação de massa – rádio, televisão, jornais e revistas – que pouco espaço destinam às pessoas “comuns”. Esses personagens demonstraram o sentimento de não querer ver suas experiências simplificadas e, muitas vezes,

esquecidas ou, até mesmo, perdidas. Penso aqui nos que se vão. Assim, todos os que procurei, contaram, explicaram e relataram, com grande espontaneidade, suas emocionantes lembranças. Nessa pesquisa, essas pessoas têm nome, Valdori, Jojoca, Dadinha, Terezinha e Vilson, entre outras, citadas ao longo do texto. Elas são, também, fruto da experiência histórica que viveram e que concordaram em dividir.

Dentro desse cenário de planos e propostas para desenvolver a economia da Ilha, os personagens, por suas histórias de vida, comprovam a tese de que o turismo não se confirmou como fonte de renda segura e não trouxe a estabilidade financeira imaginada. O que ele acarretou, foram muitas mudanças em hábitos costumeiros ... Apesar de fortes, os impactos culturais não são uma preocupação do discurso político, mais engajado com a recriação das tradições do que com a tradição propriamente dita. A recriação está ligada ao retorno econômico, pois seduz os visitantes que se quer atrair.

Essa história apresenta um olhar sobre esse processo pelo qual passou a Ilha de Santa Catarina. É uma clara preocupação em entender algumas de suas transformações sociais, culturais e ambientais no momento da elaboração e concretização dessa utopia urbana de meados do século XX, que mobilizou diversos segmentos da cidade e que contribuiu para a formulação da identidade de Florianópolis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

1. Entrevistas

- CORREA, Felicidade Ana – conhecida por Dadinha. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 23 jul. 1999.
- CORREA, Graciano Manoel – conhecido por Jojoca. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 23 jul. 1999.
- CORRÊA, Vilson - Estrada Geral da Joaquina. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 15 jun. 1999.
- LAURINDO – Freguesia . In: BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. *Vozes da Lagoa*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes / Fundação Banco do Brasil, 1995. p. 89.
- LIBÂNIO, João. In: BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. *Vozes da Lagoa*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes / Fundação Banco do Brasil, 1995. p.61.
- MARTINS, Lócio. In: BORGES, Elaine & SCHAEFER, Bebel Orofino. *Vozes da Lagoa*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes / Fundação Banco do Brasil, 1995. p.62.
- SOARES, Doralécio. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis.
- VALDORI - Canal da Barra da Lagoa, proprietário do Restaurante Caramujo. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 10 maio 1999.
- VIEIRA, Sílvio Manoel. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 19 maio 1999.
- VIEIRA, Tereza Peres – conhecida por Teresinha. *Entrevista formal concedida a Leonora Portela de Assis, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis, 19 maio 1999.

2. Documentos Oficiais

- AMIN, Esperidião. Começa o tempo de Amin. *Florianópolis – De um futuro comprometido a um compromisso com o futuro – 1975/1978*. Florianópolis, ago. de 1978. p.6. Relatório sobre a administração Municipal de Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- _____. O processo de planejamento: padrão da capital brasileira é deformado. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981, p.9. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- BOND, Luiz Fernando Arzua, GOULART, Vana. A poluição das praias é talvez o maior desafio. *O Estado*. Florianópolis, 10 abr. 1983, p.16. Edição Especial: *A Cidade que o prefeito vai encontrar*. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- COMPROMISSO de Governo – PPB/PSDB/PTB – Força Capital: Ângela Amin e Péricles Prade. Florianópolis, ago. 1996. p. 8: Desenvolvimento Económico – turismo. Acervo pessoal.

- CORDEIRO, Francisco de Assis. O Prefeito e a Cidade. *O Estado*. Florianópolis, 31 mar. 1981, p. 12 e 13. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- D'EÇA, Luiz Felipe da Gama Lobo. *Acácio Garibaldi: tributo*. *AN Capital*, Florianópolis, 12 jul. 1997. p.2. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- EMBRATUR. *Secretaria de Turismo de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Ilha de todos os sonhos*. Florianópolis, s/d. Planfleto de divulgação turística – Acervo pessoal.
- FLORIANÓPOLIS – origens e destino de uma cidade a beira-mar. *Diário Catarinense* – Documento. Florianópolis, 27 mar. 1996, p.3. Artigo não assinado. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- GOVERNO do Estado de Santa Catarina. Plano de Governo Viva Santa Catarina. Florianópolis, s/d. *Paulo Afonso: Apoio ao Turismo*. Acervo da Biblioteca da SETUR.
- GRECCA: *é preciso inventar o futuro*. *O Estado*, Florianópolis, 22 fev. 1999. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- INVESTIMENTOS constantes para melhorar a vida dos catarinenses. *O Estado*. Florianópolis, 1986, p.4. Suplemento Especial – Florianópolis meu amor. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- O INÍCIO da invasão. *Diário Catarinense* – Documento. Florianópolis, 27 mar. 1996, p.3. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- OLIVEIRA, Ary. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- PLANEJANDO o Turismo. *O Estado*, Florianópolis, 27 ago. 1997. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- PREFEITURA Municipal de Florianópolis. *Florianópolis meu Amor*. Florianópolis, ago. 1982: A Necessária Utilização do Aterro. Edição sobre a Prefeitura na ocasião do aniversário da cidade. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- PREFEITURA Municipal de Florianópolis. *Florianópolis 1975-1978: de um futuro comprometido a um compromisso com o futuro*. Florianópolis, 1978. p.6: Começa o Tempo de Amin. Relatório sobre a administração Municipal de Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- PREFEITURA Municipal de Florianópolis. Florianópolis, 1982. *Uma nova ordem para se desenvolver Florianópolis - Planejamento e administração*. Edição sobre a Prefeitura na ocasião do aniversário da cidade. Acervo da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Florianópolis.
- PREFEITURA Municipal de Florianópolis. Florianópolis - Há três anos vale mais a pena. Florianópolis, 22/03/92. p.03. *Bulcão Viana em Prefeito fala sobre sua cidade*. Edição sobre a Prefeitura na ocasião do aniversário da cidade. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- PREFEITURA Municipal de Florianópolis. *Slogan da administração municipal de Édison Andrino*. Florianópolis, dez. 1988. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

- PREFEITURA Municipal de Florianópolis. Uma cidade difícil: o vai-e-vem do Plano Diretor. *Florianópolis – De um futuro comprometido a um compromisso com o futuro – 1975/1978*. Florianópolis, ago. de 1978. p.5. Relatório sobre a administração Municipal de Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Artigo não assinado. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- REVISTA DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA DE SANTA CATARINA, v.2, n.7, maio, 1951. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.
- REVISTA DE NEGÓCIOS MUNICIPAIS. A prioridade de Sérgio Grando, prefeito de Florianópolis (SC), é atrair turistas dos países do Cone Sul com um espaço urbano humanizado. Ano7, n.59, mar./abr. 1993, p.10. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- RIBAS, Antônio de Lara. *Florianópolis e o Turismo*. Rio de Janeiro, 1960. In: FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998. p. 106.
- SANTIAGO, Acácio Garibaldi. “As raízes do Planejamento”. *O Estado*, Florianópolis, 31 mar. 1981. Edição Especial: *Uma cidade boa de se viver – Florianópolis ano 255*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- _____. Uma cidade difícil: o vai-e-vem do Plano Diretor. *Florianópolis – De um futuro comprometido a um compromisso com o futuro – 1975/1978*. Florianópolis, ago. de 1978. p.5. Relatório sobre a administração Municipal de Florianópolis no período de 20 de setembro de 1975 a 14 de agosto de 1978, gestão Esperidião Amin Helou Filho. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- SLOGAN do mandato de Francisco de Assis Cordeiro. *O Estado*. Florianópolis, ago. 1978. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.
- SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.
- _____. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.2, 1956. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.
- VIANA, Antônio Henrique Bulcão. Prefeito fala sobre sua cidade. Florianópolis, 23 mar. 1992. Edição sobre a Prefeitura: *Florianópolis há três anos vale mais a pena*. Acervo da Biblioteca da Fundação Franklin Cascaes.

3. Bibliografia citada

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quebradeiras de Cocô Babaçu: Identidade e Mobilização*. São Luís: Terre des Hommes, 1995.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “empate” no Acre. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n.28, p. 247-267, 1998.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *Fronteiras Internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20*. In BRANCHER, Ana (org.) *História de Santa Catarina- estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1999.
- ARNT, Ricardo Azambuja. Seria Mais Prático Ladrilhar? ANDERSON et al. *O Destino da Floresta: reservas extrativistas e desenvolvimento sustentável na Amazônia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BECK, Anamaria. A utilização dos recursos do mar através da história. In: LEDO, B. (Org.) *O mar e seus recursos*. Florianópolis: UFSC, 1980.

- _____. *O problema do conhecimento histórico dos Sambaquis do litoral do Brasil*. Florianópolis, 1974.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Canto de Morte Caiowá*. São Paulo: Loyola, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.
- BRANCHER, Ana (org.) *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1999.
- CABRAL, Luiz Otávio. *Bacia da Lagoa do Peri: sobre as dimensões da paisagem e seu valor*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- CARNEIRO, Glauco. *Florianópolis: Roteiro da Ilha Encantada*. Florianópolis: Expressão, 1987.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Ática, 1999.
- CARUSO, Mariléia Martins Leal. *O desmatamento da Ilha de Santa Catarina : de 1500 aos dias atuais*. Florianópolis: UFSC. 1990.
- CAVALCANTI, Clóvis (org.) *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. São Paulo: Ed. Cortez, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.
- CECCA – Centro de Estudos Cultura e Cidadania. *Uma Cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular/CECCA, 1997. 248 p.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHAUVEAU, Agnès. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CORREIA, Carlos Humberto P. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1978.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- DUARTE, Paulo Apud ROSA, Cristyane Cesario da. *Pré-História Brasileira*. São Paulo, IPH/USP, 1968. In: *Sambaquis: Ícones da destruição dos sítios arqueológicos em Santa Catarina*. TCC – Departamento de História da UFSC.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FARIA, Luiz de Castro. *O problema da proteção dos Sambaquis*. Separata dos arquivos do Museu Nacional, V.XLIX: 95-138, Rio de Janeiro, 1959.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

- FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi: Palavras, Sentidos, Ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- _____. *OKTOBERFEST: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- GABEIRA, Fernando. A Idéia de um Partido Verde no Brasil. In: PÁDUA, José Augusto (Org.). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). *Ilha de Santa Catarina: Relato de viajantes estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1990.
- KOFES, Suely & PISCITELLI, Adriana. *Memória de "histórias femininas", memórias e experiências*. Cadernos Pagu, n. 8/9, p. 345, 1997.
- LAGO, Paulo Fernando. *Florianópolis: a polêmica urbana*. Florianópolis: Palavra Comunicação/Fundação Franklin Cascaes, 1996.
- LEIS, Héctor Ricardo & D'AMATO, José Luis. O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.) *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 1995.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- PEDRO, Joana Maria & FLORES, Maria Bernardete Ramos (Orgs.) *(Re)inventando a cidadania: a história do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis*. Florianópolis: SINERGIA, 1994.
- PERELMUTTER, Daisy & ANTONACCI, Maria Antonieta (Orgs.). Ética e História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n.15, p.10, abr. 1997.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Ética e História Oral. Projeto História*, São Paulo, n.15, p.13-50, abr. 1997.
- RÉMOND, René. Quelques questions de portée générale en guise d'introduction. In: *Écrire l'Histoire du Temps Présent: en hommage à François Bédarrida*.
- RIOUX, Jean Pierre. Entre História e Jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès (Org.) *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.121.
- _____. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès (Org.) *Questões para a história do tempo presente*. Bauru, SP, Edusc, 1999. p.40 e 41.
- RUSCHMANN, Dóris. *Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio-ambiente*. Campinas/SP: Papirus, 1997.
- SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. *Projeto História*, São Paulo, n.16, fev. 1998. p.297-325.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 - 1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 39-62.
- SOARES, Doralécio. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.1, 1955. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Florianópolis Turístico*, Florianópolis, v.2, 1956. Acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIOLA, Eduardo. Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. In: PÁDUA, José Augusto (Org.). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo e IUPERJ, 1987. p. 63-109.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na literatura e na História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

4. Bibliografia consultada

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, vol.I – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: brasiliense, 1987.

BERGAMIN, Sig. *Chique é o puro, o simples – O manifesto apaixonado de um arquiteto que reflete sobre o caminho para o bom e o belo*. In: Ícaro Brasil – revista de bordo Varig. Nº 161, 1997.

BERNSTEIN, Serge, MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, Agnès (Org). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP, Edusc, 1999.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. São Paulo: Ática, 1996.

BONETI, Lindomar Wessler. *O Silêncio das Águas: políticas públicas, meio ambiente e exclusão social*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.

D'OREY, Fred. *Surfe e Vocação Turística*. Diário Catarinense, 22 jul. 1992. p.03. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

EXPEDIÇÃO Langsdorf – *A aventura que desenhou o Brasil*. In: Revista Terra, ano 7, nº3, mar. 1998. p.30-35.

FERRY, Luc. *A Nova Ordem Ecológica : a árvore, o animal, o homem*. São Paulo: Ensaio, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *Paixão da Terra*. Rio de Janeiro: SOCII, 1984.

- _____. *Nos Varadouros do Mundo (da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira: do seringal à reserva extrativista)*. Tese (Doutorado em Geografia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. *A nova intransparência: a crise do estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas*. Novos Estudos CEBRAP, n° 18, setembro de 1987. p. 103 – 104.
- JODELET, Denise. *Les Répresentations Sociales: regard sur la connaissance ordinaire*. Sciences Humaines, n° 27, abril 1993.
- LAGO, Antônio, PÁDUA, José Augusto. *O que é Ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEBRUN, Gérard. *O que é poder?* São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LUPI, João e LUPI, Suzana. *São João do Rio Vermelho: memória dos Açores em Santa Catarina*. Porto Alegre: EST, s/d.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das Aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MONTIBELLER FILHO, Gilberto. *O Mito do Desenvolvimento Sustentável*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – UFSC, Florianópolis, 1999.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX – Necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. *Cultura de Massas no Século XX – Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- PÁDUA, José Augusto (Org.) et al. *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas/SP: Papirus, 1993.
- PINTO, Antônio Carlos Brasil. *Turismo e Meio Ambiente: aspectos jurídicos*. Campinas/SP: Papirus, 1998.
- RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social - Rev. Sociol. USP*, S.Paulo, v.7, n.1/2, p. 67-82, out. 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. O Dissenso. In: NOVAES, Adauto (Org.) *A Crise da Razão*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.367 – 383.
- REJOWSKI, Mirian. *Turismo e Pesquisa Científica*. Campinas/SP: Papirus, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). *Turismo e Ambiente: reflexões e propostas*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- _____. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *Memória Cidadã: História e Patrimônio Cultural*. Anais Mus. Hist. Nac., Rio de Janeiro, v. 29, p. 1-290, 1997.
- _____. Entre a Destruição e a Preservação: notas para o debate. In: *Memória, Cidade e Cultura*. Cléa Schiavo (org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

- SERRANO, Célia & BRUHNS, Heloisa (Orgs.). *Viagens à Natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas/SP: Papirus, 1997.
- TURNER, Frederick. *O espírito ocidental contra a natureza: mito história e suas terras selvagens*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Edunb, 1992.
- VIEIRA, Liszt. *Fragmentos de um discurso ecológico*. São Paulo: Gaia, 1990.
- WALDMAN, Mauricio. *Ecologia e lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história*. Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: HUCITEC, 1999.
- WOLFF, Ruy Ávila. Recursos Naturais e Pequena Produção Rural em Sorocaba de dentro e Amâncio (Biguaçu-SC). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.